

“Vê-se primeiro um mar
de pedras. Vagas e vagas
sideradas, hirtas e hostis,
contidas na sua força
desmedida pela mão
inexorável dum Deus criador
e dominador. Tudo parado
e mudo. Apenas se move
e se faz ouvir o coração no
peito, inquieto, a anunciar
o começo duma grande hora.”

Um lema, um povo

“Para cá do Marão, mandam os que cá estão” é o dito mais orgulhosamente reiterado pelos habitantes das Terras de Trás-os-Montes. Numa só afirmação, encontram-se lema e sentença, ordem de vigília e bandeira – e a descrição mostra-se cada vez mais certa quanto mais descobrimos a profundidade das relações entre as pessoas e o território.



O povo das Terras de Trás-os-Montes forma comunidades onde a individualidade não se dilui pelo conjunto nem se sujeita a terceiros, especialmente se estes forem de fora. Cada um é capaz de “mandar”, o que se traduz na escolha autónoma do seu caminho, acarretando as decisões e responsabilidades que lhe concernem. Ainda assim, há uma ligação partilhada por todos, que começa na identidade de lugar e se estende pela vontade comum de resistir a qualquer tipo de gestão externa – se foram os modelos e os costumes do poder central que batizaram o território em termos que sugerem a sua intransponibilidade, então que seja feita a sua vontade. A implicação é clara: aqui, cada pessoa é senhora de si e, através desse traço comum, formam um só povo, no âmago do qual não se distinguem poderes ou autoridades superiores.

“Para cá do Marão” reclama uma fronteira, através da qual se confirma o sentido de território e a diferença – todos os que “cá estão” são independentes dos de fora e emancipados entre si. Para entender o desenvolvimento deste espírito tão particular, devemos debruçar-nos sobre as características do território.

“Sente-se um calafrio.
A vista alarga-se
de ânsia e de assombro.
Que penedo falou?
Que terror respeitoso
se apodera de nós?
Mas de nada vale
interrogar o grande
oceano megalítico, porque
o nume invisível ordena:
– Entre!
A gente entra, e já está
no Reino Maravilhoso.”

Miguel Torga
“Um Reino Maravilhoso”
(1941)

“Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias.”

Miguel Torga
“Um Reino Maravilhoso”
(1941)

Pisando o chão, cruzando as Serras, sentindo a passagem dos dias, apercebemo-nos do aspeto que serve de redoma a todas as outras características do território: a dureza. É aparente no solo ríspido, tanto na sua expressão granítica como xistosa.

É evidente no clima contrastante, entre frentes de calor e picos de frio, períodos de humidade e barragens de secura, nas horas de vendavais ou tempos de acalmia.

Expressa-se até na luta entre os dedos colossais que se levantam da crosta terrestre sobre a forma de serranias contra as torrentes caídas do céu que os parecem querer despedaçar.

Incrivelmente, estes contrastes conciliam-se para promover um espetáculo íntimo, um mapa “intocado”, que deslumbra pela naturalidade da sua beleza. Sobre um céu eterno, a paisagem multiplica-se em montanhas corpulentas e planícies vastas, onde rochas desagregadas pela força das chuvas e coberturas vegetais espontâneas ladeiam plantações e culturas como a vinha, o carvalho ou a oliveira, que – apesar de introduzidas pelo homem – parecem despontar com a benção do próprio território.

Aqui reside a magia tantas vezes esquiva à descrição: é precisamente da violência dos fenómenos que resulta um mundo profundamente acolhedor para quem ousa descobri-lo.

Quando nos debruçamos sobre o seu vasto e frequentemente contrastante leque de características orográficas e climáticas, é possível encontrar duas sub-regiões principais: a Terra Fria Transmontana, localizada essencialmente a norte, onde a altitude é mais elevada e o clima mais frio e húmido; e a Terra Quente Transmontana, situada mais a sul, que apresenta uma altitude menos acentuada e um clima mais quente e seco.



Situando-se no extremo Nordeste de Portugal continental, as Terras de Trás-os-Montes abrangem uma área terrestre de cerca de 5.540 km². Esta extensão é uma das ecologicamente mais ricas de toda a Europa, dadas as suas características biofísicas e a relação de harmonia que estas estabelecem com as suas outras especificidades, tais como os fatores demográficos e sociais.

Com 1486m de altitude, a Serra de Montesinho é a quarta serra mais alta de Portugal.



A Terra Fria (Vinhais, Bragança, Miranda do Douro, Vimioso e Mogadouro) caracteriza-se por relevos montanhosos e acidentados, sobre os quais se estendem invernos longos e rigorosos, frequentemente nevados e com noites que podem chegar aos graus negativos, seguidos de verões quentes e intensos – tal como ilustrado pela expressão popular “nove meses de inverno e três de inferno”. No início do ano, somos brindados por visões encantadoras como a das Serras da Nogueira e Montesinho, ou de Sanabria e da Culebra, cobertas de neve. Ou a dos vales profundos, que ladeiam os rios de Sabor, Rabaçal e Maçãs, pincelados por geadas gloriosas. Com a início do espetáculo primaveril do florescimento, o território eleva-se em verdes de onde despontam outras manchas coloridas. À chegada do verão, os amarelos estalam e tomam conta do cenário. Gradualmente, estes vão dando lugar aos ocres, vermelhos e pardos que anunciam o outono, envolvendo a paisagem num cobertor idílico.

Já a Terra Quente (Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor), sendo uma área de transição entre montanha e planície, distingue-se pelas suas superfícies aplanadas e levemente onduladas, onde os verões são pronunciados e os invernos chuvosos e com geadas frequentes. Entre os vales do Rio Sabor e as serras de Bornes e de Santa Comba, também a passagem das estações revela fascinantes variações na paisagem, inspirando à profunda contemplação. A aridez invernal deslumbra pela acutilância dos tons fulvos que produz, enquanto que a capa primaveral desvenda manchas floridas brancas e rosáceas. No verão, a intensidade do sol espelha-se no cenário, dourando-o e avivando ainda mais a paleta terrosa típica do território. No outono, os brilhos fulgurosos acentuam a riqueza das estruturas naturais e dos espaços humanos.

O rendilhado paisagístico é também influenciado pelos diferentes aproveitamentos dos solos que prevalecem em cada sub-região. A Terra Fria é ampla-

mente associada à produção de castanha em termos de expressão agrícola, mas não são apenas soutos que se distinguem no horizonte. Grande parte do território é ocupado por extensões florestais espontâneas onde prevalece o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) mas que se fazem cravejar também por sobreiros, azinheiras, oliveiras, freixos e zimbreiros. Estes alternam-se com áreas de pastagem e lameiros, nome dado aos seus enormes prados verdejantes, e ainda volumosas searas de trigo e centeio.

Na Terra Quente, a produção agrícola assume um padrão mais mediterrânico, que se associa ao cultivo de oliveira mas que também compreende a amêndoa, a cereja, o figo e a uva. Aqui, as florestas naturais confluem com manchas de matos e pastagens, e os seus bosques são sobretudo cobertos por sobreirais (*Quercus suber*), que alimentam a importante actividade de produção de cortiça.

O património biológico e geológico das Terras de Trás-os-Montes é riquíssimo e, cada vez mais, constitui alvo de estudo e motivo de atração – até porque estabelece o coração da Reserva da Biosfera Transfronteiriça (RBT) Mesa Ibérica, classificação atribuída pela UNESCO à região do nordeste de Portugal e áreas transfronteiriças das províncias de Zamora e Salamanca (Espanha).

Um símbolo maior da região são os seus magníficos produtos gastronómicos tradicionais. Seguindo os princípios da baixa transformação, muitos deles foram já agraciados com os selos de Denominação de Origem Protegida (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP). Estas iguarias fornecem autênticos testemunhos das tradições ancestrais, da cultura e do modo de vida das suas comunidades.

Na Terra Fria, o Porco Bísaro, raça autóctone portuguesa, é incontornável. Tal como são irresistíveis a alheira, a chouriça de carne, a chouriça doce, o chouriço azedo, o butelo de Vinhais, o Cordeiro Bragançano ou a posta mirandesa. Ou, ao nível do pescado, a truta das ribeiras de água fria, o barbo e a carpa. Indispensável ainda é a Castanha da Terra Fria,



A Serra de Bornes destaca-se pelas suas colinas, pequenos planaltos, vales profundos e esculpídos, alguns cursos de água e áreas de vales abertos.

Este território é constituído pelos municípios de Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Vila Flor, Vimioso e Vinhais, apresentando todos eles características e patrimónios culturais muito particulares – sendo enquadrados, sem exceção, por uma impressionante riqueza natural.

disponível em dez variedades – Amarelal, Aveleira, Boa Ventura, Côta, Judia, Lamela, Longal, Martainha, Negral e Trigueira. Mesmo referindo as casulas, os cuscus, o presunto e o folar, a lista de delícias regionais que há aqui a descobrir não estará completa.

A Terra Quente oferece a típica alheira de Mirandela, cujos ingredientes contemplam carne e gordura de porco, carne de aves, pão de trigo, azeite e banha, bem como o Queijo Terrincho e o Borrego Terrincho, obtidos do leite cru e da carne de ovelha de raça Churra da Terra Quente (e distinta da Churra da Terra Fria). Muito apreciado é também o seu azeite, produzido a partir das variedades Verdeal transmontana, Cobrançosa, Cordovil ou Madural.

Igualmente inconfundíveis são os seus méis, contando com o Mel de Montesinho e o Mel da Terra Quente, ambos produzidos pela espécie de abelha *Apis mellifera iberiensis* mas que revelando sabores muito distintos. Indiscutivelmente a referir, há ainda os pratos e produtos de caça, como o javali, a perdiz, o pombo-torcaz, a lebre e o coelho.

Se a gastronomia codificada nos fornece indícios culturais que remontam, pelo menos, há vários séculos atrás, os vestígios físicos presentes na região dão-nos provas de ocupação humana que se estende por mais de vinte mil anos de história. Desde a arte rupestre, cujas expressões mais arcaicas remontam ao Paleolítico Superior, passando pelos monumentos megalíticos, povoados fortificados da Proto-história e edificações dos períodos romanos e medievais, até às construções modernas, o território oferece variadíssimos testemunhos das práticas populares, eruditas, religiosas e pagãs dos seus habitantes ao longo das eras.



Admiravelmente, e apesar da enorme distância temporal que os separa, muitos laivos destas práticas parecem vingar ainda hoje nas tradições culturais que são tão orgulhosamente conservadas pelas povoações. As Festas de Inverno, por exemplo, tipificam ritos advindos de tempos em que a vida se organizava em torno dos ciclos agrário. Os titulares Caretos são historicamente associados a manifestações festivas pagãs. Na música secular e popular transmontana, o uso de instrumentos como a gaita-de-foles e o bombo sugere um enraizamento proveniente da Idade Média. Algumas teorias sugerem que a dança dos Pauliteiros de Miranda deriva de rituais de preparação para combate típicas da Segunda Idade do Ferro. Mais, a língua mirandesa funciona como depoimento vivo de uma expressão que desafia as linhas territoriais que hoje tomamos por divisórias.

A época festiva estende-se de 31 de outubro até à Quarta-feira de Cinzas, com os tradicionais mascarados a agitarem as ruas das vilas e aldeias.

A dança dos Pauliteiros encontra-se circunscrita a alguns concelhos de Entre-Douro e Sabor.



A scenic landscape of rolling hills and a winding road in Trás-os-Montes, Portugal. The road is paved and has a dashed white line down the center. The hills are covered in green grass and some trees, with a few small buildings visible in the distance. The sky is blue with some clouds.

Rota das Terras de Trás-os-Montes

“Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe, como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. E quem namora ninhos cá de baixo, se realmente é rapaz e não tem medo das alturas, depois de trepar e atingir a crista do sonho, contempla a própria bem-aventurança.”

Miguel Torga
“Um Reino Maravilhoso”
(1941)

Nenhuma terra se esgota na sua descrição. Podemos analisá-la, confrontá-la com as nossas ciências, encaixá-la em mapas, versar a sua história e cantar os seus louvores vezes sem conta – e ainda assim, algo ficará por tocar. Não que estes esforços sejam fúteis, bem pelo contrário, mas serão sempre aproximações ao espírito e nunca à verdadeira vontade da terra. A terra, essa, pede que a visitem. Que lhe conheçam os filhos e os irmãos, que se entreguem ao que ela guarda e ao que oferece.

As Terras de Trás-os-Montes são pródigas em sabores e saberes, culturas e cultivos, modos e gentes. Tão férteis são, de facto, que é difícil precisar por onde se deve orientar um sentido de visita sem arriscar que se passe ao lado de algo tão ou mais definidor do território como qualquer outro ponto de interesse que chame pelos curiosos. Por essa razão, debruçamo-nos longamente sobre a questão até chegar a um modo consensual de estruturar a descoberta do território: sugerimos então a divisão da experiência em duas grandes rotas, a Rota da Terra Fria e a Rota da Terra Quente. Fatores endógenos e climatéricos justificam-no, bem como a existência prévia de agregações alinhadas com a mesma sistematização.

Cada uma das Rotas engloba atrações e manifestações que, apesar de muito diversas, não se encontram simplesmente pulverizadas. Foi-nos possível definir áreas de confluência de pontos de interesse e, a partir dos mesmos, definir troços mais curtos que se especializam na projeção de facetas particulares do território. Crucialmente, estes troços foram desenhados tendo em conta a sua sequencialidade, para que o visitante possa comandar o ritmo e abarcar na sua experiência diária o número de segmentos que desejar sem ter que retroceder.

Assim, a Rota da Terra Fria possibilita descobertas temáticas que passam pelas maravilhas naturais dos Vales de Vimioso, as culturas fronteiriças da Raia Seca, o legado histórico das Terras de Miranda, as paisagens do Douro Internacional, a monumentalidade dos Castelos da Raia, a conspicuidade dos Pombais Transmontanos, a envolvente da Serra da Nogueira, a cultura fluvial em torno do Tuela, a extensão pedonal do Rabaçal, o esplendor biológico de Montesinho e ainda as ancestralidades da Lombada.

Por sua vez, a Rota da Terra Quente propõe que ali se desvendem os encantos micro-climáticos do Vale da Vilarça, os entusiasmos náuticos dos Lagos do Sabor, a excecionalidade geográfica do Quadrassal, as Paisagens Protegidas do Azibo, as heranças culturais das Terras de Ledra, os encontros dos Três Rios na Bacia da Tua e ainda o portento verdejante do Vale do Tua.

Em nome das Terras, estendemos-lhe o convite para que as visite.



O serpentear das águas das ribeiras de Meda, Estevais e Meirinhos é uma das imagens mais impressionantes dos Lagos do Sabor, representativas da beleza deste lugar.

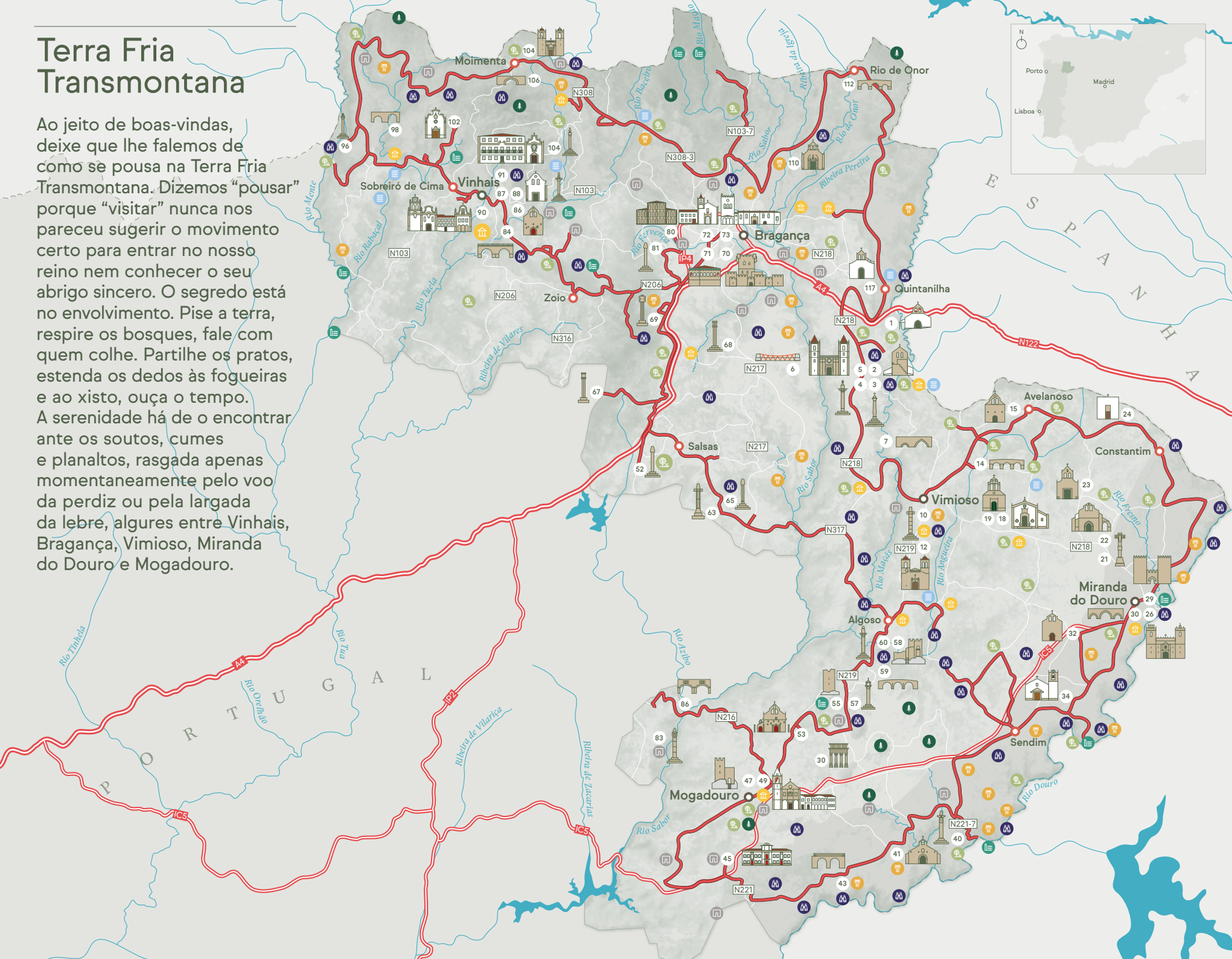


Terra Fria Transmontana

Troço 1	Vales de Vimioso Quintanilha → Avelanoso
Troço 2	Raia Seca Avelanoso → Constantim
Troço 3	Terras de Miranda Constantim → Sendim
Troço 4	Douro Internacional Sendim → Mogadouro
Troço 5	Castelos da Raia Mogadouro → Algosó
Troço 6	Pombais transmontanos Algosó → Salsas
Troço 7	À volta da Serra da Nogueira Salsas → Zoio
Troço 8	Atravessando o Tuela Zoio → Sobreiró de Cima
Troço 9	Caminho do Rabaçal Sobreiró de Cima → Moimenta
Troço 10	Montesinho Moimenta → Rio de Onor
Troço 11	Lombada Rio de Onor → Quintanilha

Terra Fria Transmontana

Ao jeito de boas-vindas, deixe que lhe falemos de como se pousa na Terra Fria Transmontana. Dizemos “pousar” porque “visitar” nunca nos pareceu sugerir o movimento certo para entrar no nosso reino nem conhecer o seu abrigo sincero. O segredo está no envolvimento. Pise a terra, respire os bosques, fale com quem colhe. Partilhe os pratos, estenda os dedos às fogueiras e ao xisto, ouça o tempo. A serenidade há de o encontrar ante os sotos, cumes e planaltos, rasgada apenas momentaneamente pelo voo da perdiz ou pela largada da lebre, algures entre Vinhais, Bragança, Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro.



Vales de Vimioso

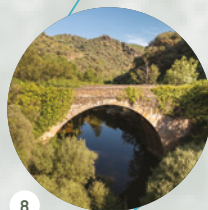
Troço 1 Quintanilha → Avelanoso

Ao longo deste percurso, descobrirá templos religiosos e edificações ancestrais com origens fascinantes, passando por pontes históricas, castelos e até minas de alabastro e calcário. Vestígios romanos, marcas do legado judaico e sinais do Caminho de Santiago povoam igualmente este traçado, ao longo do qual se vão revelando sublimes vales profundos que abraçam rios e ribeiras, sendo entrecortados por terrenos avermelhados, searas soalheiras e planícies ondulantes.



6
Ponte dos Mineiros
Argozelo

Ponte metálica sobre o rio Sabor que foi diariamente utilizada por centenas de pessoas que trabalhavam nas minas da Ribeira, em Coelhoso.



8
Ponte Sobre o Rio Maças
Carção



7
Ponte Gótica
Pinelo

Ponte de dois lanços sobre o rio Maças, entre Pinelo e Argozelo. Exemplar raro, com sinais de estilo gótico e calçada. Terá sido edificada nos finais do século XIV, princípios do XV.

Quintanilha

Veigas

Rio Frio

N218

Paçô



Paradinha

Outeiro



Argozelo



Pinelo

N218

Carção

8

O Vimioso

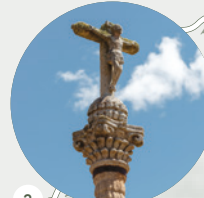


Termas de Terronha
Vimioso



13

Vale de Frades



3
Cruzeiro de Outeiro
Outeiro



5

Basilica de Santo Cristo
Outeiro

A Basilica de Santo Cristo do Outeiro foi edificada por devoção ao Santo Xpo, que terá suado sangue num pequeno templo existente à entrada da povoação.



4

Pelourinho de Outeiro
Outeiro

Avelanoso

Serapicos

S. Joanico



11

Igreja de
São Vicente
Vimioso

A Igreja matriz de Vimioso, dedicada ao mártir São Vicente, é um templo maneirista que se destaca pelas suas dimensões, próximas das de uma sede episcopal.



14

Ponte de São Joanico
Vale de Frades

N218

Caçarelhos

13

N217

N217

Calvelhe

Izeda

N317

N222

E S P A N H A

P O R T U G A L

Vales de Vimioso

Troço 1 Quintanilha → Avelanoso



1

Capela de Nossa Senhora da Ribeira
Quintanilha

A construção da Capela de Nossa Senhora da Ribeira está associada a uma lenda medieval que relata o aparecimento da Virgem a uma pastora. O templo terá sido construído no segundo quartel do século XIII nas terras do Outeiro, então pertencentes à Coroa e que até 1220 tinham integrado os coutos do mosteiro beneditino de Castro de Avelãs. No ano de 1282 já há notícia da existência de uma ermida que albergava a imagem milagrosa de Nossa Senhora.



6

Ponte dos Mineiros
Argozel

Esta antiga ponte utilizada pelos mineiros foi recentemente recuperada pela população local em memória da extração mineira de volfrâmio e estanho, que aqui perdurou até 1986.

Por ser estreita, a ponte propõe uma pequena aventura a quem gostar de emoção – mas recompensa imediatamente esses visitantes com a mais encantadora vista sobre o rio Sabor.

Distinguindo-se pela sua construção em metal, a Ponte dos Mineiros foi diariamente utilizada por centenas de pessoas que trabalhavam nas minas da Ribeira, em Coelhooso. Tem 35 metros de comprimento e está suspensa a uma altura de 10 metros do leito do rio.



2

Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Outeiro

Em acentuado declive no centro da povoação, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção é uma modesta construção, característica de um meio rural medieval, de escassos recursos e de âmbito periférico. A sua construção remonta aos anos finais do século XIII, altura em que se procedeu à construção do castelo.



5

Basilica de Santo Cristo
Outeiro

Tendo a sua construção sido iniciada em 1698 em resultado de um milagre ocorrido numa pequena capela que se encontra ao lado, o santuário de Santo Cristo foi concluído na primeira metade do século XVIII. De características arcaizantes em pleno barroco, é um templo grandioso com fachada flanqueada por duas torres, abóbada de cruzaria no interior e sacristia revestida de pinturas setecentistas. Possui ainda preciosos retábulos de talha barroca.



8

Ponte Sobre o Rio Maças
Carção

A ponte de Carção é uma construção medieval de origem românica composta por um arco de volta perfeita, que atravessa o rio Maças e liga Carção a Vimioso. No entanto, a partir de meados do séc. XX, altura em que foi construída a estrada e a ponte nova de ligação a Vimioso, esta construção deixou de ter a utilização e importância que havia conhecido até então.



Vimioso

Integrando o distrito de Bragança, o município de Vimioso situa-se no Planalto Mirandês e é atravessado pelos vales profundos dos rios Angueira, Maçãs e Sabor. Aqui, a encantadora paisagem natural estabelece um diálogo permanente com um vasto património edificado de amplo valor cultural e histórico. A arquitetura civil local é reconhecida pelo uso inventivo do xisto e do granito, motivando também a atenção dos visitantes as suas pontes romanas e românicas, bem como a abundante arquitetura religiosa e, em particular, a sua arquitetura militar.



9

Castelo e Atalaia
Vimioso

Embora se encontre hoje completamente despojado e marcado apenas por algumas ruínas, o Castelo de Vimioso tem o seu papel historicamente reconhecido no contexto defensivo do nordeste transmontano. Sendo sobranceiro ao interflúvio Maçãs - Angueira, a sua raiz parte de um castro da Idade do Ferro, que sobrevive e se adapta durante a ocupação romana. Reedificações posteriores são

sucessivamente ordenadas pelos reis leoneses Sancho II e Afonso VI, pelo Conde D. Henrique nos finais do séc. XI e, eventualmente, por D. Afonso Henriques e D. Dinis — estando o seu posicionamento estratégico sempre na base da sua valorização militar. O castelo propriamente dito terá sido desenhado por Duarte D'Armas em 1509, projetando-o este em formato quadrangular, com torre de menagem e três cubelos angulares abobadados.



10

Ruínas do Castelo e Arquivo Municipal
Vimioso

Prosseguindo com a sua política integrada de reorganização dos serviços municipais, Vimioso sentiu a necessidade de atualizar o sistema de arquivo do município, garantindo a valorização e preservação do seu acervo documental enquanto património do concelho. Desta forma, o Arquivo Municipal de Vimioso foi inaugurado no dia 7 de outubro de 2013, Dia Nacional dos Castelos. Data simbólica, pois o Arquivo Municipal, que reaproveita o edifício da antiga Escola Primária Conde de Ferreira, está implantado sobre as ruínas do antigo castelo da vila.



12

Pelourinho de Vimioso
Vimioso

Estima-se que este pelourinho tenha sido erguido em 1516, por ordem do rei D. Manuel I.

Denuncia um cariz arcaico partilhado por muitos outros pelourinhos da região. A picota ergue-se sobre um soco de quatro degraus quadrangulares, dos quais apenas três estão visíveis. A coluna é oitavada, embora o troço inferior seja talhado de forma a simular um coxim cúbico.



11

Igreja de São Vicente
Vimioso

A igreja matriz de Vimioso, dedicada ao mártir São Vicente, é um templo de linhas maneiristas que se evidencia pelas suas dimensões, próximas das de uma sede episcopal.

A fachada principal, sóbria, apresenta duas torres sineiras ligadas por balaustrada, com relógio na da esquerda, e um pórtico maneirista sobrepujado por uma cruz vazada.

Embora alguma bibliografia situe a edificação da igreja no período filipino, é possível que as obras de construção se tenham iniciado alguns anos antes.

Possui abóbada nervada, arcaizante. Adossada à parede sul há uma capela com armas dos Antas. Aos cinco retábulos barrocos que possuía, foram-lhe modernamente acrescentados mais três. Merece particular referência o altar mor, com seis colunas salomónicas e profusa ornamentação entalhada e dourada.

A fachada é rematada por dois torreões, sendo um do relógio e outro sineiro e inclui um pórtico simples, ainda de tradição renascentista, sobrepujado por um vão cruciforme.

Raia Seca

Troço 2 Avelanoso → Constantim

Entre antigas povoações praticamente inalteradas e espaços soberbos de culto religioso, descobrem-se, ao longo deste trecho, veneráveis construções em xisto, muitas datadas da Idade do Ferro, e deslindam-se vistas panorâmicas perante a fronteira entre Portugal e Espanha. Mantenha-se atento às variações da paisagem, que aqui se rendilha a cada quilómetro, entre freixos, retalhos de sequeiro, castanheiros, matos e montados de sobro e azinho.



18

Capela de Santo Cristo
Caçarelhos

A Capela de Santo Cristo, também conhecida como Capela de São Bartolomeu, partilha um largo com um cruzeiro barroco provavelmente contemporâneo à sua edificação.



19

Igreja Matriz de São Pedro
Caçarelhos

No decorrer do século XVII, com o crescimento da paróquia e ruína da igreja primitiva, este templo tão importante para a vida religiosa local sofreu a profunda intervenção que nos chega até aos dias de hoje.



17

Cruzeiro de Caçarelhos
Caçarelhos



16

Zona de Lazer do Rio Angueira
Angueira



22

Igreja de Nossa Senhora da Expectação
Malhadas

Igreja estilisticamente enquadrada entre o Românico e o Gótico, com características de desarmante simplicidade tanto na estrutura como nos elementos decorativos.



23

Santuário de Nossa Senhora do Naso/Nazo
Póvoa

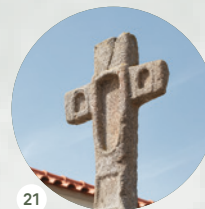
Local de veneração à "Rainha dos Mirandeses". No seu interior, estão resguardos preciosos quadros. No recinto existem 5 capelas e 1 altar monumental para a celebração das missas.



24

Capela de Santo Amaro
Cicouro

A Capela de Santo Amaro de Cicouro é uma construção de 1992 do Arquiteto Michele Cannatà, estabelecendo-se sobre o embasamento de um templo datado de 1633 dedicado à mesma invocação.



21

Cruzeiro de Malhadas
Malhadas



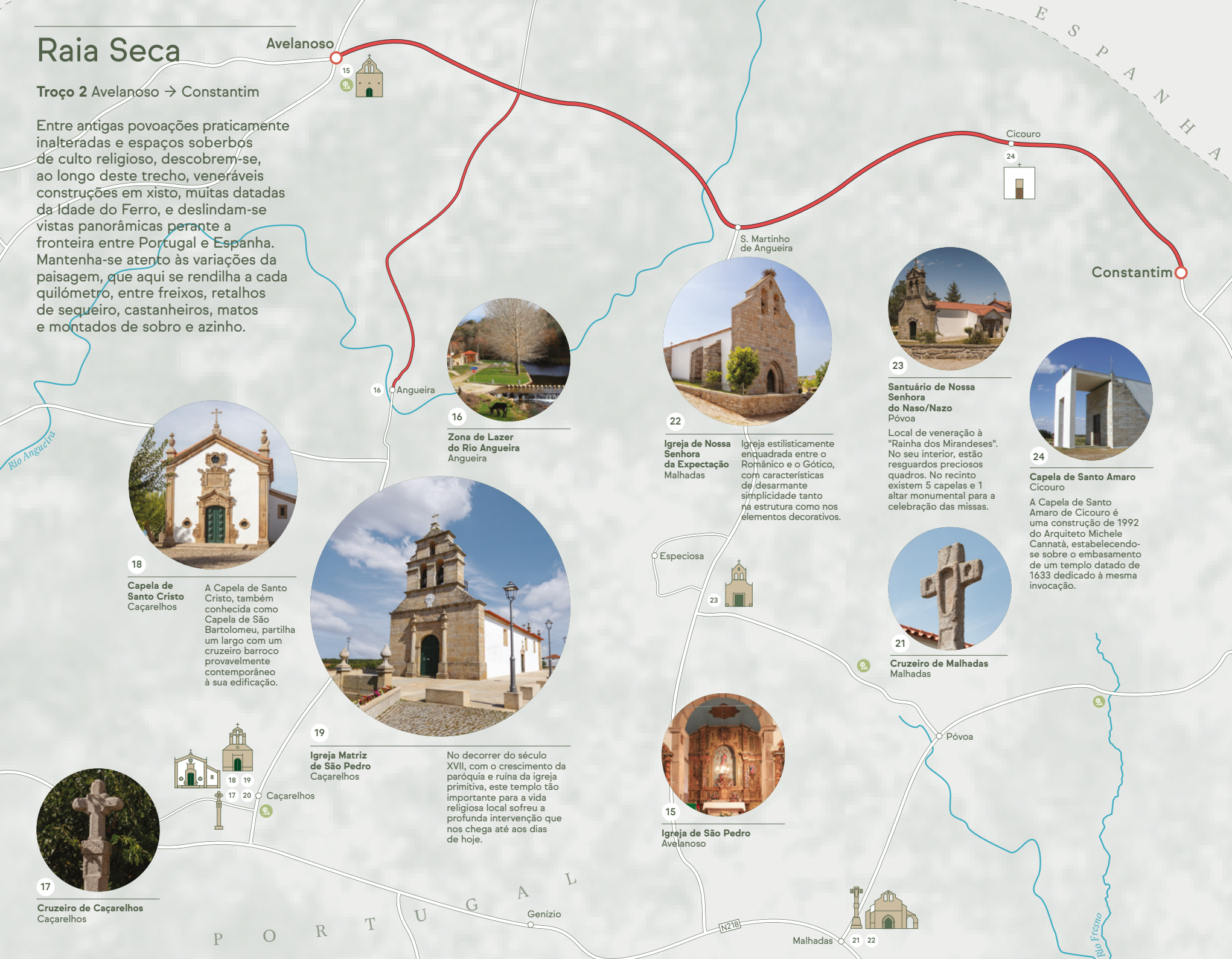
15

Igreja de São Pedro
Avelanoso



21

22



Raia Seca

Troço 2 Avelanoso → Constantim



19

Igreja de São Pedro
Caçarelhos

Templo de uma nave, de planta retangular, precedido por uma escadaria que dá acesso ao portal principal, com corrimão de pedra dos lados. Este portal é do tipo retábulo, tem um arco de volta perfeita, está flanqueado por duas colunas toscanas assentes em pedestais e suporta uma cornija pouco saliente. Sobre o portal, há um relógio oferecido em 1967, sobre o qual surgem três vãos onde se encontram três sinos. No topo desta composição surge uma cruz assente numa peanha com volutas.

O crescimento da paróquia e a ruína da igreja primitiva deverão ter originado a edificação de uma nova, de dimensões superiores e linguagem arquitetónica atualizada em relação ao seu tempo.



18

Capela de Santo Cristo
Caçarelhos

A Capela de Santo Cristo das Chagas, também conhecida como Capela de São Bartolomeu, situa-se num largo no qual se encontra também implantado um cruzeiro barroco, provavelmente contemporâneo à sua edificação.

Delimitada por pilastras nos cunhais, com pináculos no seu prolongamento, a fachada principal da capela termina em empena, constituindo a composição que envolve o portal, o seu motivo mais estudado.



20

Cabanal
Caçarelhos

Os Cabanaís, construídos em granito, funcionam como local de encontro e convívio das gentes da aldeia — embora o seu papel central nas comunidades se tenha vindo a perder ao longo dos tempos. Tradicionalmente, era aqui que padeiros, doceiros e produtores de fumeiro se juntavam para vender as suas iguarias, servindo estes de resguardo a comerciantes e almocreves. Além das trocas comerciais, eram aqui também servidas refeições. Este património cultural é já quase inexistente em todo o país, mas resiste em Caçarelhos.



21

Cruzeiro de Malhadas
Malhadas

O cruzeiro localizado no centro da aldeia de Malhadas tem uma significativa importância histórica, pois fazia parte de uma rota medieval importante que ligava Bragança e o ocidente transmontano a Miranda do Douro e ao planalto leonês. Classificado como um monumento medieval, é provavelmente uma construção tardia desse período. A sua característica distintiva é a utilização do granito, com um trabalho escultural simples e austero.



22

Igreja de Nossa Senhora da Expectação
Malhadas

A Igreja Paroquial de Malhadas enquadra-se estilisticamente entre o românico e o gótico, mas a sua principal característica é a desarmante simplicidade partilhada tanto pela sua estrutura como pelos seus elementos decorativos.

Motivo de algum mistério é a indefinição cronológica que rodeia a sua construção. Na principal monografia do leste transmontano, o Abade de Baçal colocou-a entre os séculos XII e XIII, nas abordagens mais recentes têm avançado a sua edificação até ao século XIII pleno ou, mesmo, até ao século XIV.

Os pormenores decorativos do templo integram-se no românico transmontano dos séculos XIII-XIV. O portal é de três arquivoltas, sem tímpano, ornado unicamente por fiadas de esferas. Sobre ele, eleva-se um alto campanário, solução que é também comum nos templos medievais transmontanos. A estrutura da igreja reforça a simplicidade do conjunto: a capela-mor é barroca, mas conserva-se, ainda, a nave única, seccionada em três tramos marcados por dois longos arcos quebrados e um terceiro abatido, de época moderna, destinado a suportar o coro-alto.

Terras de Miranda

Troço 3 Constantim → Sendim

Entre arribas íngremes e ondulantes searas douradas, onde o solo vai transitando do avermelhado para o granítico, há impressionantes jóias patrimoniais e culturais a descobrir neste percurso. Escute-se a língua mirandesa, desvendem-se esculturas rupestres e lendas ancestrais, observem-se animais selvagens, aves de rapina e espécies autóctones e, inescusavelmente, desfrute-se da rica, riquíssima gastronomia local.



36
Miradouro da Fraga do Puio Picote

Do miradouro da Fraga do Puio podemos observar o Douro agora liberto das amarras da Barragem, descrevendo um dos meandros mais majestosos do seu curso Mirandês.



28
Castelo de Miranda do Douro

Esta edificação de cariz militar está associada à transferência do poder para a região em 1286, às mãos de D. Dinis.



Planalto Mirandês

Aconchegado entre arribas verticais e ondulantes searas douradas, o Planalto Mirandês estende-se num rendilhado paisagístico impar.



31
Fonte dos Canos Miranda do Douro

Fonte bartoca em cantaria, do tipo relicário, sustentado por pilares de secção quadrada e com um alpendre de planta quadrada. Encontra-se coberta por um telhado piramidal, em escama.



30
Ponte dos Canos Miranda do Douro



29
Museu da Terra de Miranda Miranda do Douro



26
Concatedral de Miranda do Douro

A Antiga Sé de Miranda do Douro, atualmente Concatedral de Miranda do Douro, está classificada como Monumento Nacional desde 1910.



27
Menino Jesus da Cartolinha Miranda do Douro



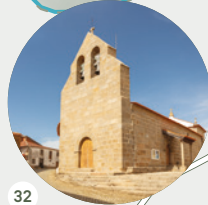
25
Miradouro da Penha das Torres Paradela



34
Igreja de São Cristóvão Vila Chã de Braciosa
Igreja de raiz românica de uma só nave, com capela-mor e sacristia. As paredes são de cantaria, o teto é de madeira e no solo há lajes de pedra. O retábulo-mor é uma obra rocaille-joanina.



35
Porca de Picote Picote



32
Igreja de Santa Eufémia Duas Igrejas

Terras de Miranda

Troço 3 Constantim → Sendim



“Ban-te roubando l’alma
Mie tierra pequenina!
I deixan-te sien calma,
Sien fala i sien sentir,
Mudando l tou bibir...
–Morrendo-te a la squina!...
La fala de ls abós
Yá nun la queremos nós!...
Cantigas
qu’éran streilhas
Acában sien dar
por eilhas!...”

António Maria Mourinho
“Le Que Ye Buono, Bai-se”
(in “Nuossa Alma i Nuossa
Tierra”; Lisboa, Imprensa
Nacional, 1961).

Miranda do Douro

A deslumbrante parte antiga da cidade pode ser percorrida facilmente a pé, desde a antiga muralha até à Praça D. João III. Ao centro deste largo, encontrámos duas estátuas em tamanho real de um casal mirandês: ele envergando uma Capa de Honras, uma peça única do vestuário tradicional português e ainda usada em várias cerimónias.

É na Praça D. João III que ficam os Paços do Concelho e o fascinante Museu da Terra de Miranda, que incide sobre o modo de vida no planalto mirandês. Miranda do Douro foi elevada a cidade e a sede de diocese em 1545, pelo que se tornou necessária a edificação de um novo templo.

O Mirandês

O mirandês — ou língua mirandesa — é muito mais do que um dialeto ou variante na evolução do português. Não se distingue por simples diferenças tónicas, mas sim morfológicas, sintáticas e lexicais. Encontra as suas raízes no latim, mesclando o leonês e o galego-português, e remonta ao povoamento, no final da Idade Média, dos enclaves raianos da antiga Terra de Miranda — onde permaneceu entrincheirado até aos dias de hoje, dado o isolamento geográfico. Apesar de ser falado essencialmente numa área geográfica de aproximadamente 500 km², reconhecem-se-lhe como variantes o quadramilês, o riodonorês e o sendinês, com expressão nas áreas de Quadramil, de Rio de Onor e de Sendim. A população que o fala ainda hoje é tecnicamente bilingue, utilizando o mirandês na intimidade familiar e recorrendo ao português nas relações sociais mais solenes. Embora tenha estado quase em vias de desaparecimento, nas últimas décadas deram-se vários esforços para a sua conservação que culminaram no seu ensino atual nas escolas e reconhecimento oficial enquanto língua europeia minoritária e segunda língua oficial portuguesa.



26

Concatedral de Miranda
Miranda do Douro

A Antiga Sé de Miranda do Douro, atualmente Concatedral de Miranda do Douro, está classificada como Monumento Nacional desde 1910. Tipologicamente, insere-se na arquitetura religiosa. Caracteriza-se por ter uma planta cruciforme, com três naves separadas por pilares e com frontispício harmónico. Este edifício foi encomendado por D. João III, assim como as Sés de Leiria e Portalegre.

Nestes edifícios, entrecruzam-se vários estilos, passando pelo gótico, renascentista e maneirista. Aqui, na Concatedral, encontrámos uma carranca tida como tão horripilante que deu origem à expressão popular “és mais feio do que a carranca da Sé de Miranda”. É também aqui que se encontra o famoso Menino Jesus da Cartolinha, uma estátua com um guarda-roupa feito só para si e que cujo traje vai mudando regularmente.



28

Castelo de Miranda
Miranda do Douro

Em 1286, sobre o território de Miranda do Douro, D.Dinis fundou a vila que lhe daria nome, marcando desta forma a transferência de poder do antigo castelo de Algosó, cabeça-de-terra até então. À dianteira de tal oficialização, nasceria esta fortaleza.

Escasseiam as informações relativas aos primórdios desta construção dionisina. Sabemos que nos séculos posteriores foram introduzidas diversas alterações na estrutura e que, em maio de 1762, no decurso da invasão espanhola, uma violenta explosão desfigurou partes fundamentais da obra. Ao que tudo indica, o castelo tinha a forma retangular e as suas muralhas ligavam "a formidável torre de menagem, situada num dos ângulos, a três outras torres mais baixas também em posição angular, duas delas quadrangulares e uma hexagonal".

Esta descrição indicia uma fortaleza tipicamente gótica, com portas e ângulos defendidos ativamente por altas torres que permitiam o tiro vertical sobre os pontos mais sensíveis.



30

Ponte dos Canos
Miranda do Douro

Esta ponte de origem medieval ergue-se acima do rio Fresno, fazendo parte de uma antiga estrada que ligava Miranda do Douro aos povoados de Duas Igrejas. No seu ponto mais largo, atinge os 4 metros e assenta em três arcos quebrados desiguais, sendo o arco central o maior. Apresenta ainda dois talha-mares altos e guardas de alvenaria de xisto, rematadas por silhares graníticos. A construção primitiva foi reconstruída no século XVIII, resultando na estrutura que hoje nos chega.



33

Solhapa
Duas Igrejas

O abrigo da Solhapa — que acolhe arte rupestre datada entre os finais do Neolítico e o início da Idade do Bronze — situa-se num ermo granítico sobranceiro ao rio Douro, a cerca de três quilómetros da localidade de Duas Igrejas. Até à década de 1950 era utilizado por pastores, tendo sido justamente um destes a alertar o etnógrafo e arqueólogo padre António Maria Moutinho para a existência de insculpturas rupestres naquele local.



Planalto Mirandês

Oferecendo um rendilhado paisagístico ímpar e aconchegando-se entre arribas verticais e ondulantes searas douradas, o Planalto Mirandês estende-se pelos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso, partindo de Freixo de Espada à Cinta e Torre de Moncorvo. Outeiros coroados por bosques de Azinhelas e Carvalhos, lameiros bordejados de freixos, rios em vales encaixados de enorme riqueza biológica, são habitat preferencial de aves majestosas como o Grifo, o Abutre-do-Egito, a Águia-real e a ameaçada Águia-de-Bonelli, assim como de mamíferos como Lontras, Corços e Raposas. Num raro equilíbrio que teima em manter-se ao longo dos tempos, as paisagens humanizadas integram-se na própria natureza, com as aldeias dispostas em novelos de casas rústicas, vigiadas nas encostas pelos pombais e nas hortas por elegantes picotas, que permanecem como testemunhos vivos de utilizações seculares. É aí que são preservadas tradições, usos e costumes únicos, como o artesanato executado por mãos sábias, a música com sonoridades que dão — ao corpo e à alma — vontade de bailar, a rica gastronomia que traz para a mesa os sabores do campo e ainda a língua mirandesa, que permanece como elo entre avós e netos.



37

Eremitério Os Santos
Sendim

O Eremitério "Os Santos" é composto por uma capela em estado de ruína e por um abrigo decorado com frescos hagiográficos, retratando a vida dos santos — e daí o nome pelo qual o eremitério é conhecido. Essas pinturas foram realizadas no século XVI no local hoje conhecido como São Paulo, próximo à capela com o mesmo nome, localizada a cerca de 700 metros e mais próxima do rio. As imagens pintadas revelam um trabalho minucioso e cuidadoso, sendo dotadas de um nível artístico assinalável.



35

Porca de Picote
Picote

Poucos são os exemplares escultóricos pré-romanos que chegaram à atualidade. Entre estes, os mais conhecidos são aqueles que figuram quadrúpedes. Embora a sua identificação precisa seja difícil, conclui-se que possam representar porcos, javalis ou touros. Vulgarmente, estes exercícios escultóricos são conhecidos por "berrões", "verracos" ou "varrascos".



36

Miradouro da Fraga do Puio
Picote

Ao fundo da aldeia de Picote, persiste uma sinalização que nos leva ao miradouro da Fraga do Puio (em mirandês *Peinha de L. Puio*), onde é possível contemplar uma vista deslumbrante sobre dois troços profundos do Douro. Apesar das agruras da natureza, o trabalho árduo do homem permitiu que estas margens fossem povoadas de oliveiras, acrescentando a sua marca a esta paisagem tão grandiosamente esculpida pelo rio há dois milhões de anos.

A intervenção efetuada após o incêndio florestal que dizimou o local concentrou-se na reabilitação, acrescentando, porém, condições que antigamente não existiam. Entre estas, destaca-se a plataforma em vidro, suspensa a uns bons metros de altitude, que lhe confere profundidade e transparência e permite ao visitante uma visão ainda mais próxima do rio.

Do miradouro da Fraga do Puio podemos observar o Douro agora liberto das amarras da Barragem, correndo agora mais fundo e vigoroso, descrevendo um dos meandros mais majestosos do seu curso Mirandês.

Serpenteando ao longo de cerca de 130 km, perto da fronteira com Espanha, o canhão fluvial do Douro é um troço do rio onde este se estreita e afunda, formando impressionantes falésias verticais que vão desde os 150 aos 640 metros de altitude.

Sendo também conhecido pelo título de “Grand Canyon da Península Ibérica”, constitui uma das áreas mais selvagens e inalteradas do sul da Europa. Ao longo do seu curso, são particularmente imponentes e majestosas as vistas proporcionadas pelos miradouros da Penha das Torres, São João das Arribas e da Fraga do Puio. A partir destes pontos, podemos abarcar visualmente alguns dos meandros e torneados mais encantadores do seu percurso — e, para os mais atentos, descobrir até algumas das lendas que giram à sua volta no imaginário local.



Festa dos Moços
Constantim

Esta tradição vivida na aldeia de Constantim, tem raízes ancestrais e insere-se no quadro das celebrações seculares do solstício de Inverno, desenvolvendo-se ao longo dos dias que circundam essa data.

É organizada em honra de São João Evangelista e tem como principal atração o peditório que é realizado à volta da aldeia, acompanhado pelas suas duas personagens principais, o Carochito e a Velha, e pelos Pauliteiros com a sua tradicional dança símbolo da cultura e história das Terras de Miranda.



Festa do Menino
Vila Chã de Braciosa

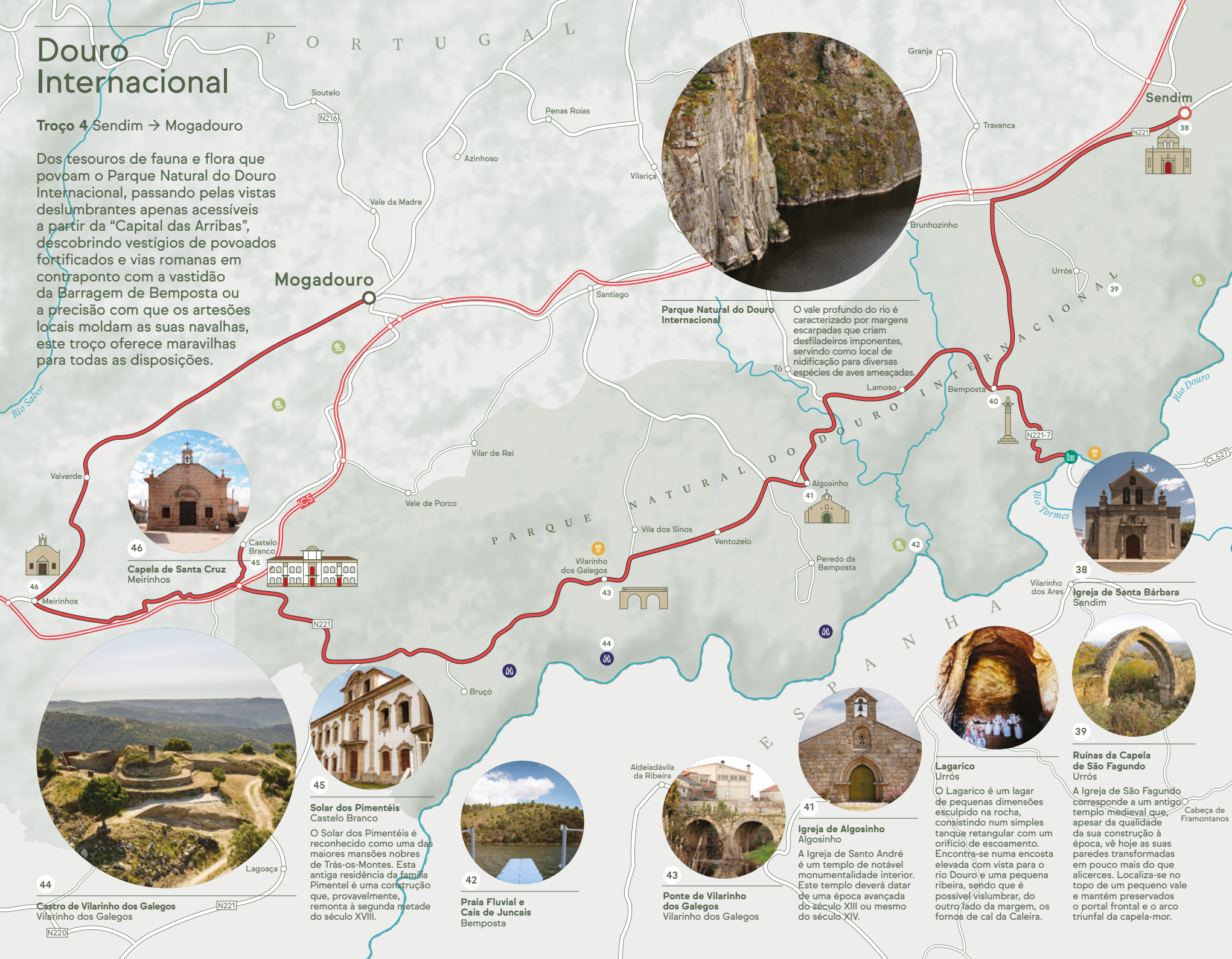
Celebrando-se no primeiro dia do ano, esta festa de cariz cristão desenvolve-se em torno da apresentação de Jesus no Templo. É também conhecida como festa do Ano Novo e Festa da Velha. A ronda do peditório e de saudação aos moradores decorre durante toda a manhã, com música de gaita-de-foles e danças executadas pelas personagens da Velha, Bailador e Bailadeira. Tradicionalmente, a Velha transporta nas costas quadras de peditório. Após a dança, estes saúdam os donos da casa e recebem os donativos.



Douro Internacional

Troço 4 Sendim → Mogadouro

Dos tesouros de fauna e flora que povoam o Parque Natural do Douro Internacional, passando pelas vistas deslumbrantes apenas acessíveis a partir da “Capital das Arribas”, descobrindo vestígios de povoados fortificados e vias romanas em contraponto com a vastidão da Barragem de Bemposta ou a precisão com que os artesãos locais moldam as suas navalhas, este troço oferece maravilhas para todas as disposições.



Parque Natural do Douro Internacional

O vale profundo do rio é caracterizado por margens escarpadas que criam desfiladeiros imponentes, servindo como local de nidificação para diversas espécies de aves ameaçadas.



46
Capela de Santa Cruz Meirinhos

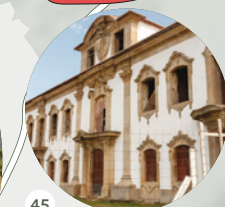


46
Meirinhos



44
Castro de Vilarinho dos Galegos
Vilarinho dos Galegos

N220



45
Solar dos Pimentéis
Castelo Branco

O Solar dos Pimentéis é reconhecido como uma das maiores mansões nobres de Trás-os-Montes. Esta antiga residência da família Pimentel é uma construção que, provavelmente, remonta à segunda metade do século XVIII.



42
Praia Fluvial e Cais de Juncas Bemposta



43
Ponte de Vilarinho dos Galegos
Vilarinho dos Galegos



41
Igreja de Algosinho
Algosinho

A Igreja de Santo André é um templo de notável monumentalidade interior. Este templo deverá datar de uma época avançada do século XIII ou mesmo do século XIV.

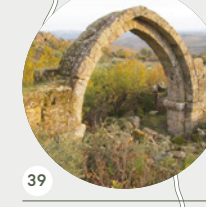


38
Igreja de Santa Bárbara Sendim



Lagarico Urrós

O Lagarico é um lagar de pequenas dimensões esculpido na rocha, consistindo num simples tanque retangular com um orifício de escoamento. Encontra-se numa encosta elevada com vista para o rio Douro e uma pequena ribeira, sendo que é possível vislumbrar, do outro lado da margem, os fornos de cal da Caleira.



39
Ruínas da Capela de São Fagundo Urrós

A Igreja de São Fagundo corresponde a um antigo templo medieval que, apesar da qualidade da sua construção à época, vê hoje as suas paredes transformadas em pouco mais do que alicerces. Localiza-se no topo de um pequeno vale e mantém preservados o portal frontal e o arco triunfal da capela-mor.

Cabeça de Framontanos

Douro Internacional

Troço 4 Sendim → Mogadouro



Parque Natural do Douro Internacional

A região fronteira do rio Douro, que separa Portugal de Espanha, é caracterizada por um vale profundo, estreito e com margens íngremes. Com uma área de 86.834,82 hectares, o Parque Natural do Douro Internacional (PNDI) estende-se por uma vasta área ao longo do rio, onde a vegetação predominante é a azinheira (*Quercus rotundifolia*, conhecida localmente como carrasco). Além disso, faz-se notar a presença de bosques de zimbro (*Juniperus oxycedrus*), sobreirais (*Q. suber*) e áreas com carvalho-negral (*Q. pyrenaica*).

O Parque Natural do Douro Internacional ocupa parte dos municípios de Miranda do Douro, Mogadouro, Freixo de Espada à Cinta e Figueira de Castelo Rodrigo, ao longo do trecho fronteiro do rio Douro, que se estende por aproximadamente 122 km.

As margens escarpadas do profundo vale do rio formam desfiladeiros imponentes, desfiladeiros esses que são escolhidos por diversas espécies de aves ameaçadas de extinção, a nível nacional e internacional, como local de nidificação. Entre as aves que visitam o PNDI destacam-se o Abutre do Egito ou Britango, que viria a ser escolhido para símbolo do Parque. As aves são atraídas pela proximidade das áreas agrícolas e pecuárias, onde facilmente podem encontrar alimento.



Raça Bovina Mirandesa

A visão é conhecida: entre os campos cultivados e os lameiros verdejantes do nordeste transmontano, pastam corpulentos bovinos castanhos. À medida que nos aproximamos, reparamos nos seus cornos claros, que enegrecem na ponta, nas flores brancas que enquadram os seus olhos, nos seus focinhos elegantes. Desta distância, percebem-se as qualidades destes bovinos para a produção de carne, depreende-se a sua genética antiga e compreende-se a sua rusticidade. Talvez tenhamos a sorte de testemunhar o apurado instinto maternal das vacas ou os passos fáceis e seguros dos touros.

É destes animais que se retira a tão celebrada “Posta Mirandesa”, mas as maravilhas culinárias que a sua carne proporciona não ficam por aí. Como todo o transmontano sabe, os pratos famosos, que fazem uso dos cortes mais nobres, encontram rivais à altura nas receitas que aproveitam o resto do animal, como a Língua de Vitela, a Sopa de Rabo de Boi, os Bifinhos de Coração, as Iscas de Fígado ou as Molejas.



Burro Mirandês

De acordo com alguns autores, o burro, companheiro do Homem desde tempos imemoriais, terá sido domesticado ainda antes do cavalo. Apesar deste animal ter sido sistematicamente subestimado durante muito tempo, as características do nosso mundo rural, e em particular das regiões do interior, permitiram que o burro não desaparecesse por completo por cá. Foi precisamente no Nordeste Transmontano que se conservou uma das últimas variedades autóctones de asininos no território nacional: a Raça Asinina de Miranda.

Felizmente, nos tempos mais recentes, têm sido dados passos para a valorização e dignificação da raça. Através de uma série de eventos, apontados também à revitalização de antigos costumes, os criadores têm sido incentivados à adoção deste animal tendo em vista novas utilidades. Desta forma, este património genético parece estar agora apontado para um futuro sustentável.

O seu temperamento dócil é bem conhecido, sendo um excelente animal de companhia e também um prestável animal de trabalho e de transporte. Fisicamente, diferencia-se de outras espécies de asno por algumas características bem vincadas. A sua pelagem é comprida e grossa, de cor castanha escura, apresentando muitas vezes manchas claras nas costas e na região inferior do tronco.



Amendoeiras

Trás-os-Montes é uma região que há já muito tempo adotou para si esta árvore, que pode atingir uma altura entre os 8 e os 10 metros. Trata-se de uma espécie de árvore de folha caduca, cujas folhas longas e pontiagudas caem pelo outono. As suas flores, com cinco pétalas brancas ou rosadas e cinco sépalas avermelhadas (que protegem os botões florais quando estão fechados), despertam mais cedo do que grande parte das espécies semelhantes.



Cogumelos

Os extensos carvalhais, soutos e pinhais da Terra Fria acolhem diversos tipos de cogumelos úteis para vários fins, desde o consumo humano e animal até à aplicação na indústria farmacêutica. Na economia rural local, a sua colheita tem já algum significado, particularmente no que toca aos cogumelos comestíveis, que são exportados em grande escala. Entre estes, salientam-se as pinheiras (*Lactarius deliciosus*), os tortulhos ou miscalos amarelos (*Tricholoma equestre*) e os boletos (*Boletus pinophilus*), geralmente coletáveis nos pinhais.



Chocalheiro
Bemposta

Tudo começa na véspera com o leilão do traje do chocalheiro na casa do mordomo. Os interessados em participar fazem-no durante a noite e até a meia-noite, ou por intermédio de pessoas de confiança ou até mesmo eles próprios, fazer as suas "mandas" (nome dado ao ato de leiloar o fato do Chocalheiro). A identidade do vencedor, essa, mantém-se em segredo. Aqueles que geralmente fazem as suas "mandas", ou pedem a alguém para fazer em seu nome, fazem-no para cumprir promessas feitas ao santo. No dia 26 de dezembro, o dia de Santo Estêvão, o chocalheiro "manso" sai para realizar os seus ritos mágicos, enquanto que no dia 1 de janeiro é a vez do "bravo".

Na manhã do dia 26, o chocalheiro, o mordomo e a sua comitiva saem para a recolha de donativos, chamada localmente de "apanha" da esmola. Após a conclusão do peditório, no final da manhã, o chocalheiro encerra as suas funções e todos se dirigem à casa do mordomo para uma refeição em conjunto. Na festa do menino, no Ano Novo, os mesmos rituais são repetidos com outros mordomos e com outro chocalheiro. Todas as esmolas arrecadadas pelo chocalheiro ao redor da aldeia e de Lamoso são revertidas a favor de Nossa Senhora das Neves e do Menino Jesus.



40

Pelourinho de Bemposta
Bemposta

O pelourinho de Bemposta terá sido construído após a emissão do foral manuelino, como indicado pela sua tipologia e semelhanças com monumentos idênticos que podemos encontrar no mesmo concelho, como o Pelourinho de Azinhoso, apresentando elementos de decoração típicos do início do século XVI.

Localizado num pequeno largo da aldeia, é provável que antigamente também abrigasse a casa da câmara, o tribunal e a prisão. O pelourinho repousa sobre uma base de dois degraus quadrangulares de aresta, feitos recentemente para substituir os originais, que aparecem em fotografias antigas bastante danificadas.

De estilo bragançano, o pelourinho é feito de granito e tem uma aparência um tanto rústica. A base da coluna é circular e o fuste é liso e cilíndrico, composto por dois tambores. Numa das faces do fuste, encontra-se o brasão de armas do Reino, invertido. Sobre a coluna, há um remate simplificado com a mesma seção do fuste, de onde emergem quatro braços curtos em forma de cruz.



44

Castro de Vilarinho dos Galegos
Vilarinho dos Galegos

Este antigo povoado fortificado está localizado num monte proeminente sobre o rio Douro. A sua localização estratégica oferece uma vista abrangente sobre um pedaço considerável do rio, possuindo características defensivas naturais favoráveis.

As estruturas defensivas estão concentradas na zona de acesso, afetadas pela construção de terraços agrícolas. No topo do acesso, existe uma grande torre circular, que é o ponto de partida da única linha de muralha do povoado, estendendo-se ao longo do flanco oeste. Logo abaixo do torreão, há um amplo fosso escavado na rocha, ainda visível e relativamente bem preservado. Em frente ao fosso, existe um extenso campo de pedras fincadas, talvez a parte mais bem preservada das estruturas defensivas.

No interior do povoado, os artefactos são escassos, consistindo maioritariamente em cerâmica manual da Idade do Ferro, para além de alguns fragmentos de telhas e cerâmica comuns da época romana.

Importa realçar que o Abade de Baçal menciona a existência de uma rocha onde possivelmente haveria um santuário semelhante ao de Panóias. Essa rocha, chamada Fraga do Calço, está adjacente ao povoado, na encosta sudoeste, mas atualmente só é possível observar uma única pia arredondada escavada na rocha.

Castelos da Raia

Troço 5 Mogadouro → Algozo

Este troço toma especial atenção às maravilhas arquitetónicas medievais da região, estabelecendo uma viagem repleta de particularidades em direção a essa época. As histórias a descobrir através destes mágicos castelos e fortificações, pontes, torres, pelourinhos, igrejas e até um monóptero, falam-nos sobretudo de um passado marcado por disputas fronteiriças com invasores e reinos vizinhos.



47
Castelo de Mogadouro
Mogadouro

A torre de menagem e parte das antigas muralhas desta outrora imponente fortaleza, encontram-se preservadas até aos dias de hoje.

49

Convento de São Francisco
Mogadouro

Diversos estilos arquitetónicos, pinturas classificadas, ricos adornamentos em talha dourada e muitos outros elementos de interesse cultural e religioso conjugam-se neste complexo, tornando a sua visita indispensável para a compreensão do património local.

57

Pelourinho de Penas Roias
Penas Roias



55

Castelo de Penas Roias
Penas Roias

No século XII, durante o período de afirmação do reino de Portugal, o castelo de Penas Roias desempenhou um papel fundamental na defesa das regiões fronteiriças.

60

Pelourinho de Algozo
Algozo



56

Fraga da Letra
Penas Roias

Este abrigo de arte rupestre data do final do terceiro milénio a.C. e da segunda metade do segundo milénio a.C. O núcleo central é composto por um conjunto de cinco figuras antropomórficas, variando entre os 13 e os 17 centímetros de altura.

59

Ponte Medieval
Algozo

Esta notável estrutura viária medieval apresenta um tabuleiro com perfil predominantemente horizontal, diferindo do habitual formato inclinado predominante na Idade Média.

58

Castelo de Algozo
Algozo

O castelo de Algozo ocupa uma posição de destaque entre as fortalezas medievais do nordeste transmontano, enquanto símbolo eternizado das batalhas travadas com o reino de Leão.



54

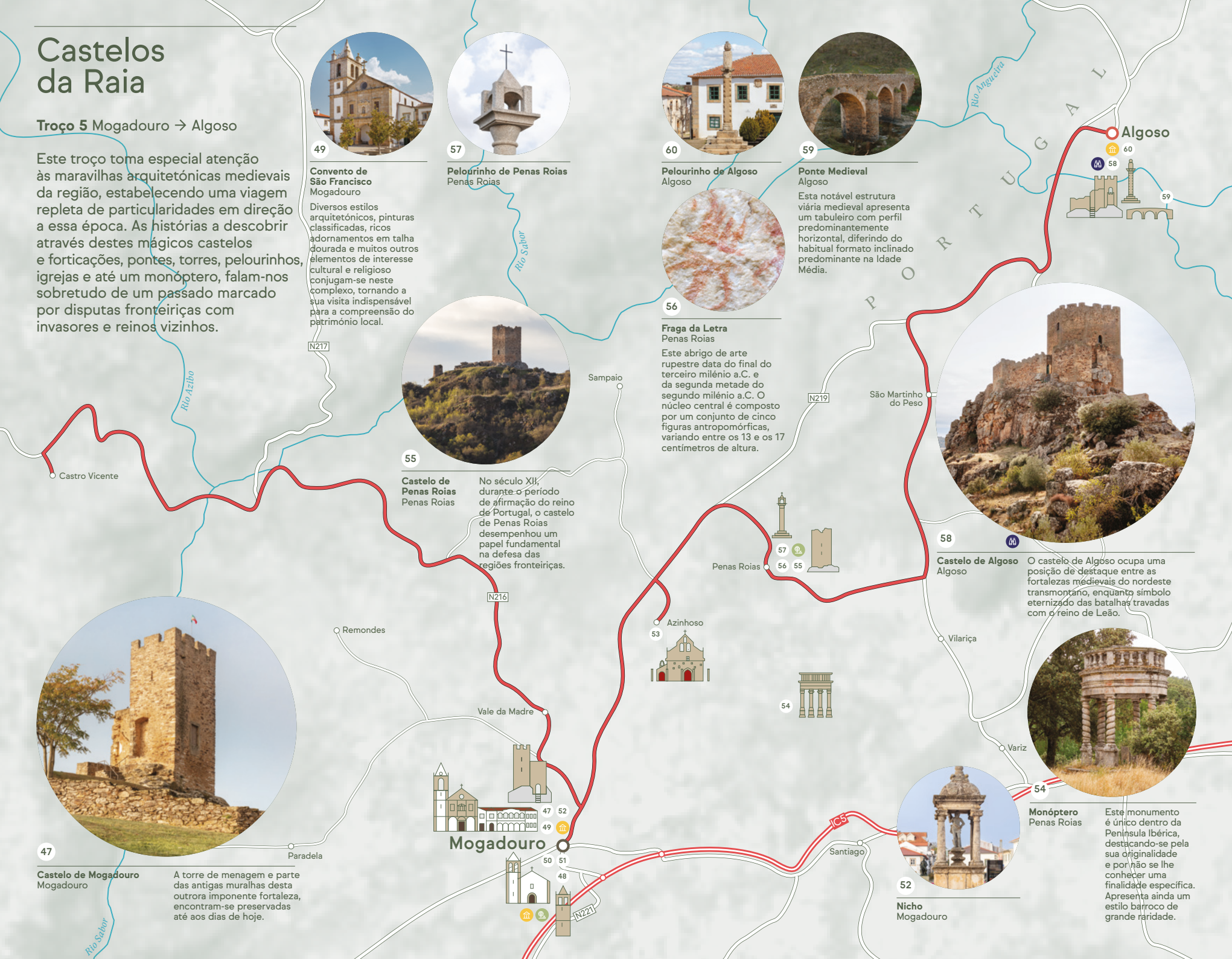
Monóptero
Penas Roias

Este monumento é único dentro da Península Ibérica, destacando-se pela sua originalidade e por não se lhe conhecer uma finalidade específica. Apresenta ainda um estilo barroco de grande raridade.



52

Nicho
Mogadouro



Castelos da Raia

Troço 5 Mogadouro → Algosó

47

Castelo de Mogadouro
Mogadouro

As origens do Castelo de Mogadouro continuam a ser objeto de debate. Contudo, escavações recentes realizadas nas proximidades da atual igreja matriz revelaram vestígios de ocupação romana, que possivelmente sucedem a um núcleo proto-histórico primitivo, embora não existam contextos preservados que o comprovem.

Ao longo dos séculos, o conjunto de Mogadouro sofreu muitas alterações, tornando-se impossível reconstituir o seu traçado original. No entanto, é provável que não fosse muito diferente do Castelo de Penas Róias, cuja reforma sob a Ordem dos Templários é comprovada por uma inscrição datada de 1172.



Mogadouro

Situando-se na parte mais meridional da Terra Fria, Mogadouro estabelece-se como vila histórica, funcionando também como sede de Município, marcado este pelo seu relevo acidentado com variações entre áreas montanhosas e vales, cujo povoamento pode ser recuado a tempos ancestrais. A documentar esta ocupação existem na região vários vestígios in loco e achados, hoje coletados na Sala Museu de Arqueologia da Vila, bem como imponentes monumentos megalíticos e exemplares de arte rupestre.



54

Monóptero
Penas Róias

Localizado na Quinta Nova, também conhecida como Quinta de Nogueira, este monumento data do século XVIII e foi construído pela família Távora, antigos senhores desta região, em homenagem a São Gonçalo, padroeiro dos caçadores. Diz-se que é um monumento único dentro do seu género na Península Ibérica.

Apresenta um estilo barroco de grande raridade e não possui uma função específica atribuída. É uma estrutura circular, semelhante a um pavilhão, assente sobre um soco de quatro degraus em forma de toro e escócia invertidos. Sobre esse soco, encontram-se seis colunas salomónicas de 1,90 m de altura, com capitéis jónicos, entablamento e uma balaustrada como remate, ocultando a cobertura em cúpula que abrigava a imagem central de São Gonçalo no seu interior.



48

Torre do Relógio
Mogadouro

Perto do Castelo de Mogadouro, encontra-se a marcante Torre do Relógio, composta por três pavimentos, sendo um deles projetado para abrigar sinos. A sua cobertura é em formato piramidal e nos quatro cantos existem pináculos em granito. Esta edificação possui planta quadrangular, estando construída com pedras de diferentes tamanhos. No alçado Sul, exibe ainda um relógio de Sol gravado.



50

Igreja de São Mamede
Mogadouro

Apesar de não serem muito abundantes, os documentos referentes à Igreja Matriz de Mogadouro — ou Igreja de São Mamede — constituem uma preciosa janela para a história deste templo e do passado da vila. Neles é possível compreender, por exemplo, a proximidade funcional entre esta e o Castelo de Mogadouro.

Sabemos assim que a atual igreja de três naves data dos finais do séc. XVI, embora tenha tido como origem um simples templo românico de uma só nave.



49

Convento de São Francisco
Mogadouro

Esta igreja, construída no século XVII, possui uma planta de cruz latina com três naves. Acredita-se que tenha sido construída após a edificação do convento, que remonta ao século XV. O altar-mor e as pinturas nele presentes, feitas por M. Lopes Matos, são de grande importância e por isso estão também classificados.



51

Igreja da Misericórdia
Mogadouro

Após resposta positiva do Papa Pio IV — que concedeu a bula papal e várias indulgências — ao pedido do benemérito D. Luís Álvares de Távora, esta igreja de estilo maneirista e influência barroca foi mandada construir, também como consequência da fundação da Misericórdia de Mogadouro em 1559. A sua fachada frontal é rasgada por um portal de volta perfeita encimado por um nicho com uma magistral Pietá — uma representação tipificada da Nossa Senhora da Piedade.



55

Castelo de Penas Roias
Penas Roias

O castelo de Penas Roias foi uma das principais fortalezas medievais de Trás-os-Montes durante o século XII. Ao longo desse período, enquanto o reino de Portugal se afirmava perante o Islão e o vizinho reino de Leão, este castelo teve um papel fundamental na defesa das regiões fronteiriças.

Pertencendo originalmente aos Templários, a parte preservada da fortificação resume-se agora a uma torre alcantilada de planta quadrangular, com 5 metros de lado, de estrutura simples e construída com xisto quartzítico misturado com argamassa. A cantaria é predominante nas janelas voltadas para Sul e Leste, enquanto a porta está localizada a Oeste, a cerca de seis metros de altura, também em cantaria. No entanto, a estrutura frágil da torre não permite atualmente o acesso ao interior.



58

Castelo de Algosó Algosó

O castelo roqueiro de Algosó, construído no século XII, desempenhou outrora um papel central como sede da autoridade real em Terras de Miranda. Por volta de 1224, o castelo foi doado por D. Sancho II aos Hospitalários, que realizaram importantes obras, incluindo a edificação da torre de menagem e da cisterna abobadada que perduram até aos dias de hoje. Este castelo constitui uma das fortale-

zas medievais mais importantes do nordeste transmontano, relembrando as guerras com Leão, as tentativas de afirmação de autoridade na região, e ainda a presença da comenda hospitalária que aqui se estabeleceu em 1224.

A história do castelo de Algosó remonta ao século XII, durante a fase final do reinado de Afonso Henriques, quando Sancho I já estava envolvido no exercício do poder régio. De acordo com as informações das Inquirições de 1258, este terá sido construído por D. Mendo Rufino em troca da vila de Vimioso.



53

Igreja de Santa Maria Azinhoso

A igreja de Santa Maria de Azinhoso é um dos principais exemplos de arquitetura românica em Trás-os-Montes, juntamente com a igreja de Algosinho.

No que diz respeito ao estilo deste templo, os seus arcos ogivais decorados com elementos românicos indiciam que terá sido construído nos séculos XIII e/ou XIV.



59

Ponte Medieval Algosó

A ponte de Algosó, localizada sobre o estreito vale formado pelo rio Angueira, é uma das notáveis estruturas viárias da época medieval desta região. Destaca-se não só pela própria construção, mas também por fazer parte de uma rota que inclui troços medievais. Esta estrada terá sido estabelecida quando Algosó se tornou sede de uma comenda hospitalária, a partir de 1224, e ao redor da qual diversas unidades de produção agrícola se desenvolveram.



Trindade Coelho

José Francisco Trindade Coelho (1861 – 1908), que dividira a sua atividade entre a escrita e o Direito, é lembrado não só enquanto autor de grande mérito mas também como um importante ativista na democratização do ensino e na consciencialização política do povo português. Natural de Mogadouro, onde fez a sua instrução primária com o apoio de dois padres em Estudos de Latim, refletiria mais tarde as suas origens de forma sublime através dos seus contos rústicos – área onde é considerado até hoje como um dos grandes mestres nacionais.



60

Pelourinho de Algosó Algosó

O pelourinho de Algosó, provavelmente erguido após a concessão do foral manuelino, encontra-se localizado em frente à antiga casa da câmara, num largo em direção ao castelo.

É composto por uma base de quatro degraus quadrangulares feitos de pedra trabalhada. A base sustenta a coluna, o capitel e o remate do conjunto.

Pombais Transmontanos

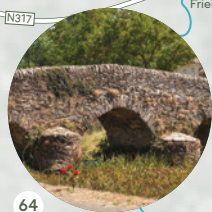
Troço 6 Algozo → Salsas

Pontilhando a paisagem ao longo das terras transmontanas, os pombais tradicionais são um ícone rural que desperta a curiosidade de quem, ao visitar-nos, começa a aperceber-se da sua omnipresença. Tomando esta rota, descobrirá o seu significado e funções ancestrais e modernas, aproveitando também para desvendar outras igualmente fascinantes construções em xisto e pedra, bem como as marcantes eclosões festivas que por aqui se dão.



Olival

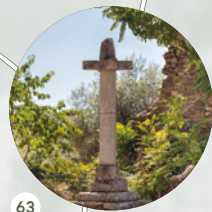
Campos de oliveiras (*Olea europaea* L.) que tão bem caracterizam a típica paisagem de Trás-os-Montes.



64

Ponte de Frieira Frieira

Ponte de pedra lançada sobre rio, construída em alvenaria de cantaria de xisto, com cinco arcos de volta perfeita, sendo o arco central maior do que os restantes.



63

Pelourinho de Friera Montesinho



65

Pelourinho de Sanceriz Sanceriz

No coração da povoação, encontra-se o Pelourinho de Sanceriz, uma construção que se acredita ter sido erguida durante o séc. XIV, na fase entre a emissão dos dois forais. Apresenta uma simplicidade e uma robustez que espelham a essência da região durante a Idade Média.



62

Ponte Medieval Santulhão/Izedá

Argozelo

Alguns metros a jusante do atual viaduto, conserva-se ainda a antiga ponte comumente referida como "romana", com estrutura de cavalete sobre três arcos de volta inteira, tipicamente medieval.



61

Igreja de São Sebastião Algozo

Esta Igreja Matriz é encimada pela cruz dos Cavaleiros de Malta. No seu interior, conservam-se ainda muitos outros símbolos da Ordem dos Cavaleiros de Malta, que administraram outrora as rendas da Comenda.



Uva Vimioso

Existem cerca de 30 pombais recuperados na aldeia de Uva que contribuem hoje para a manutenção de populações de algumas rapinas emblemáticas.

N219

Campo de Viboras

Vale Algozo

Uva

Mora

Algozo



61

Matela

Vinhó

N317

N218

Rio Sabor

Rio Maças

Rio Angelina

Calvelhe

Paradinha Velha

Paradinha Nova

Coelhoso

Parada

Grijó de Parada

Carçãozinho

Vila Boa

Freixeda

Serapicos

65

Sanceriz

63

64

Frieira

Izedá

62

Santulhão

Vinhas

N317

Castro Lupal

Gralhós

N217

Pombais Transmontanos

Troço 6 Algosó → Salsas



Uva
Vímioso

A aldeia de Uva, apesar do seu pequeno aglomerado populacional, apresenta características culturais ímpares. Situada nas margens da ribeira das Fragas, este povoado permite-nos conhecer elementos arquitetónicos tradicionais muito peculiares — os pombais. Estes possuem uma forma em ferradura ou circular e permitiriam, em tempos, criar pombos para alimentação das populações e fertilizante para os terrenos agrícolas.



62

Ponte Medieval
Santulhão/Izeda

Pelo extremo meridional de Santulhão tem-se acesso a Izeda. A estrada desce lentamente a encosta até alcançar o rio Sabor. Alguns metros a jusante do atual viaduto, a cota baixa, conserva-se ainda a antiga ponte comumente referida como “romana”, com estrutura de cavalete sobre três arcos de volta inteira. A estrutura de alvenaria, em rocha xistosa da região apresenta um amplo arco central bastante aberto e mais quatro outros arquetes, levemente apontados e de tamanhos desiguais.



Azeite

Preferindo terrenos secos e rochosos e o clima mediterrâneo, esta árvore adapta-se muito bem às pendentes marginais dos cursos de água que fluem para o Douro, desenvolvendo particularidades singulares nas zonas de transição entre a Terra Quente e a Terra Fria. Este efeito é especialmente notório na localidade de Santulhão, onde se originou uma variedade própria de azeitona — a designada santulhana.



63

Pelourinho de Frieira
Frieira

Marcando o poder conquistado por Frieira através do foral concedido por D. Dinis, o Pelourinho de Frieira continua de pé, ao centro da povoação. Embora tenha sofrido algumas alterações ao longo do tempo, a sua essência primitiva permanece intacta.



64

Ponte de Frieira
Frieira

Esta modesta travessia de pedra encontra-se sobre o rio Vale de Moinhos, no percurso atual de uma estrada municipal que se situa a cerca de duzentos metros da ponte entre Vinhas e Izeda.



Festa de Santo Estêvão
Grijó de Parada

Estas festas dão-se ao longo dos dias 26 e 27 de dezembro, período durante o qual a aldeia de Grijó vive verdadeiramente em torno das celebrações. O primeiro dia é composto por uma ronda de Boas Festas e peditório, com “rei” e “bispo” e atuação de caretos, incluindo ainda a mesa de Santo Estêvão — um tradicional almoço comunitário — e a bênção do pão. Os caretos locais, vestidos de vermelho, que hoje incluem já jovens e velhos, homens e mulheres, tomam os papéis principais. São eles que, com ou sem máscara, vão juntando a multidão e fazendo a festa ao som de tambores e gaitas — e, claro, com muitas partidas e tropelias pelo meio.

As rondas pelas casas começam logo pela manhã, lideradas pelos “mordomos”, onde os integrantes do grupo que geram as principais comoções são recebidos com comida e bebida. No segundo dia, após muita folia, divertimento e mais atuações dos caretos, dá-se o convite dos novos mordomos e, já depois do pôr do sol, a tradicional “corrida à rosca”.



Festa de Santo Estêvão
Parada de Infanções

As raízes desta festa tradicional são ancestrais e, até há pouco tempo, eram obrigatoriamente os homens casados os responsáveis pela sua conservação. Ao longo do ano, os mordomos angariavam dinheiro para, no dia de Santo Estêvão, assarem sardinha, depois oferecida à população num almoço que reunia dezenas de pessoas, apelidando-se de “Mesa de Santo Estêvão”. Os homens casados que se ofereciam para organizar a festa do ano seguinte eram carregados, pela aldeia, num carro de bois puxado por homens solteiros. Com o passar do tempo, a tradição tem vindo a alterar-se, dado o envelhecimento da população e a falta de jovens.

Se a tradição se desfez das restrições de estado civil no que toca à organização da festa, também o carro de bois que era puxado apenas por rapazes solteiros, já não é exclusivamente. Ainda assim, a animação continua a contagiar a população e as pessoas saem à rua para ver o carro de bois passar. A acompanhar esta procissão, nunca faltam os típicos caretos acompanhados de gaiteiros. Tudo culmina na noite de “galhofa”, onde os rapazes dão um espetáculo de luta livre, mantendo viva a ancestral prática desta arte marcial portuguesa, cujas demonstrações acontecem tipicamente dentro dos palheiros.

À volta da Serra da Nogueira

Troço 7 Salsas → Zoio

70

Castelo de Bragança
Bragança

O emblemático Castelo de Bragança, classificado como Monumento Nacional desde 1910, é uma das mais significativas e bem preservadas fortificações portuguesas. É fácil compreender a pertinência da sua localização quando, a partir do alto dos seus muros, avistamos as serras de Montesinho, de Sanabria, de Rebordões e a de Nogueira.

A história da ocupação humana nas redondezas remonta até ao período Neolítico. Apesar de perda a maior parte dos dados relativos a outras cercas defensivas mais ancestrais, aceita-se que os esforços de fortificação neste exato local terão ocorrido no séc. XII.



Bragança

Ao longo da história, Bragança foi um importante ponto de defesa da fronteira portuguesa — e, a prová-lo, resistem ainda as muralhas que envolvem a parte antiga desta cidade, bem como a famosa torre de menagem do seu castelo. Como povoação, existe desde o século XII, tendo D. Sancho I concedido-lhe foral em 1187 e, já às mãos de D. Afonso V, recebido nova carta de lei aquando da sua elevação a cidade.

É ainda sede do município e pertence ao distrito de mesmo nome, sendo estes reconhecidos em conjunto pela sua riqueza cultural e folclórica, bem como pela sua majestosa e muito procurada gastronomia local.



71

Domus Municipalis
Bragança

No espaço inferior, situa-se uma primitiva cisterna para armazenamento de água de nascente, assentando numa planta em pentágono irregular de vários níveis, documentada a partir de 1446 mas que aponta ser anterior a esta data; no espaço superior, sustem-se o local para a reunião dos “homens bons” da comunidade, que terá sido erigido por ordem e com orientação do Duque de Bragança, em carta de 1510.



72

Igreja de São Vicente
Bragança

Entre as paredes deste resiliente templo, deram-se alguns dos episódios mais marcantes da história de Portugal. Remontando as suas origens ao séc. XIII, época em que funcionou como igreja paroquial, acabou por ser reconstruído em 1571, por ordem do então bispo D. António Pinheiro. No entanto, devido a uma derrocada, viria a ser novamente reconstruído em 1683, mantendo a estrutura medieval na cabeceira mas com notáveis alterações ao estilo barroco.



73

Igreja de São João Baptista
Bragança

O Duque D. Teodósio e a Câmara mandam construir convento para clarissas no terreno da “Cruz de Pedra”, junto às eiras do Arcebispo, pertencente ao Mosteiro de Castro de Avelãs. O edifício foi entregue à Companhia de Jesus em 1561, que o transformou em colégio. Com a expulsão da Companhia de Jesus do território nacional, em 1759, o edifício passou para a posse da Coroa. Em 1764 o templo foi elevado a Sé, quando a sede de diocese foi transferida de Miranda do Douro para Bragança. Em 1766 foi instalado na parte do antigo colégio o Seminário Diocesano.



74

Pelourinho de Bragança
Bragança

O Pelourinho de Bragança é um dos mais antigos do país, seguindo uma tipologia própria da região nordestina. Símbolo de autonomia e poder senhorial, é composto por uma base proto-histórica (500 anos a.C), em forma de berrão, onde assenta uma coluna datada de séc. XII ou XIII, decorada no topo.

A decoração do topo da coluna é singular, pois apresenta quatro braços de pedra em forma de cruz, habitualmente feitos de ferro com argolas, onde se amarravam em praça pública os condenados. No alto, a terminar o pelourinho, uma figura humana segura um braço com o escudo da cidade.

Símbolo do poder municipal está, desde 1860, no Jardim dos Oficiais, antiga Praça de São Tiago. Provavelmente quinhentista, tem capitel com quatro braços, em cruz grega, rematados com figuras zoomórficas e encimada por figura sentada segurando um escudo.

Com mais de seis metros de altura assenta num berrão com cerca de 2 metros de comprimento, popularmente designado por Porca da Vila.



75

Cruzeiro da Sé
Bragança

Local de grande centralidade na cidade de Bragança, em plena praça da Sé, o Cruzeiro da Sé de Bragança funciona habitualmente como ponto de encontro para os locais e visitantes. Este local é um dos pontos mais fotografados da cidade, apresentando uma excelente panorâmica do centro histórico e castelo.



76

Igreja de São Bento
Bragança

A Igreja de São Bento está integrada num convento — o mosteiro beneditino de Bragança —, fundado no século XVI pela dama nobre D. Maria Teixeira, sob a proteção de Santa Escolástica (irmã do patriarca São Bento). Ainda hoje são visíveis na fachada do templo as pedras de armas da família desta benemérita, que terá doado as casas que formaram a base para a sua construção.



As nevadas

Sabemos que a neve e o gelo são das ocorrências mais associadas à imagem que o forasteiro tem das “Terras Altas do Nordeste”. No entanto, esta imagem não corresponde inteiramente — ou pelo menos não tão frequentemente assim — à realidade. As nevadas não acontecem com regularidade e o gelo não perdura o suficiente para que a carambina — o nome local que é dado ao

sincelo, o gelo que pende das árvores, dos beirais dos telhados e de outras estruturas e que resulta da congelação do orvalho ou da chuva miúda — paralise a atividade.

Ainda assim, um nevão nas serras da Coroa, Nogueira ou Montesinho, pendurando os flocos nas copas desfolhadas dos carvalhais ou estendendo o alto manto nos “abexedos” das encostas, imprime à paisagem um espetáculo de força e grandeza que nos permite compreender facilmente o porquê de tal percepção.



Morte, Diabo e Censura
Bragança

A Morte, o Diabo e a Censura - sai à rua na zona histórica da cidade de Bragança. A partir daqui, fazem o seu percurso habitual pelos bairros mais antigos. A finalidade que têm em mente é perseguir as moças; quando as alcançam, castigam-nas com seus chicotes; quando elas se refugiam em casa, o Diabo arranja maneira de entrar; não sendo possível entrar pela porta, saltam pelas janelas ou varandas.

Tudo isto se justifica: estamos na Quarta-feira de Cinzas e necessário se torna lembrar às pessoas que devem fazer penitência. Contudo, o ritual acaba por se tornar um momento de diversão; por isso, se diz que Bragança tem mais um dia de Carnaval.

Num passado não muito remoto, os ritos executados pelas personagens da morte, do diabo e da censura assumiam proporções verdadeiramente aterradoras. Era essa a finalidade que se pretendia atingir.

Tal como no passado, a Quarta-feira de Cinzas em Bragança continua hoje a ser um dia divertido. A morte já não participa na procissão de Cinzas, porque até esta se perdeu, mas executa os rituais ditos profanos devidamente acompanhada pelo diabo e pela censura.



77

Convento de São Francisco
Bragança

Edificado no século XIII para acolher a ordem mendicante de São Francisco, a lenda atribui a sua fundação ao próprio Santo. A Rainha Isabel, mulher de D. Dinis - que muito provavelmente aqui pousou em 1282 - teria favorecido o convento. Foi reedificado na primeira metade de seiscentos a partir de uma estrutura medieval de que subsistem elementos. A fachada maneirista data de 1635. Todo o convento sofreu novas intervenções ao longo de setecentos. Em 1800 a fachada da igreja foi renovada.



Casas Senhoriais
Bragança

Em Bragança, resistem também testemunhos históricos que refletem vivências para lá do quotidiano popular, do passado militar ou da cultura religiosa. São disto exemplo as diversas Casas Senhoriais que aqui se conservam e que hoje servem diversos fins, desde a exploração privada à hotelaria, passando pelo abrigo museológico até à reserva de espólio.



79

Museu do Abade de Baçal
Bragança

As raízes deste museu remontam a 1897, tendo sido o mesmo reinstalado em 1912 num antigo Paço Episcopal — cujo recheio foi adicionado ao espólio original de coleções de arqueologia e numismática. Abrindo a público em 1927 e funcionando com a denominação de Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança sob a direção do Abade de Baçal, acabou por tomar a designação atual em 1935 à data da jubilação do mesmo.



78

Igreja de Santa Maria ou de N.ª. Sr.ª. do Sardão
Bragança

Situando-se dentro dos muros da Cidadela de Bragança — mais precisamente na cerca do castelo, à esquerda da Domus —, esta é tida como a igreja mais antiga de Bragança. Foi edificada no século XIV, inicialmente no estilo românico. No entanto, foi modificada ao longo dos dois séculos seguintes, resultando num estilo barroco que preservou poucos vestígios do seu traçado original.



80

Mosteiro de Castro de Avelãs
Castro de Avelãs

Para se poder conhecer o seu importante património onde se eleva um antigo mosteiro clunicense do sec XII, uma visita a aldeia de Castro de Avelãs é indispensável. Filia-se na tradição românica mudéjar da meseta duriense castelhana, constituindo no nosso país exemplo raro, senão mesmo exemplar único. Aqui se hospedou em março de 1387 o Duque de Lancaster, John of Gaunt, com mil homens de armas que o acompanhavam, quando se encontrou com D. João I no planalto de Babe.

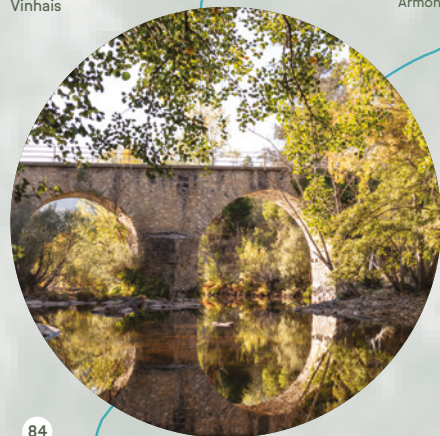
Atravessando o Tuela

Troço 8 Zoio → Sobreiró de Cima

Eis que, subitamente, a paisagem muda. Chegando à bacia do Tuela, descobrimos encostas pedregosas, irrigadas por muitas linhas de água que derivam do caudal principal do rio, marcando o terreno de colinas e outeiros. Urze, estevas e rosmaninho despontam dos matos rasteiros, a par e passo com os dominantes castanheiros. Por todo lado, ouvimos falar do fumeiro e dos máscaros, do castelo, das igrejas, das ruínas ancestrais, do parque biológico e da vida sincopada aos intentos da natureza.



86
Igreja de São Facundo
Vinhais



84
Ponte da Ranca
Nunes

Entre Ousilhão e Vinhais, onde a estrada passa o Tuela na Ponte da Ranca, uma ponte medieval com cinco arcos de volta redonda, com talhamares, sobre um belíssimo trecho do rio, com mouchões cobertos de choupos e amieiros.



87
Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Assunção
Vinhais



90
Museu de Arte Sacra
Vinhais



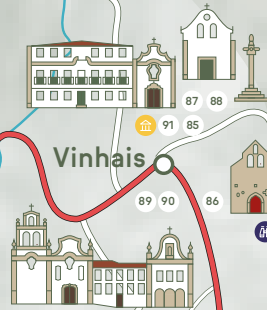
Marcação indicativa de um itinerário histórico pertencente ao Caminho de Santiago.



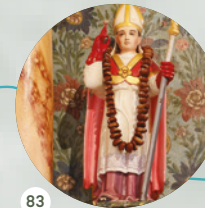
91
Solar da Corujeira
Vinhais



92
Centro Cultural Solar
dos Condes de Vinhais



94
Pelourinho de Paço
Paço



83
Igreja de São Cipriano
Nunes



93
Parque Biológico
Vinhais

A vegetação da área envolvente é dominada pelos bosques de carvalhais (*Quercus pyrenaica*), presentes em grande parte do território.



82
Igreja de São Pedro
Zoio



89
Igreja de São Francisco e
Seminário dos Missionários
Vinhais

Na fachada da Igreja aparece a imagem de Nossa Senhora da Encarnação, acompanhada no lado esquerdo pelo Arcanjo Gabriel. Segundo uma lenda, um pedreiro encarregue de assentar as cantarias da cornija resvalou e caiu, não se magoando por "milagre".



95
Ruínas do Forte da Modorra
Vila Verde

A funcionalidade da estrutura é desconhecida, mas tendo em conta a proximidade à estrada romana, poderia tratar-se de uma estrutura de apoio aos viajantes.

Rio Tuela

Atravessando o Tuela

Troço 8 Zoio → Sobreiró de Cima



93

Parque Biológico
Vinhais

O Parque Biológico de Vinhais encontra-se instalado no Viveiro Florestal de Prada, inserindo-se portanto no Perímetro Florestal da Serra da Coroa, em pleno Parque Natural de Montesinho – e a meros dois quilómetros da vila de Vinhais. Aqui, poderá conviver com os elementos verdes mais típicos da envolvente, entre os quais se contam Carvalhais, Amiais Ripícolas, Salgueirais Arbóreos de Amieiro, Salgueiro-negro ou Sanguinho-de-água e ainda Urzais, Jotais e Giestais. Ao longo da visita, poderá avistar diversos animais fascinantes que habitam a zona, como os Javalis, Veados, Corços, Lobos ou Raposas, ou ainda ficar a conhecer o imponente Cão de Gado Transmontano e familiarizar-se com as 51 raças autóctones ligadas à atividade pecuária e agrícola.

Vinhais

A primeira referência documentada a Vinhais surge em meados do século XIII, mas a ocupação deste território data de tempos ancestrais, como testemunham os inúmeros vestígios arqueológicos que se podem encontrar nesta região, desde inscrições rupestres, edificações de tipo dolménico ou fortificações castrejas. Talvez mais do que em qualquer outro local, aqui as tradições não são memórias mas hábitos de todos.

Em todos os sentidos, Vinhais é remoto. E nessa distância, se conserva a sua magia.

85

Castelo de Vinhais
Vinhais

O Castelo de Vinhais é uma composição harmónica e simétrica, característica da arquitetura das vilas urbanas dionisinas. Este castelo desempenhou um importante papel no século XIV, na conturbada conjuntura do reinado de D. Fernando e da revolução que se lhe seguiu. Entre 1369 e 1371 foi ocupado por tropas castelhanas e, um ano depois, o seu alcaide tomou o partido espanhol. O estatuto periférico da fortaleza, reforçado pela extrema proximidade do reino de Castela, com o qual dispunha de fáceis vias de acesso, terá acentuado a maior ligação dos senhores do castelo aos invasores, facto que se repetiu em 1397, quando o alcaide João Afonso Pimentel se revoltou contra D. João I e abraçou a causa castelhana, só voltando à posse nacional em 1403.





86

Igreja de São Facundo
Vinhais

Apesar do templo atual ser, provavelmente, posterior ao século XIII, o seu orago ainda confessa uma fundação pré-românica, eventualmente situada nos séculos IX-X, fase de particular expansão do reino asturiano alcançado. Nesse período Vinhais foi palco de um importante processo de povoamento e reestruturação administrativa. O centro da vila foi deslocado para a zona do castelo, então em construção, o que determinou a localização relativamente excêntrica da igreja.



88

Pelourinho de Vinhais
Vinhais

É ao período manuelino que remonta a edificação do pelourinho que, até à sua destruição em finais do século XIX, se erguia nas proximidades da casa da câmara e da cadeia. Assim, o exemplar atual resulta de um restauro com reutilização do remate, de indiscutível interesse plástico e iconográfico.



87

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção
Vinhais

O povo de Vinhais tem muita veneração pela sua grandiosa padroeira. Segundo a tradição, a sua imagem pertencia à igreja de São Facundo, templo antigo que a lenda diz ter sido constituído pelos godos e que foi dentro dele que os dois fidalgos galegos Facundo e Primitivo, em combate com os bárbaros, sofreram o cruel martírio na defesa da fé cristã. Em tempos de seca transporta-se a imagem da igreja paroquial para a de São Facundo, afirmando ainda hoje alguns que, ao regressar em dia de céu límpido, forte aguaceiro de água punha em caos a procissão.



89

Convento de São Francisco e Seminário dos Missionários
Vinhais

Este excecional conjunto arquitetónico barroco é constituído por fachada corrida assente em duas cotas, correspondendo a sobranceira à Igreja conventual e a um campanário parietal de três arcos sineiros e a outra ao corpo do convento onde se insere a chamada Igreja de Nossa Senhora da Encarnação.



Caminho de Santiago

Ao longo da Idade Média, as peregrinações a Santiago de Compostela, na Galiza, mobilizaram milhões de peregrinos que atravessaram toda a Europa para venerar o túmulo do Apóstolo São Tiago Maior. Vários estudiosos apontam até para este fenómeno motivado pela devoção como um dos principais fatores da consolidação europeia, tanto em termos identitários como culturais.

95

Ruínas do Forte da Modorra
Vila Verde

As Ruínas do Modorro, também conhecido por Torre ou Castelo, localizam-se num esporão pouco pronunciado sobre o Tuela. Imediatamente a norte passava a antiga via romana, atravessava a Ponte de Soeira.

Isoladas a meio de um esporão encontram-se as ruínas de uma estrutura. Aparenta ser um edifício retangular, de boa construção, de paredes argamassadas. O tipo de construção e a argamassa apontam para uma cronologia romana. Entre os derrubes apenas se notam algumas telhas de meia cana e alguns tijolos ou tegulae, mas há registos do aparecimento de materiais de clara cronologia romana, acompanhados dos restos de outras construções, que atualmente não são visíveis.

A funcionalidade da estrutura é desconhecida, mas tendo em conta a proximidade à estrada romana, poderia tratar-se de uma estrutura de apoio aos viajantes.



Rota da Terra Fria Transmontana



Fumeiro de Vinhais (IGP)

Os produtos de fumeiro da região são geralmente apontados como o seu cartão de visita. Em particular, a Feira do Fumeiro de Vinhais, realizada anualmente desde 1981, tem cada vez mais visibilidade nacional e internacional e tem tido um papel crescente não só na divulgação da riqueza gastronómica local, mas também da sua tradição cultural.

Em termos de apreciação, a excelência do sabor do fumeiro de raça bísara rivaliza apenas com a diversidade das suas receitas: do Presunto à Chouriça Doce, do Chouriço Azedo ao Chouriço de Pão, passando pelo Salpicão e Alheira, é fácil reconhecer a qualidade dos produtos e difícil resistir a qualquer um deles. Para tal, e para lá das virtudes das matérias primas, há que referir os conhecimentos e habilidade dos nossos produtores tradicionais que, controlando a fumagem e selecionando as madeiras, são ainda hoje guardiões de alguns dos segredos que possibilitam a criação de tão apetitosas peças.



Cuscus

Os cuscus são uma das mais inalteradas receitas Portuguesas e um produto que só quase miraculosamente conhecemos — ou temos a oportunidade de provar — nos dias de hoje. No Portugal do século XV, o consumo de cuscus fazia parte do dia a dia alimentar das populações, mas, com a introdução da batata e do milho das Américas, deu-se o seu quase desaparecimento. Com a progressiva modernização, a produção morosa e trabalhosa dos cuscus tornou-se cada vez mais incompatível com os ritmos de vida. Simultaneamente, o trigo Barbela, o cereal indispensável enquanto base deste produto e outrora abundante, foi também sendo substituído por outras variantes mais fáceis de trabalhar. Felizmente, algumas reduzidas bolsas populacionais, particularmente em Vinhais, mantiveram viva a tradição e os segredos da sua confeção. Hoje, assistimos a uma recuperação e reintrodução do trigo Barbela, fruto da conscientização global para a diversidade alimentar, o que tem possibilitado também a apreciação e redescoberta dos nossos cuscus.



Porco Bísaro

O Porco Bísaro é um testemunho vivo da ancestralidade da nossa região. A raça desce dos porcos trazidos pelos povos celtas no Século VI a.C. e as suas características físicas inconfundíveis parecem teimar em lembrar-nos que na sua genética resistem ainda traços de javali. Porém, se a sua corpulência insiste em indiciar o seu primitivo antepassado, o temperamento dócil do Bísaro trai completamente essa pretensão. Tal como o fazem as suas orelhas pendentes e andar algo desajeitado que, no entanto, contribuem vivamente para o seu fabulado charme e encanto, tantas vezes refletido e celebrado nas manifestações culturais locais. Reconhecível também pela sua pelagem geralmente malhada, mas também preta ou branca, o Porco Bísaro é uma espécie autóctone que está intimamente ligada à subsistência tradicional dos nossos povos. Daí resultam incontáveis anos de conhecimento e refinamento de receitas, modos de transformação e preservação da carne, e até de diferentes segredos para o aproveitamento integral do animal. Nos dias de hoje, a nobreza da raça assinala-se através do fumeiro regional de Vinhais, sendo a sua carne marmoreada e macia responsável por iguarias como o salpicão, a chouriça de carne, a linguiça, o presunto, a alheira, o chouriço azedo, a chouriça doce ou o butelo.



Castanha

Os soutos locais mantêm-se imperturbáveis há séculos e a sua beleza remete-nos para um passado onde a castanha era a base da alimentação e sobrevivência das populações. Apesar da introdução da batata em Portugal por volta de 1789, as povoações souberam preservar os seus soutos e mantiveram viva até hoje a tradição da apanha tradicional da castanha — recolhida do chão, sem qualquer interferência com a queda natural dos ouriços. Os incontáveis anos de aproveitamento deste produto fizeram-nos chegar inúmeras receitas que fazem uso da castanha como protagonista ou acompanhamento dos pratos e, nos últimos anos, temos assistido a um renovado interesse na sua exploração em diferentes e novas práticas culinárias.





Entrudo dos Máscaras de Vila Boa
Vila Boa de Ousilhão

Apesar de outrora associados maioritariamente às celebrações em honra de Santo Estêvão, que ocorrem também nesta localidade nos dias 25 e 26 de dezembro, já há muito que os Máscaras de Vila Boa irrompem também pelas ruas da aldeia com as suas tropelias no dia do Entrudo. As celebrações começam logo após o romper do sol, com a aparição de grupos de homens vestidos de demónios carnavalescos, ostentando fatos garridos, tilintando chocalhos pesados e envergando sobre o rosto as tradicionais e fabulosas máscaras de madeira, cortiça, couro ou lata produzidas pelos artesãos locais. Nesta ronda, que atravessa toda

a localidade e que não poupa nenhuma casa nem adega, seguem também os grupos de gaiteiros, contribuindo para o frenesim com o som das suas gaitas de foles. Bebem e comem onde quer que sejam recebidos, lançam farinha e água sobre os populares e interpelam moças e mulheres com as suas brincadeiras. Ao longo do percurso, vão igualmente “roubando” objetos e reunindo-os num só local — estes, mais ao final do dia, servirão para alimentar a dantesca fogueira comunitária à volta da qual se reunirão os foliões. Chegada essa altura, os máscaras bailam à volta das chamas, atravessando até as labaredas com valentia, estendendo-se a pândega até às horas que as almas (e os estômagos) aguentarem.



Festa de Santo Estêvão
Ousilhão

Tendo as suas origens em celebrações pagãs, associadas ao solstício de inverno, marcavam a passagem dos adolescentes à vida adulta, a Festa de Santo Estêvão de Ousilhão realiza-se nos dias 25 e 26 de dezembro. O início das festividades faz-se com os máscaras, os quatro moços e o grupo de gaiteiros, que fazem as tradicionais rondas pelas casas da aldeia. Os moços ao som dos gaiteiros dançam desejando as boas festas e os máscaras fazem as suas tropelias.

No dia 26, durante a manhã, repete-se o ritual do dia anterior e já no período da tarde é celebrada a eucaristia em honra de Santo Estêvão, onde participam o "rei e dois vassalos". No final da missa a população reúne-se à volta da mesa comunitária, onde vão estar sentados os reis e vassalos e são da coroados o novo rei e respetivos vassalos. Durante esta celebração é oferecido ao povo "pão bento" e vinho.

Nas noites de 25 e 26 realizam-se as tradicionais "galhofas" ao som dos gaiteiros.

Caminho do Rabaçal

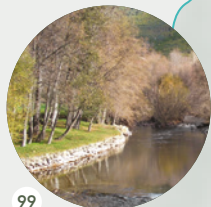
Troço 9 Sobreiró de Cima → Moimenta

Possivelmente, este é o traçado que mais toca a imaginação dos visitantes à Terra Fria. Há a descobrir estradas caracoleantes que acompanham os caprichos dos ribeiros, antigas minas de ouro hoje cobertas de castanheiros e algumas das adegas mais antigas do país. Do cima das encostas, avistam-se esporões e memórias de povoados proto-históricos, entre vales encaixados cuja exposição solar providencia microclimas mediterrânicos. E isto quase sem referir

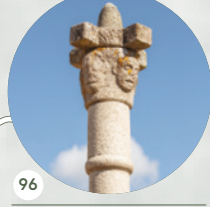


97
Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Gestosa

Dedicada à Nossa Senhora da Assunção, a restauração desta Igreja envolveu o restauro do telhado, a substituição do forro, soalho e portas, bem como a pintura das paredes interiores e exteriores.



99
Praia fluvial de Sandim
Sandim



96
Pelourinho de Vilar Seco da Lomba
Vilar Seco da Lomba



98
Ponte da Gestosa
Gestosa
Ponte Medieval da Gestosa que atravessa o rio Rabaçal fazendo a antiga ligação à aldeia de Santalha através da Calçada que teria ligações ainda ao povoado da Cigadonha.



100
Pelourinho de Pinheiro Novo
Pinheiro Novo



102
Santuário de Nossa Senhora dos Remédios
Tuizelo
A fachada deste santuário decorado por ondulantes ornatos rocaille, está forrada a azulejos de estampilha amarelos e brancos.

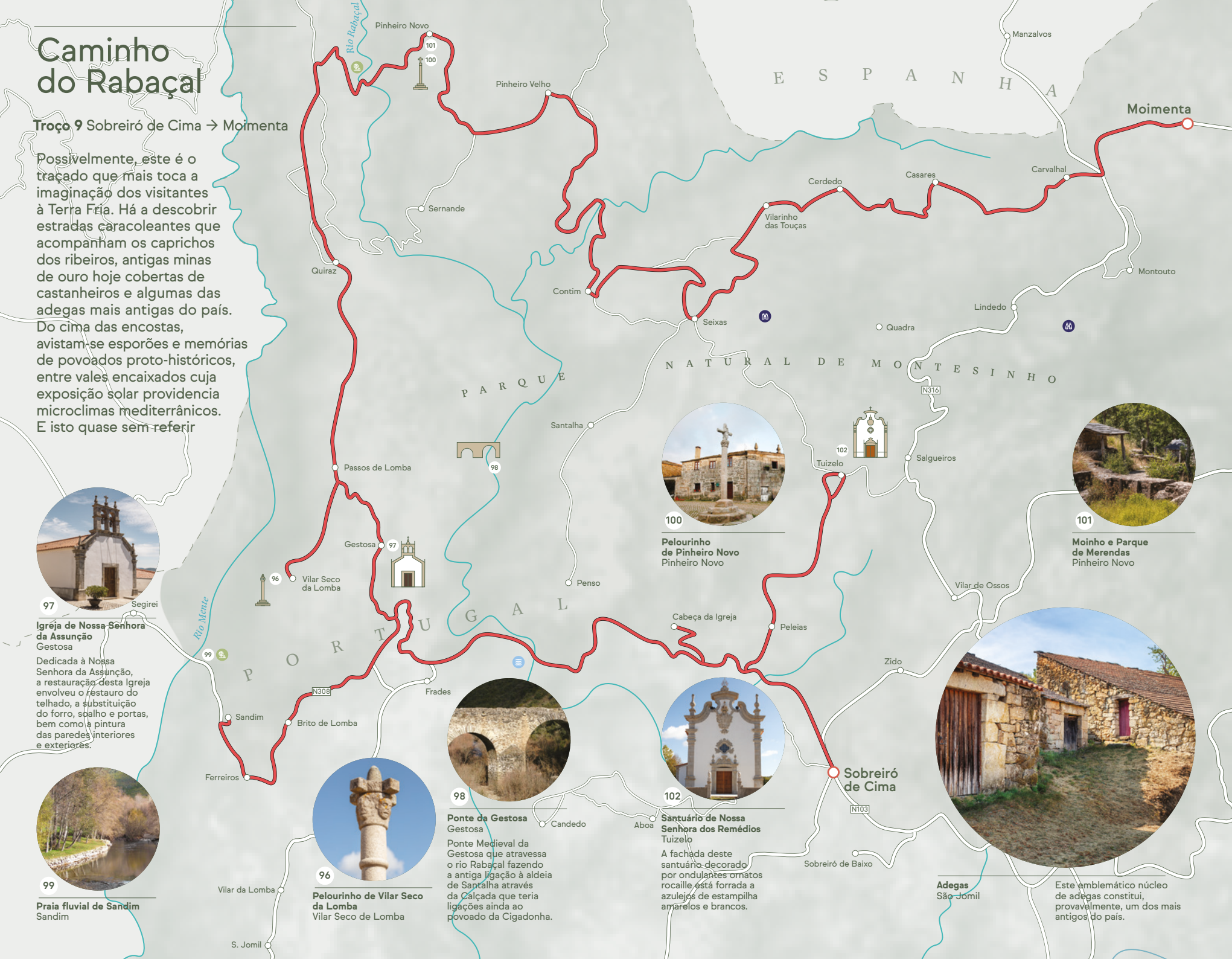


101
Moinho e Parque de Merendas
Pinheiro Novo



Adegas
São Jomil

Este emblemático núcleo de adegas constitui, provavelmente, um dos mais antigos do país.



Caminho do Rabaçal

Troço 9 Sobreiró de Cima → Moimenta



96

Pelourinho de Vilar Seco de Lomba
Vilar Seco de Lomba

A par do edifício da casa da câmara, remanesce destes tempos e em bom estado de conservação, o Pelourinho de Vilar Seco, símbolo maior da autonomia municipal, ainda que subsistam algumas dúvidas relativas à sua originalidade. Com efeito, já o Abade de Baçal referia que a plataforma do pelourinho corresponderia, na realidade, a uma mó de um moinho assim reutilizada, acrescentando o facto de o desenho que então esquissou do mesmo não se coadunar integralmente à realidade posterior, a mesma que acabaria por ser demolida e substituída por versão mais moderna e sem respeitar a preexistência.



Cristas Quartzíticas

Sendo fáceis de identificar visualmente, os quartzitos são rochas de génese sedimentar ou mesmo metamórfica, constituídos essencialmente por quartzo (geralmente acima dos 75%), um mineral translúcido de grande dureza e resistência. Quando estes assumem uma disposição linear nos cumes e pendores das serras e se tornam proeminentes por erosão das formações xistosas envolventes — constituindo-se como excrescências informes de dimensão relevante e, se não contínuas, pelo menos alinhadas — formam-se as cristas quartzíticas.

Na Terra Fria, estes relevos residuais afloram em diversos locais, com uma orientação aproximadamente noroeste-sudeste, constituindo invariavelmente ocorrências de grande valor paisagístico.

Em Pinheiro Novo e Pinheiro Velho, nas vertentes do vale do Assureira, é possível testemunhar o seu inconfundível efeito particularmente bem. No entanto, estes extensos alinhamentos são igualmente observáveis noutros pontos da Terra Fria, como na Serra da Nogueira, em Rio de Onor, no vale do Rio Maças ou em Deilão, entre outros exemplos. Em Deilão, curiosamente, a superfície dos quartzitos apresenta uma cobertura de corpos cilíndricos filiformes com o aspeto de cordões torcidos e sobrepostos, prováveis vestígios fossilíferos que a erosão pôs a nu e que, por semelhança com caracteres alfabéticos, são afloramentos localmente conhecidos por "Pedras Escrevidas".



Rota da Terra Fria Transmontana

Adegas São Jumil

A cerca de 29 quilómetros de Vinhais e alguns metros para lá do povoado da aldeia de São Jumil, encontram-se aquelas que são, provavelmente, as adegas mais antigas do país. Neste contexto, “adega” não significa apenas um local para produção, armazenamento ou conservação de vinho e aguardente, mas também um espaço para a sua comercialização e consumo – muitas vezes acompanhado por petiscos, como o salpicão assado ou o presunto na brasa. Este local, também conhecido por “Bairro da Alegria”, “Bairro das Adegas” ou “Travessa” é constituído por 49 adegas retangulares perfeitamente integradas com a paisagem, dispostas em banda e mantendo ainda o traçado e características originais, datando do séc. XVIII. Ao nível arquitetónico, a única alteração que sofreram ao longo dos tempos foi a substituição dos telhados de colmo por telha, o que lhes permitiu conservar o seu identitário aspeto rústico. Antigamente, este conjunto de construções estava ao centro da vida social das gentes da aldeia – especialmente dos rapazes, que muitas vezes estendiam o convívio até de madrugada.



102

Santuário de Nossa Senhora dos Remédios
Tuizelo

Reza a lenda que num dia de verão uma rapariga muda andava a pastar o gado no lugar de Pereiros, junto das ribeiras de Santa Maria, onde terá sido abordada pela Virgem dos Remédios, que lhe ofereceu água de uma fonte aberta no chão. No regresso a casa a menina pensava num modo de transmitir estes acontecimentos à sua família, quando se apercebeu de que já conseguia falar.

A fachada deste santuário decorado por ondulantes ornatos rocaille está forrada a azulejos de estampilha amarelos e brancos. O portal principal está encimado por um óculo quadrilobado, gradeado e com vidraça, que se encontra sob o brasão das quinas. No topo, a coroar este conjunto surge uma coroa de ferro forjado. Obra de arquitetura do então moderno rococó.

No local da nascente, depois batizado com o nome de “Hortinha do Conde”, há uma fonte de granito, onde muitos habitantes de Vinhais iam buscar água tidas como medicinais.



Festa da Senhora dos Remédios
Tuizelo

A romaria em honra de Nossa Senhora dos Remédios acontece no dia 8 de setembro, congregando centenas de fiéis no santuário, que participam na eucaristia e, de seguida, na imponente procissão – que tem como símbolo máximo um peculiaríssimo andor de vários metros de altura, profusamente decorado e coroado pela figura deste ícone tão celebrado localmente.

Por detrás desta reverência, está a lenda de uma menina muda a quem terá aparecido a Virgem dos Remédios em três ocasiões distintas. Destas aparições terá resultado a cura da menina, a revelação de uma nascente de água tida como medicinal e ainda as instruções para a edificação de um novo templo – que viria a ser conhecido como Santuário de Nossa Senhora dos Remédios.

Montesinho

Troço 10 Moimenta → Rio de Onor

Este traçado demonstra a especial capacidade do território transmontano para escudar as suas tradições em perfeita harmonia com a natureza. Nas suas léguas descobrirá aldeias inalteradas, orgulhosas das suas eiras, moinhos, lagares e forjas comunitárias, onde ainda se atravessam pontes medievais e a vida em comunidade preserva tradições. Também aqui, todas as paragens garantem pratos de caça e fumeiro capazes de saciar até os mais meticulosos apetites.



104

**Igreja Matriz
de São
Pedro
Moimenta**

As origens da Igreja Matriz de Moimenta remontam ao século XIV, mas o edifício atualmente existente resulta da campanha de obras efetuada no final do século XVII.



Montesinho
Bragança

A aldeia de Montesinho, conhecida devido ao Parque Natural que apelida, é uma povoação que conta com um aglomerado composto por vários imóveis que mantêm a arquitetura popular transmontana.



105

Solar dos Ataídes
Figueiredo
Moimenta

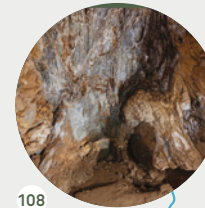
Moimenta apresenta um aglomerado onde se encontram várias casas interessantes, mas a casa dos Ataídes de Figueiredo é o único solar desta aldeia.



106

Ponte das Vinhas
Moimenta

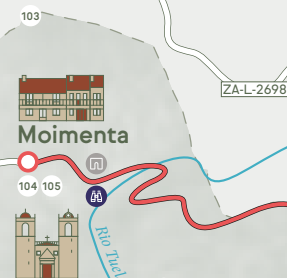
A ponte das Vinhas é uma obra de arte técnica medieval, provavelmente do séc. XVI e faz parte do velho caminho para Mofreita.



108

Lorga
Dine

Esta curiosa gruta, popularmente conhecida como Casa da Moura Encantada, ainda hoje alimenta a imaginação e o folclore local.



Moimenta



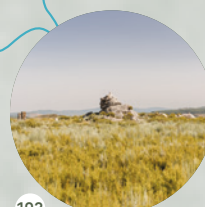
107

Fornos de Cal
Dine



109

Ruínas do Antigo Santuário da Senhora da Hera
Cova de Lua



103

Fraga dos Três Reinos

Moimenta



110

**Igreja de Nossa Senhora
da Assunção**
Sacoias

Montesinho

Troço 10 Moimenta → Rio de Onor



Parque Natural de Montesinho

Até para quem o habita, o esplendor natural do Parque Natural de Montesinhos é inabarcável. Em qualquer mancha dos seus 75 mil hectares, somos brindados com uma biodiversidade vasta ao ponto de alarmar – imediatamente antes de apaziguar – o espírito. Entre planaltos ondulados e vales profundos, a vida sincroniza-se às estações.

As orlas dos bosques chamam à descoberta, as serras convidam à aventura, os riachos apresentam-se antes de os ouvirmos. Os rumores de lobos-ibéricos, corças, veados, javalis e raposas passam a sinais palpáveis. Urzais, estevais e giestais florescem ou estacam-se perante o tempo. Um moinho ancestral sugere-se na distância enquanto as mesas se enchem de jóias gastronómicas. E algo de imemorable protege-se ainda entre os soutos.



104

Igreja Matriz de São Pedro
Moimenta

Apesar das origens da Igreja Matriz de Moimenta remontarem ao século XIV, o edifício atualmente existente resulta da campanha de obras efetuada no final do século XVII. O templo original, que desde 1545 pertencia à Diocese de Miranda, apresentava dimensões reduzidas, facto que terá conduzido à sua ampliação seiscentista — erguendo-se, então, as suas distintas torres sineiras.



107

Fornos de Cal
Dine

A utilização da cal para fins construtivos é uma prática que vem desde a antiguidade até meados do século XX. Na Terra Fria Transmontana, como de resto acontece com outros locais onde se produzia tradicionalmente cal, a sua cultura está inevitavelmente associada às características geológicas da paisagem e prende-se diretamente com a existência de fontes de matéria-prima que a sustentem, nomeadamente, afloramentos calcários.



106

Ponte das Vinhas
Moimenta

Por cima do rio glacial que, depois de um percurso em Espanha, entra em Portugal através da freguesia da Moimenta, passa a Ponte medieval das Vinhas. O percurso de Moimenta até à ponte sobre o rio Tuela, além da beleza paisagística também permite conhecer vários elementos arqueológicos como a cigadonha, a fraga das almas e fraga da ponte das vinhas.



108

Lorga
Dine

Os seus períodos de ocupação ancestral estão bem documentados e passam maioritariamente pela Idade do Cobre e pela Idade do Bronze, embora alguns vestígios menores indiquem também aqui atividade humana durante a Idade do Ferro. O seu espólio, resgatado em diversas escavações, é abundante e muito significativo, contando com grande quantidade de objetos cerâmicos, entre os quais vasos inteiros e profusamente decorados.



Rochas Ultrabásicas
Donai

De idade indeterminada, mas provavelmente de origem pré-câmbrica, estas rochas provenientes da consolidação de magmas de composição ultra- básica — e portanto com menor teor de sílica do que até os basaltos — são relativamente raras. Em Portugal, ocorrem apenas no Alto Alentejo e em dois muito evidenciados maciços nordestinos — um entre Bragança e Vinhais e outro na serra de Morais.

O conjunto destas escassas rochas básicas, integra anfíbolitos, serpentinitos, peridotitos e gabros, entre outros. A serpentinite, uma distinta rocha esverdeada — por sua vez constituída por serpentina, maguetite, clorite e talco — é ainda hoje explorada na freguesia de Donai e comercializada como pedra para fins ornamentais. Em Meixedo e Lagomar (Donai), podem ser encontrados peridotitos e, em Gondesende, até há pouco tempo ainda se encontravam ativas as minas de Sete Fontes, fornecendo talco para as indústrias da farmacêutica e da cosmética.



109

Ruínas do Antigo Santuário da Senhora da Hera
Cova de Lua

Embora apenas subsista um arco da capela medieval que invocaria Nossa Senhora da Hera, a sua localização e envolvente, em Cova de Lua, permite-nos adivinhar a força da devoção local a esta padroeira. Sendo também conhecida como Capela da Senhora da Hedra, Capela da Senhora da Edra e Capela da Senhora da Idera, estes nomes são hoje igualmente atribuídos a uma construção religiosa mais recente que dá continuidade à missão da estrutura em ruínas.

Montesinho
Bragança

Totalmente recuperada, mas genuína, a aldeia de Montesinho é composta por várias casas que mantêm a arquitetura popular transmontana, construídas em granito com telhados em lousa e varandas em madeira.

A aldeia de Montesinho, muito conhecida devido ao Parque Natural que apelida, é acima de tudo uma povoação que conta com um aglomerado composto por vários imóveis que mantêm a arquitetura popular transmontana, sendo visível em várias casas, algumas recuperadas recentemente para alguns negócios locais, como turismo rural, lojas de artesanato e de venda de produtos regionais.



Festa dos Rapazes
Varge

A festa dos rapazes de Varge tipicamente decorre no dia de Natal e no dia de Santo Estêvão (26 de dezembro). Os rapazes solteiros são os atores privilegiados deste acontecimento pois são eles que preparam e fazem a festa, composta por rondas, missas, peditórios, bailes e loas. Reúnem-se na Casa da Festa, cedida especialmente para a ocasião, onde só se pode entrar com autorização do mordomo, que determina o início e o fim das atividades. É aí que o grupo faz as refeições e se vai preparando para as várias etapas.

De todas as manifestações, destacam-se as rondas e as loas. As rondas podem ser noturnas, de alvorada ou de boas-festas, de acordo com a altura do dia ou com o objetivo. Os rapazes, mascarados ou vestidos de caretos, percorrem a aldeia acompanhados por músicos e pelos mordomos, pedindo à população um contributo para a festa. O momento mais importante é a ronda de Boas Festas, quando percorrem todas as casas da aldeia fazendo o peditório.



Rota da Terra Fria Transmontana

Lombada

Troço 11 Rio de Onor → Quintanilha

É neste traçado que se descobre a mais emblemática das aldeias nordestinas, onde o comunitarismo ainda impera e as linhas fronteiriças não circunscrevem as identidades. Também aqui nos deparamos com espécies animais puramente autóctones e com exemplos ancestrais de arquitetura popular, nos quais as paredes fazem uso pleno do xisto e os telhados da lousa. Há ainda vestígios civilizacionais romanos e locais de culto com impressionantes recheios a desvendar.



Rio de Onor
Bragança

Em Rio de Onor subsiste uma das mais emblemáticas e inalteradas comunidades nordestinas, povoando a aldeia comunitária que, em 2017, foi eleita Sétima Maravilha de Portugal – Aldeia em Área Protegida.



116
Ponte de Gimonde
Gimonde



115

Castro de Gimonde
Gimonde

A sua localização estratégica, naturalmente defendida pelos cursos do rio em três das suas frentes, terá estado na origem da escolha deste local pelo povoado antigo que ali se estabeleceu e se fortificou. Entre outros vestígios de ocupação, podem ainda ser descobertos um fosso artificial e um posto avançado.



111

Igreja de São João Baptista
Rio de Onor

Esta igreja é dedicada a São João Baptista e foi construída no séc. XVI. A cerca de 500 m da mesma, encontra-se a quase gêmea Igreja de Rihonor de Castilla, indiciando a indivisibilidade que existe entre as partes portuguesa e espanhola desta localidade.

Arquitectura popular
Guadramil

Em Guadramil, podemos descobrir vários exemplos de casas de arquitetura popular em xisto, que se distinguem também pelas suas paredes grossas preparadas para fazer frente aos “nove meses de inverno” que pautam a Terra Fria.



Ponte de Rio de Onor
Rio de Onor

Durante muitos anos, esta ponte sobre o Rio Onor oferecia a única forma de circulação entre os dois lados da aldeia.



**Igreja de São Vicente
Veigas**

Este templo de estilo românico, bem como o seu recheio, que inclui pinturas murais e retábulos, é classificado Imóvel de Interesse Público desde 1993.



Museu Rural de Palácios
Palácios

Este museu encontra-se instalado num antigo lagar, contando com um acervo de objetos quotidianos, mas cada vez mais em desuso, das populações locais, dando especial destaque à tradição do uso da lousa na construção de telhados.



114

Brasão de Babe
Babe



Quintanilha

Lombada

Troço 11 Rio de Onor → Quintanilha



Rio de Onor
Bragança

Em Rio de Onor subsiste uma das mais emblemáticas e inalteradas comunidades nordestinas, povoando a aldeia comunitária que, em 2017, foi eleita Sétima Maravilha de Portugal – Aldeia em Área Protegida. Ainda hoje é considerada um exemplo próximo do comunitarismo medieval, onde a partilha da terra e dos recursos continua a ecoar. Aqui, a troca de bens e produtos assenta muitas vezes na confiança mútua e na garantia da palavra honrada. A entreaajuda entre todos os habitantes é um pressuposto com valor de lei, sustentando a partilha dos fornos comunitários e dos terrenos agrícolas, utilizados e trabalhados por todos. Até um rebanho único com cerca de 300 ovelhas e 100 cabras é pastoreado à vez pelos “vizinhos” ao longo dos terrenos comunitários.



112

Ponte de Rio de Onor
Rio de Onor

Durante muitos anos, esta ponte sobre o Rio Onor oferecia a única forma de circulação entre os dois lados da aldeia. Trata-se de uma construção em arco datada do séc. XIX que, até hoje, faz as delícias dos visitantes pelo seu carácter estético, parecendo ter sido importada directamente das mais imaginativas e idílicas fábulas.



116

Ponte de Gimonde
Gimonde

A pitoresca Ponte de Gimonde ou Ponte velha, como é conhecida localmente, ergue-se sobre o Rio Malara — sendo este, em si, um canal que faz parte dos rios Igrejas e Onor.

Na origem, tratar-se-ia de uma estrutura edificada durante o processo de romanização desta região, integrando a denominada Via XVII, que estabelecia a ligação entre *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga), passando por *Aquae Flaviae* (Chaves) e que serviria de igual modo os habitantes do Castro de Gimonde.



117

Igreja de São Vicente
Veigas

Em pleno centro da pequena aldeia das Veigas, a meia colina e com inclinação este/oeste, descobre-se a Igreja de São Vicente. Esta construção apresenta uma mistura de estilos arquitetónicos religiosos: românico, maneirista e barroco. A sua estrutura é românica, com uma planta comprida que inclui uma nave, uma capela-mor mais alta e estreita e uma sacristia do lado direito. A fachada principal foi renovada no século XX e tem um formato triangular interrompido por duas torres sineiras e um portal em arco abatido. As fachadas têm cantos simples, um remate em beiral e são decoradas com portais românicos esculpidos, de dupla arquivolta apoiada em impostas salientes. Na fachada esquerda, encontram-se janelas retangulares em capialço, com características maneiristas.



Ovelha Churra Galega Bragançana

O ovino Galego Bragançano partilha o mesmo tronco genético da ovelha Mirandesa mas, comparativamente, exibe um porte mais robusto e produz uma lã de fibras menos compridas. A sua estatura vai de média a grande, resultando o seu característico aspeto pernalteiro da altura relativa dos seus membros e tórax.

O indivíduo de coloração branca ou amarelada apresenta distintivas manchas escuras à volta dos olhos, orelhas e lábios.

No entanto, o indivíduo preto, outrora quase extinto e recentemente recuperado, apresenta uma só coloração escura ao longo de todo o corpo.

É desta raça que nasce o famoso Cordeiro Bragançano DOP, sendo a sua carne extraordinariamente succulenta, macia e agraciada com uma gordura consistente que inspira o palato. O segredo para o paladar tão apreciado desta carne passa pela alimentação dos cordeiros, que são nutridos apenas com leite materno e, a partir dos dois meses de idade, com apoio exclusivo de forragem tradicional.



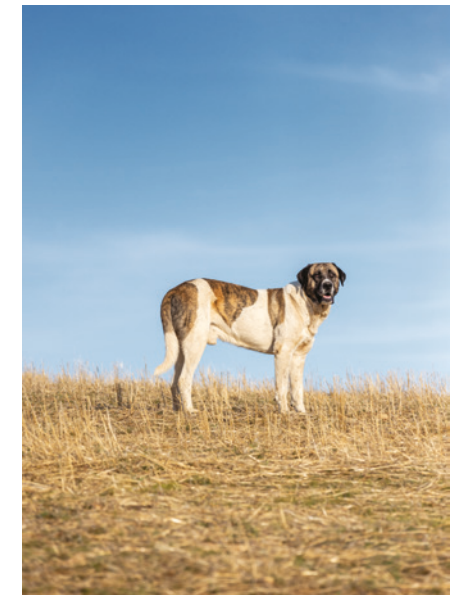
Javali

O javali (*Sus scrofa*), sendo dotado de um corpo robusto e protegido por uma densa camada de pêlos rijos, é um dos mais respeitados animais selvagens que povoam esta região.

É reconhecível também pela sua cabeça grande e triangular, o seu poderoso pescoço musculado e dentes caninos que se projetam para fora na boca (nunca parando de crescer) e ainda pela sua coloração acastanhada.

Cão de Gado Transmontano

O possante Cão de Gado Transmontano é, desde há muito, companhia assídua dos pastores da região e guardião dos seus rebanhos de ovinos e caprinos. O seu porte e afamada valentia tornam-no um excelente dissuasor de lobos, evitando que estes ataquem os rebanhos. Morfologicamente, partilha algumas características com os chamados “mastins ibéricos” e pertence ao ramo dos portentosos e corpulentos molossóides — o que se fundamenta geneticamente a teoria que os seus antecessores terão chegado ao nosso território na companhia de povos pastores nómadas oriundos da Ásia Menor. Está perfeitamente adaptado às condições do território e à função que desempenha, apresentando-se forte e rústico, de porte altivo, olhar sóbrio e andar ligeiro. Apesar de geralmente reservado, tem um temperamento surpreendentemente dócil. A sua referenciação como raça é recente, datando do início dos anos 90 do século passado. As pelagens mais vistas são as brancas malhadas de preto, de amarelo, de fulvo ou de lobeiro.



An aerial photograph of a vast olive grove in a hilly landscape. The olive trees are small and silvery-green, scattered across a green and brownish-yellow terrain. The hills are covered in a dense carpet of these trees, with some areas showing more bare earth. The sky is overcast and grey.

Terra Quente Transmontana

Troço 1	Vale da Vilarça
Troço 2	Lagos do Sabor
Troço 3	Bornes
Troço 4	Quadrassal
Troço 5	Azibo
Troço 6	Terras de Ledra
Troço 7	Três Rios
Troço 8	Vale do Tua

Terra Quente Transmontana

Palavra dita, é em braços de boa-fé que recebemos quem vem à Terra Quente Transmontana. É igual a nós quem caminha entre nós, quem bate à porta. Demore-se, se tiver essa fortuna. Assim poderá reconhecer o jeito da oliveira, o balido da ovelha Churra, os laços que há entre a cestaria e as provisões. Entre no gáudio das festividades e entenda como os poucos se tornam numa multidão quando aclamamos a ancestralidade. Como homenageamos a terra e os rigores do tempo. No silêncio encontrará jóias e à mesa companheiros.



Vale da Vilariça

Em torno do Vale da Vilariça, deslumbrante nos seus ubérrimos terrenos e graças naturais, há um traçado de achados civilizacionais, maravilhas arquitetónicas religiosas e civis, solares nobres e miradouros a descobrir. Quem sabe, se vier na altura certa, talvez observe ainda as erupções de pessegueiros e as movimentações migratórias das aves.



Santa Comba de Vilariça
Vila Flor



Centro Interpretativo de Cabeço da Mina Assares



Miradouro de N. Senhora do Socorro
Vilares da Vilariça



Pessegueiros da Vilariça
Vila Flor

Quando florescem os pessegueiros, o vale da Vilariça fica pintado de tons cor-de-rosa, oferecendo um espetáculo que nunca causa indiferença.



Vilares da Vilariça
Alfândega da Fé

É na zona mais elevada do vale de Vilariça (encosta sul da Serra de Bornes) que fica a Aldeia de Vilares de Vilariça, dotada de um vasto património arquitetónico religioso e civil, que inclui um solar brasonado.



Vale da Vilariça
Alfândega da Fé e Vila Flor

No vale da Vilariça, os últimos tempos foram marcados pelo regresso da produção de hortícolas como a abóbora, as couves, o tomate, o feijão, o melão ou os morangos.



Barragem Santa Justa
Eucisia



Barragem Salgueiro
Vilarelhos



Igreja de Santa Catarina
Vilares de Vilariça



Igreja de Santa Catarina
Vilares de Vilariça

Nesta igreja do século XVII dedicada a Santa Catarina, é possível admirar cinco altares, a antiga Capela de Santa Cruz que esta acopla e ainda um tranquilo adro circundante.



Miradouro de N. Senhora dos Anúncios
Vilarelhos

Além do Santuário de Nossa Senhora dos Anúncios, no alto da freguesia de Vilarelhos encontra-se o miradouro que permite avistar toda a beleza do vale da Vilariça.



Solar do Morgado de Vilarelhos
Vilarelhos

Solar com detalhes barrocos e ladeado por capela, datado dos meados do séc. XVIII, outrora pertencente à família mais nobre da localidade.

P O R T U G A L

Vale da Vilariça



Vale da Vilariça
Alfândega da Fé e Vila Flor

Os cerca de 34.000 hectares do vale da Vilariça não são mais do que uma falha tectónica que foi ocupada por depósitos decorrentes de enxurradas. Localmente, deu-se o nome de “rebofas” a este fenómeno que resulta do retrocesso das águas do rio Sabor e da ribeira de Vilariça por ocasião de cheias no Douro. A fertilidade dos terrenos onde isto acontece dispara.

Além de ter servido algumas experiências de cultivo de tabaco, a região tornou-se afamada pela produção de linho de cânhamo, cereais e produtos hortícolas, com destaque para o melão, o feijão e o grão. Desde o século XX que a vinha passou a dominar a paisagem, tomando o lugar de outras culturas.



Os últimos tempos foram, no entanto, marcados pelo regresso ao vale da produção de hortícolas como a abóbora, as couves, o tomate, o feijão, o melão ou os morangos. Cursos de água como a Ribeira de Vilariça e o Ribeiro Grande, assim como as albufeiras de rega, tornam o vale num ponto de passagem conveniente para as aves migratórias.



Santa Comba de Vilariça
Vila Flor

Esta peculiar e recatada freguesia pertencente ao município de Vila Flor registava, no censo nacional de 1864 — no qual é referida simplesmente como Santa Comba — 436 habitantes. Em 2011, contavam-se aqui 407 residentes, indiciando que “os filhos da terra” não a deixam esmorecer. Curiosamente, entre 1841 e 1853, a freguesia pertenceu ao concelho da Alfândega da Fé.



Vilares da Vilariça
Alfândega da Fé

Desdobrando-se em Vilares de Cima e Vilares de Baixo, é na zona mais elevada do vale de Vilariça, na encosta sul da Serra de Bornes, que podemos encontrar esta povoação, cuja freguesia está parcialmente integrada na região demarcada do Douro.

Possui um abundante património arquitectónico religioso e civil, que inclui mesmo um solar brasonado. Servida por férteis terrenos agrícolas, merece especial destaque a produção de azeite, vinho, frutas e hortaliças.



Raça Churra da Terra Quente

As ovelhas atualmente mais emblemáticas de Trás-os-Montes — até pela sua aparência rústica — pertencem à raça Churra da Terra Quente, sendo animais absolutamente autóctones da região. Anteriormente, esta raça era igualmente designada por Tarrincha ou Terrincha. A sua génese remonta ao final do século XIX e início do século XX, quando animais das raças Churra Badana e Churra Mondegueira começaram a ser cruzados — e que, por sua vez, partilham antepassados originários do tronco ibérico dos Pirenéus.



122

Miradouro de Nossa Senhora dos Anúncios
Vilarelhos

Situando-se no alto da freguesia de Vilarelhos, este é um dos pontos mais privilegiados para admirar a paisagem — que daqui se apresenta infindável — abrangida pelo belíssimo Vale da Vilarça. O manto de retalhos de terra de várias formas e colorações que constitui este vale protagoniza uma das mais distintas visões que a região tem para oferecer e, invariavelmente, observá-lo a partir deste miradouro é aceitar também um convite à contemplação. Também o Santuário de Nossa Senhora dos Anúncios aqui se alberga e, na encosta do monte, foram ainda descobertos um castro e uma necrópole, indiciando que outrora terá existido aqui um povoado da Idade do Ferro.



120

Centro Interpretativo de Cabeço de Mina
Assares

Na década de 1980 dava-se no Cabeço de Mina um relevante achado arqueológico, que viria em 2014 a ser classificado como Bem de Interesse Público. Esta é a origem do Centro Interpretativo de Cabeço da Mina (CICM), que em 2017 foi inaugurado na localidade de Assares, na área do Vale da Vilarça que faz parte do concelho de Vila Flor, com o propósito de dar a conhecer o património natural e cultural da região da Vilarça.



121

Solar do Morgado de Vilarelhos
Vilarelhos

Ladeado por ruas empedradas, o Solar do Morgado de Vilarelhos remonta a 1744, data inscrita sobre o portal que dá acesso ao seu pátio interior, onde encontramos ainda uma profusão de detalhes ornamentais de beleza singular. Distingue-se também pelas sua porta central de verga curva, flanqueada por dois pequenos óculos e ladeada por dois vãos gradeados no 1º piso.



124

Barragem da Burga, Barragem de Santa Justa e Salgueiro
Alfândega da Fé

O conjunto das barragens de Burga, Santa Justa e Salgueiro nasceu para responder às necessidades de regadio das áreas circundantes ao Vale da Vilarça, aquele que é um dos vales mais férteis e viçosos do mundo Transmontano e Alto Duriense. Graças a estes empreendimentos, incontáveis variedades horticolas, leguminosas e frutícolas continuam a beneficiar do micro clima aqui existente, bem como dos seus solos ímpares, munindo assim os mercados nacionais com produtos de qualidade superior e potenciando a atividade económica local. As envolventes naturais são igualmente reconhecidas pela abrangência da sua beleza e biodiversidade, constituindo sistemas que encontram também apoio nestas barragens.



123

Lagos do Sabor

A envolvente dos Lagos do Sabor, um dos mais cintilantes espaços panorâmicos do país, inclui castros milenares, santuários que emanam tranquilidade e incríveis miradouros. Pontua-a ainda uma vida selvagem que faz rotineiramente as delícias dos visitantes, entre a qual se contam Lontras, Grifos e Águias-perdigueiras.



126
Torre do Relógio
Alfândega da Fé



125
Igreja Matriz de São Pedro
Alfândega da Fé

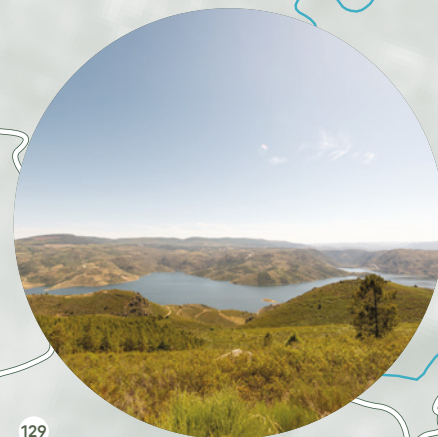


132
Miradouro da Loca
Cerejais

Além de ter uma vista de cortar a respiração, o miradouro da Loca alberga uma fonte esculpida por Carlos Barreira, onde se vê representado o pelourinho já inexistente e a história e a antiguidade da zona que hoje conhecemos como Alfândega da Fé.



136
Capela de Santo Amaro
Legoinha



129
Miradouro de Cabreira
Ferradosa



137
Pelourinho de Castro Vicente
Castro Vicente



127
Igreja da Misericórdia
Alfândega da Fé



133
Miradouro do Calvário
Cerejais

No monte que abriga o Santuário de Cerejais, existe ainda a denominada Varanda de Pilatos, estrutura de betão formando miradouro avançado sobre a paisagem.



131



134

132 133



135



128
Miradouro da Ribeira de Zacarias
Sendim da Ribeira



135
Santuário de Santo Antão da Barca
Parada

O novo santuário de Santo Antão da Barca conta com um pequeno núcleo museológico, cujo espólio inclui algumas pinturas em tela, uma coleção de ex-votos e o registo fotográfico e em vídeo da trasladação do santuário.

P O R T U G A L

Lagos do Sabor

Alfândega da Fé

Contando já com uma longínqua fundação por graça de D. Dinis em 1294, este concelho estende-se por cerca de 320 km², repartidos entre a Serra de Bornes, os planaltos de Alfandeguinha e Vilarchão-Parada, o vale do rio Sabor e o vale da Vilarça. A encantadora vila de Alfândega da Fé está assente numa colina a 575 m de altitude, conservando traços e encantos de um passado rico em história, onde imperam ainda costumes ancestrais e se conhecem lendas centenárias.

Lagos do Sabor

Os Lagos do Sabor surgiram com a construção da Barragem do Baixo Sabor e estes 70 Km de água límpida ligam os concelhos de Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Mogadouro e Torre de Moncorvo. Neste percurso encontram-se o Lago dos Santuários, Lago de Cilhades, Lago do Medal e o Vale das Fragas do Sabor.

Estendendo-se da barragem até à foz do Azibo, ajudam a formar um santuário de vida selvagem e brindam-nos com paisagens estonteantes, propícias à contemplação. Fazem também a ponte com tradições milenares e vivências sem igual.

A somar a isto, temos um sem fim de trilhos, formações rochosas e, claro, uma pulsante vida selvagem, da qual fazem parte os Grifos, as Águias-de-Bonelli e as patuscas Lontras.

Também de património histórico é rica a área, onde se pode apreciar castros milenares, conventos e santuários centenários, vilas medievais que contam momentos da história de Portugal.





125

Igreja de São Pedro
Alfândega da Fé

Até aos dias de hoje, as circunstâncias em torno da construção original da Igreja Matriz de Alfândega da Fé continuam a ser alvo de debate e investigação. Situando-se no alto da vila, a sua edificação é consistente com a primeira expansão extramuros do antigo castelo – o que a colocaria entre o final do século XV e inícios do XVI. A atestá-lo, sobrevive a sua primeira documentação em inventário, datada de 1540. No entanto, outros dados afirmam a existência de uma Igreja Matriz dedicada a São Pedro em Alfândega da Fé em 1295.

Independentemente do seu ponto de origem, é natural que os traços arquitetónicos que hoje vemos resultem de sucessivas intervenções que alteraram a construção inicial, razão que contribuiu para a difícil datação da antiguidade da igreja. O que, por sua vez, impossibilita uma decisão final sobre se as duas referências apontam ou não para uma e a mesma Igreja Matriz.



127

Igreja da Misericórdia
Alfândega da Fé

No nicho do frontispício da igreja podemos ver uma figura escultórica do século XVI, representando Nossa Senhora da Piedade em calcário pintado. Acredita-se que o edifício seja da mesma altura. Sabe-se que desde o século XVIII que pertence à Santa Casa da Misericórdia de Alfândega da Fé, embora se desconheça se sempre terá sido propriedade sua.

Localizada na zona mais antiga da vila, ficaria perto de uma das portas de entrada do castelo, dentro do perímetro da antiga muralha, que, entretanto, já não existe. A área envolvente teria o nome de “rossio da Misericórdia”. Não se vislumbrando vestígios da igreja matriz intramuros, é de crer que outro edifício tenha existido naquele mesmo espaço.



126

Torre do Relógio
Alfândega da Fé

É presumível que a Torre do Relógio da Alfândega já existisse no século XVI, embora não existam certezas sobre a sua cronologia de construção ou a sua função inicial. Se a suas dimensões e as características do terreno envolvente não indiciam que originalmente se tratasse da torre sineira de uma igreja, no seu topo existiram em tempos aberturas onde cabiam outros quatro sinos. Tendo funções militares, foi alvo de várias reformas na época medieval.



130

Capela de Santa Eufémia
Sendim da Serra

Podemos identificar a Capela de Santa Eufémia como uma capela alpendrada de Época Moderna, posteriormente sujeita a uma reforma contemporânea.

De planta retangular, a escassa iluminação interior é garantida por fresta lateral. A fachada principal culmina em empena, sendo o sustento do alpendre garantido por pilares assentes em muretes. Esta fachada é rasgada por uma porta de verga reta e uma janela.



131

Capela de Nossa Senhora de Jerusalém
Sendim da Serra

Com a sua fachada com portal de arco de volta perfeita com aduelas tipo pedra almofadada, este templo é uma obra da arquitetura neoclássica. Sobre a porta, mas sem dela fazer parte, podemos ver um frontão curvo interrompido, do qual surge um nicho com pilastras adossadas dominado por um frontão triangular.

A capela demonstra já ter estado muito deteriorada, podendo ver-se na abóbada de berço da nave restos de pintura envolta por grosseiros “restauros” de cimento. Numa das paredes surge como prolongamento do altar uma pintura ao natural representando cenas da vida da Virgem Maria. O arco triunfal expõe pinturas simples de inspiração vegetalista. Na capela-mor, além do altar entalhado, sobressai o teto em caixotões, pintado com momentos da vida da Virgem e temas fitomórficos.

Santuário de Santo Antão da Barca Parada

A capela de Santo Antão da Barca, conhecida pelo seu santuário e popular romaria, desce de outro templo, que se localizava do lado direito do leito do rio Sabor, freguesia de Parada, e cujas últimas obras tiveram lugar em meados do século XVIII.

Motivado pela construção da barragem do Baixo Sabor o edifício foi em 2012/2013 trasladado quase por completo, incluindo as pinturas murais que albergava, para a atual capela, que foi construída numa zona próxima, a meio da encosta, com uma vista deslumbrante que faz deste um excelente miradouro para os Lagos do Sabor.



Santuário do Imaculado Coração de Maria Cerejais

Este santuário mariano é uma obra de arquitetura religiosa novecentista que inclui igreja, Via Sacra e Loca dispostos em três elevações distintas repletas de obras de arte de escultores de renome dos quais se destacam o Comendador José Ferreira Thedim, Mestre José Rodrigues, Avelino Vinhas, João Fragoso, Hélder de Carvalho, Joaquim Cardoso, entre outros.

O núcleo principal é o da igreja, cuja planta é retangular, possui três naves, capela-mor facetada, tetos de madeira, somando-se um anexo e duas capelas profundas. A fachada principal revela a disposição interna dos espaços e é atravessada por um portal de verga reta, flanqueado por vãos segmentados e escalonados. As fachadas laterais possuem frestas na nave central e portas transversais nas laterais esquerda, além de grupos de três vãos alongados, à semelhança do que acontece na capela-mor. No interior, as naves são separadas por pilares, apresentando tetos planos e uma iluminação abundante que atravessa os vitrais coloridos.



Capela de Santo Amaro Legoinha

A obras de renovação levadas a cabo na Capela de Santo Amaro, na Legoinha, vieram travar o avançado estado de degradação em que esta se encontrava. A intervenção estendeu-se ainda aos notáveis frescos presentes no templo religioso. Trata-se de um interessante conjunto de pinturas murais datadas do século XVI e que ocupam uma considerável área do edifício. Este conjunto integra também a Rota da Pintura Mural: História a Fresco, um projeto que engloba 23 capelas e igrejas em torno dos Lagos do Sabor.



Amendoeiras em Flor

O ar carrega um aroma doce e envolvente carregado pelo suave vento nas folhas. O fruto da amendoeira nasce depois de fecundadas as flores. São elas que dão origem a uma drupa – fruto carnudo com caroço – coberta por uma pele fina e aveludada que vai ficando rijá à medida que amadurece e que, finalmente,

se abre para libertar o caroço. É dentro deste caroço (o endocarpo) que se encontra a semente: a amêndoa. Este bem precioso está na base de dois doces típicos de Alfândega da Fé: os barquinhos e os rochedos que assumem a particularidade de um ser feito com os "desperdícios" do outro, ou seja, os barquinhos têm na sua composição a gema do ovo os rochedos são feitos com a clara.



137

Pelourinho de Castro Vicente
Castro Vicente

Este é um pelourinho datado do século XVII, tudo indicando que veio substituir outro mais antigo. De pinha fusiforme, com soco octogonal de quatro degraus, onde assenta a base circular e o fuste oitavado, encimado por um cubo ostentando elementos heráldicos. O capitel paralelepípedo tem um escudo por face, que se encontram já muito esbatidos, mas vendo-se num deles as armas de Portugal, rematado em pirâmide cónica.



Gnaiss e Geosíto Descontinuidades
de Conrad e Moho
Lagoa

Milhões de anos antes da formação do supercontinente Pangea – bem como dos continentes que conhecemos hoje e que resultam da sua divisão – outras crostas mapeavam o planeta Terra. Entre estas, constava o pequeno continente Armórica, cuja existência é testemunhada pela formação rochosa que se ergue na margem direita do Rio Sabor, muito perto da aldeia da Lagoa. É este povoado que inspira o título dado a esta rocha metamórfica com mais de 500 milhões de anos, cunhando-a assim enquanto Gnaiss de Lagoa. A sua característica mais distintiva são os seus cristais alongados, que se devem à pressão ponderosa e aos movimentos a que a rocha foi sujeita ao longo dos milénios.

A esta gnaiss associa-se também o viziño geosíto Descontinuidades sísmicas de Conrad e a de Moho. Neste local, temos a oportunidade única de observar à superfície os resultados de um fenómeno que ocorre invariavelmente a dezenas de quilómetros de profundidade no interior do planeta – a separação clara de diferentes tipos de materiais em superfícies distintas.

Bornes

Se a Serra de Bornes é um marco no que toca às maravilhas naturais, com os seus encantadores bosques, florestas e maciços rochosos, a área que lhe é circundante oferece experiências impagáveis no que toca à arquitetura e arte religiosa, gastronomia e expressão cultural genuína.



148

Barragem de Sambade
Sambade



146

**Igreja Matriz
de Sambade
Sambade**

Padroeira da freguesia, encontramos a imagem em mármore de Nossa Senhora da Assunção inscrita no nicho da Igreja Matriz de Sambade.



143

Igreja do Divino
Sr. Santo Cristo
Malta, Olmos



147

**Centro de Interpretação
do Território
Sambade**

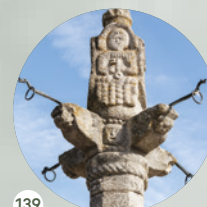


Miradouro da Serra de Bornes

Do miradouro da Serra de Bornes avistam-se montanhas e vales que se conjugam em paisagens de puro deleite, que vão dos campos agrícolas aos maciços rochosos, passando por encantadores bosques e florestas.



142 Poço dos Paus
Chacim



139

Pelourinho de Chacim
Chacim

O Pelourinho de Chacim está desde 1933 classificado como Imóvel de Interesse público e deu o nome à praça onde se encontra.


145

140

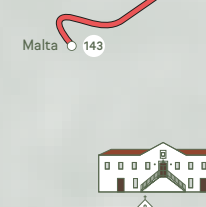
**Igreja de São Sebastião
e Santa Eufêmia**
Chacim

A Igreja de Chacim apresenta traços maneiristas e barrocos. Destacam-se o altar-mor de transição do maneirismo para o barroco e os retábulos neoclássicos do arco triunfal.



138

Solar de Chacim
Chacim



145

Capela de São Bernardino
Gebelim

A capela de São Bernardino data de 1741 e recebe hoje em dia uma importante romaria na aldeia de Gebelim.



144

Real Filatório
Chacim



141

Convento de Balsamão
Chacim



Serra de Bornes

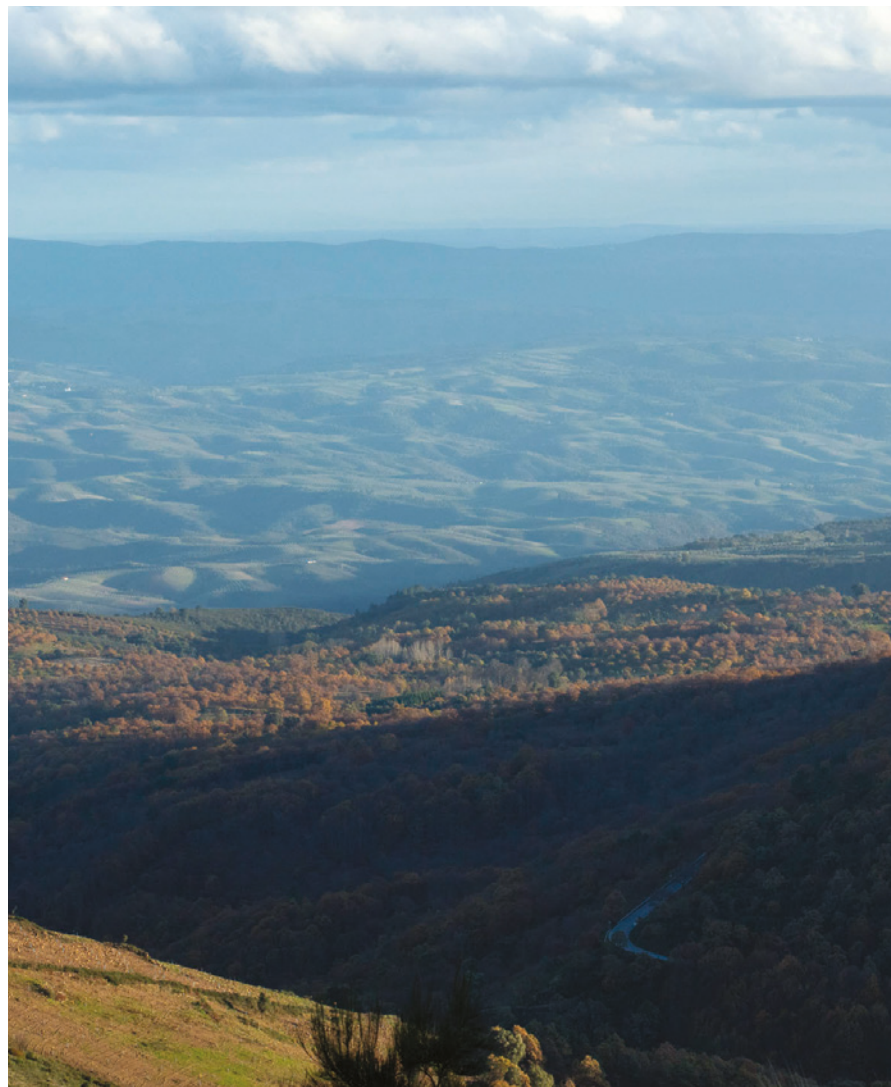
A região onde se insere a belíssima Serra de Bornes compreende também pequenos planaltos de altitude, vales profundos e alguns cursos de águas e áreas de vale aberto.



Bornes

Serra de Bornes

Despontando do Maciço Antigo, uma das cordilheiras ancestrais da Península Ibérica, a encantadora Serra de Bornes é ladeada pelos rios Sabor e Tua, situando-se a sul do concelho de Macedo de Cavaleiros e a norte do concelho de Alfândega da Fé. A sua elevação máxima, conhecida por Cabeço de Bornes, atinge os 1199 metros. O corpo da serra conta com 621 metros de proeminência topográfica e estende-se por mais de 12 km de comprimento e 5 km de largura.



Chacim

Macedo de Cavaleiros

O distinto Pelourinho de Chacim está desde 1933 classificado como Imóvel de Interesse Público e dá nome à praça onde se encontra. Trata-se de uma construção setecentista, de bloco prismático, com soco quadrangular de três degraus, onde vai assentar a base simples e fuste octogonal, encimado por braços crucíferos com decoração fitomórfica, de onde evoluem os ferros de sujeição. O remate é paralelepípedo, com elementos heráldicos. A coluna é ornada por pequenas rosetas em algumas das suas faces. Além das armas de Portugal, a presença dos símbolos heráldicos dos Sampaio leva a crer que estes tenham sido os primeiros donatários. Há ainda uma figura masculina com uma chave na mão, embora por identificar, e uma figura feminina, tida como a Nossa Senhora de Balsamão. Aproveitando a visita a Chacim, recomendamos igualmente a descoberta da sua Igreja Matriz e do Solar.





Cereja

Em Trás-os-Montes, o seu cultivo é já uma tradição relativamente longínqua que vem a ser cada vez mais valorizada. Entre abril e maio, as cerejeiras enchem-se de belas flores brancas ou cor-de-rosa, dando nas vistas como umas das delícias visuais primaveris mais esperadas, sobretudo quando se encontram em pomares alargados. É comum ouvir-se dizer que a flor da cerejeira é uma das mais deslumbrantes e, para o justificar, evoca-se frequentemente o seu formato, bem como a delicadeza e espessura das suas pétalas.

Depois da floração, aparecem as tão preciosas cerejas, que atingem o seu vermelho intenso e maduro a partir da segunda quinzena de maio. No concelho de Alfândega da Fé, hoje emblemático pela qualidade da cereja ali produzida, a apanha estende-se até meados de junho.



141

Convento de Balsamão
Chacim

O Convento de Balsamão — pertencente à Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição — é um famoso e antigo templo edificado no cabeço do monte de Caramouro ou de Balsamão, junto ao rio Azibo. Neste lugar onde a natureza e espiritualidade se querem em constante diálogo, todo o espaço envolvente convida à contemplação e à descoberta de silêncios e sons, tons e cores.



143

Igreja do Divino Senhor Santo Cristo
Malta, Olmos

Malta é uma povoação adstrita à freguesia de Olmos, do município de Macedo de Cavaleiros. A sua igreja, de Malta, consagrada ao Divino Senhor Santo Cristo, integra cinco tábuas quinzentistas com as figuras de Nossa Senhora, Cristo Ressuscitado, São Cristóvão, São Miguel e São João Baptista bem como outros óleos de valor, estando todo o conjunto erguido sobre um antigo templo dedicado ao deus pré-cristão do povo Zela, Aerno.



142

Poço dos Paus
Chacim

Integrando-se no Terras de Cavaleiros Geoparque Mundial da UNESCO, este geossítio permite a observação de rochas que se formaram há cerca de 420 milhões de anos, durante a

expansão do oceano primitivo Rheic — oceano este que acabou por desaparecer devido à colisão dos continentes que o limitavam. Aqui se encontra a prova da presença de uma crosta oceânica antiga, pois as rochas existentes permitem afirmar asseguradamente que estamos perante o mesmo tipo de rochas que constituem as profundezas do oceano Atlântico.



144

Real Filatório
Chacim

Sobre resguardo da aldeia de Chacim, esconde-se uma das pérolas mais ímpares do património português: o Real Filatório. Apesar de sobreviver apenas enquanto ruína, aquilo que resta do edifício construído em 1788 — para lá

de cativar o imaginário — confirma a sua importância enquanto fábrica de fiação de seda com vigor económico e patrocínio régio. A estrutura remanescente indicia o uso da água enquanto força motriz e fornece-nos preciosas pistas sobre a atividade proto-industrial transmontana. Tendo funcionado simultaneamente como escola e fábrica de fiação de seda, ali terão sido introduzidos conhecimentos e técnicas trazidas de Itália, à época o produtor por excelência de seda na Europa.



145

Capela de São Bernardino
Gebelim

Esta capela dedicada a São Bernardino data de 1741 e recebe hoje em dia uma importante romaria na aldeia de Gebelim.

A sua fachada modesta é dominada por um portal de verga reta ladeado por grossas pilastras adossadas, que rematam em pirâmide boleada. Por sua vez, o frontão tem um pequeno nicho e prolonga-se até à empena, que é cortada por um campanário de estranhas proporções com uma ventana com um sino. Os cunhais da fachada são em cantaria e possuem remates piramidais.



146

Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Sambade

Sendo a padroeira da freguesia, encontramos a imagem em mármore de Nossa Senhora da Assunção inscrita no nicho da Igreja Matriz de Sambade, classificada como imóvel de interesse público.

Quando se realizaram obras na igreja, foram encontrados vestígios de construções anteriores. A construção do imponente edifício que hoje vemos findou em 1798 e crê-se que tenha sido demorada, dado o seu custo elevado, que ficou a cargo da população e de uma família de apelido Silva.

Enquadrando-se na arquitetura barroca e neoclássica, a sua planta é longitudinal, com a capela-mor mais baixa e estreita que a nave, uma torre sineira ao endireito da fachada, a sacristia do lado norte e do outro lado a Casa das Almas. A fachada principal é bastante recortada e rematada por um frontão interrompido por aletas, com cruz no meio. De configuração semelhante à fachada, o portal tem um frontão semicircular, de onde rompe uma janela de linhas curvas.

147

Centro de Interpretação do Território
Sambade

O Centro de Interpretação do Território — que procura preservar os bens que compõem a história e acompanhar o desenvolvimento das comunidades transmontanas — localiza-se na aldeia de Sambade e foi inaugurado em 2015. Auxiliado pelas novas tecnologias, é capaz de traduzir para a atualidade vivências e diferentes formas de vida do passado, recorrendo também a fotografias com descrições imagéticas, diversas sinaléticas, instalações de vídeo e painéis linguísticos.

Quadrassal

Ao longo deste pitoresco trecho, montanhas imponentes e vales verdejantes revezam-se com aldeias genuínas onde persistem as casas de pedra tradicionais, antigas pontes ferroviárias, ermidas e vestígios de povoados romanos. Imperdíveis são também as variedades de queijo artesanal, os vinhos locais e o fumeiro tradicional que aqui se produzem.



154

Ermita de Nossa Senhora de Jerusalém
Jerusalém de Romeu

Sendo uma capela de devoção, a Capela de Nossa Senhora de Jerusalém do Romeu foi construída com origem em lendas da Nossa Senhora.



152

Cortiços
Macedo de Cavaleiros



155

Igreja de Santo André
Avantos

Estando catalogada como Imóvel de Interesse Público desde 1986, a Igreja de Avantos é reconhecida pela singularidade do seu campanário bem como, avançando para o seu interior, o púlpito e arco cruzeiro, aos quais se junta ainda a sumptuosa talha dourada presentes nos altares.



Vale de Pradinhos

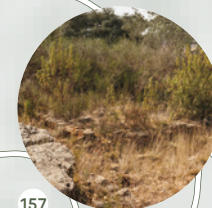


Vale Pradinhos
Macedo de Cavaleiros



156

Pinhovelo



157

Terronha de Pinhovelo
Pinhovelo

O conjunto total das estruturas escavadas aquando desta intervenção arqueológica de emergência colocam o povoado da Terronha "como uma das estações romanas mais imponentes do nordeste português".



156

Pelourinho de Pinhovelo
Pinhovelo

Situado no centro da aldeia, este pelourinho foi construído em granito, material predominante na região, ostenta um escudo nacional lavrado e encimado por uma coroa.



Pinhovelo
Macedo de Cavaleiros

N102-1

153

152 Cortiços



Romeu
Mirandela

A história de Jerusalém do Romeu está intimamente ligada à história da família Meneres, que aqui investiram na agricultura e criam condições para o desenvolvimento da localidade.

Cernadela



153

Núcleo Museológico do Azeite
Cortiços

Baseado num antigo lagar, recuperado em 2005, este núcleo museológico oferece aos visitantes a possibilidade de contactar com o mundo da olivicultura e do azeite, atividades centrais na agricultura destas terras.



Vale de Lobo
Mirandela

Carrapatos

Grijó de Vale Benfeito

150 151

Vale Benfeito



Avantos 155



150

Centro Hípico
Grijó



Vale de Lobo



Vila Verdinho



Vila Verdinho
Mirandela

P O R T U G A L

Quadrassal

Romeu
Mirandela

A história de Jerusalém do Romeu está intimamente ligada à história da família Meneres, que aqui investiram na agricultura e criam condições para o desenvolvimento da localidade. Reza a história que a capela foi construída pela comunidade, a pedido de uma pastora a quem a Nossa Senhora apareceu. Para atestar a verdade desta solicitação, fez a Nossa Senhora brotar água, escassa na altura, na fonte do cabeço.



Vale Pradinhos
Macedo de Cavaleiros

Nos últimos anos, a ancestral e pitoresca aldeia de Vale Pradinhos tem visto muitas das suas casas típicas serem recuperadas e o envelhecimento de que sofria combatido por novas iniciativas. Um exemplo emblemático desta revitalização é o evento que aqui se realiza anualmente à volta da confeção da “maior açorda de cogumelos do mundo”. Centenas de forasteiros, oriundos de vários pontos de Portugal e do mundo, deslocam-se já à aldeia sobretudo — mas não só — nesta altura para provar o petisco e participar nas saídas, convívios e *workshops* micológicos a ela associados.

Também os conhecidos “vinhos de montanha” têm praticamente aqui o seu ponto de origem, situando-se o famoso *terroir* do Velho Mundo que os produz — uma exploração agrícola com 450 hectares estabelecida em 1913 — nas imediações da aldeia.



Vale de Lobo
Mirandela

Vale de Lobo é uma das aldeias mais intocadas do Nordeste Transmontano, podendo ainda hoje descobrir-se, em pleno largo central, o seu Lagar Comunitário de Azeite.

Este lagar é propriedade comum da população, lembrando o típico comunitarismo transmontano que foi norma até tempos não assim tão distantes e que ainda hoje se manifesta em muitos aspetos do quotidiano local. Apesar deste lagar já não se encontrar em funcionamento, os populares guardam memórias vivas da sua laboração, indicando que última confeção de azeite se terá dado em 1984/85.



Cortiços
Macedo de Cavaleiros

A Aldeia de Cortiços estabelece-se como uma zona histórica, encontrando-se por toda a parte testemunhos dos tempos em que era uma “terra de fidalgos”, vila e sede de concelho. Os três solares que se erguem no centro da localidade remontam aos tempos da Monarquia e, apesar de hoje terem detentores privados, continuam bem visíveis os antigos Paços do Concelho, cadeia, registo civil e tribunal. Mas há aqui outros marcos de referência na atualidade, como o Centro de Cyclin’ Portugal - Quadrassal, cuja Porta de Entrada se localiza no requalificado edifício da antiga estação ferroviária de Cortiços.



Sobreiro

É no Quadrassal que se encontra a maior mancha contígua de sobreiro de floresta virgem da península ibérica, integrada na Rede Natura 2000, sendo a sua exploração particularmente importante para a subsistência da população das Terras de Trás-os-Montes. Até há relativamente pouco tempo, encontrava-se aqui em funcionamento uma fábrica de produção de rolhas, embora se encontre inativa de momento. É importante referir que os montados de sobre e os sobreirais têm também um importante papel ecológico, ajudando na conservação dos solos, na regularização dos ciclos hidrológicos e favorecendo a qualidade da água, para lá da produção de oxigénio e sequestro de carbono. Constituem ainda ecossistemas florestais extremamente ricos na sua biodiversidade e que agregam frequentemente a criação de espécies autóctones produtoras de carne e leite de qualidade, a prática da apicultura, ou ainda a recolha de cogumelos comestíveis.



153

Núcleo Museológico do Azeite
Cortiços

O Núcleo Museológico do Azeite “Solar dos Cortiços”, localizado na aldeia de Cortiços, integra a Rota do Azeite de Trás-os-Montes. Aqui, os visitantes têm a possibilidade de contactar com o mundo da olivicultura e do azeite, atividades centrais na agricultura transmontana, e ainda de descobrir a história da antiga Vila dos Cortiços.

Azeite

Ainda a região era denominada por comarca de Trallos Montes e já em torno do azeite giravam muitas das tradições do Nordeste. Os olivais de Mirandela, por exemplo, estão documentados como tendo originado na primeira metade do século XVI. Não é excessivo afirmar que esta é uma terra de azeites esplêndidos, entre os quais figuram objetivamente alguns dos mais bem cotados e amplamente apreciados do mundo — distinção que só é possível graças aos saberes milenares e chãos trabalhados ao longo de gerações pelas suas gentes. A sua cor amarela esverdeada é um dos seus fatores de distinção, sendo azeites de baixa a muito baixa acidez, qualificados como virgens ou extra-virgens, com cheiro e sabor a fruto fresco, por vezes amendoado, e com uma sensação notável de doce, verde, amargo e picante.





151

Centro Interpretativo e Cercado do Corço Grijó

O encantador corço é o menor cervídeo europeu, o que explica a razão pela qual é popularmente conhecido, por estas partes, como “Duende do Bosque”. Num esforço de proteção deste animal, foi construído um cercado de cerca de 35 hectares munido com câmaras que facilitam o estudo do seu comportamento e hábitos reprodutivos. Os amantes da natureza encontram aqui a oportunidade para realizar a Rota do Corço e, ao longo de cerca de 6 km, contactar com esta espécie e com muitos outros exemplares da fauna diversificada que com eles partilha o habitat. Já no adjuvante Centro Interpretativo do Corço terá oportunidade de aprender mais sobre este animal fascinante e sobre a importância ecológica e cultural da conservação desta e de outras espécies.



150

Centro Hípico de Grijó

Funcionando como centro nevrálgico para os entusiastas transmontanos da equitação — e sendo cada vez mais procurado por outros aficionados nacionais e internacionais — o Centro Hípico de Grijó foi recentemente remodelado e expandido. Hoje, para lá das concorridas aulas de equitação para crianças e adultos, oferece também espetáculos equestres e recebe eventos culturais que se intersectam com o hipismo.



156

Pelourinho de Pinhovelo

Pinhovelo, um dos quatro lugares que compõem a atual freguesia de Amendoeira, constituiu um importante povoado medieval, tal como indicia a existência do seu pelourinho. Apesar de este não ter sido erigido aquando da elevação de Pinhovelo a vila, a sua eventual colocação viria reforçar a autonomia judicial do povoado, até pelo foral conferido por D. Manuel I em 1510.



157

Terronha de Pinhovelo

Situando-se na freguesia de Amendoeira, o imponente conjunto arqueológico da Terronha de Pinhovelo estende-se por uma área de cerca de 2,5 hectares. Funcionando originalmente como unidade doméstica para uma comunidade agro-pastoril e organizada em famílias nucleares de Zelas — uma divisão dos Ástures, um povo pré-romano que habitou no Noroeste da Península Ibérica —, este castro apresentaria ainda duas ou três linhas de muralha a Norte e dois taludes a Este e a Sul.

Azibo

A área abrangente da Albufeira do Azibo oferece uma oportunidade de conexão com o mundo natural que funciona também como portal para a compreensão da cultura dos povos da Terra Quente. Ao apreendermos o entrelaçado dos ecossistemas, descobrimos os seus paralelos com os ritos ancestrais e os elos inquebráveis da vida em pequena comunidade.



164
Casa do Careto Podence

Os Caretos atravessaram fronteiras aquando do reconhecimento das Festas de Inverno de Podence como Património Cultural Imaterial da Humanidade. Esta é a sua casa por excelência.



Macedo de Cavaleiros



Aldeia de Banrezes
Vale da Porca



161
Santuário de Santo Ambrósio
Vale da Porca



167
Praia Fluvial da Ribeira
Podence



158
Solar do Morgado Oliveira
Macedo de Cavaleiros

Também conhecido como Solar dos Morgados de Macedo, este esplendoroso solar brasonado do séc. XVII mantém-se na mesma família há mais de trezentos anos.



162
Pelourinho de Vale de Prados
Vale de Prados



165
Podence



163
Miradouro do Santuário de Nossa Senhora do Campo
Lamas



Paisagem Protegida do Azibo

A envolvente da Albufeira do Azibo é um resplandecente exemplo de equilíbrio ambiental, servindo tanto de santuário à biodiversidade como refúgio para os apreciadores da vida ao ar livre.



168
Estação de Biodiversidade Santa Combinha

O percurso da Estação de Biodiversidade de Santa Combinha é um percurso pedestre circular, que permite observar 43 espécies de borboletas diurnas das 135 que se conhecem em Portugal Continental.



160
Museu Rural Salselas
De essência etnográfica, o objetivo do Museu Rural de Salselas é, por meio do seu acervo, dar a conhecer o universo humano e a sociedade que são transversais a qualquer aldeia transmontana.



169
Barragem do Azibo
Vale da Porca



159
Santuário de São Marcos
Castelãos

Macedo de Cavaleiros

Macedo de Cavaleiros é um município especialmente notório pela singularidade das suas manifestações culturais — e que, contudo, são ainda rivalizadas pela beleza dos seus inúmeros tesouros naturais. Aqui, em pleno vale fértil, junto à Serra de Bornes, todos os recantos e encostas escondem uma maravilha própria: desde aldeias quase inalteradas, passando por preparos gastronómicos únicos, a folclores codificados e patrimónios ancestrais. No século XVIII, uma das principais atividades da região era a criação de bichos-de-seda, sendo hoje Macedo de Cavaleiros sede portuguesa da Rota Europeia da Seda. É também nesta região que se situa a famosa aldeia de Podence que, graças ao seus inconfundíveis Caretos, é hoje conhecida mundialmente.

Paisagem Protegida do Azibo
Macedo de Cavaleiros

Situada a 2 km de Macedo de Cavaleiros, a Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo tem cerca de 4.000 hectares e está parcialmente incluída no Sítio de Interesse Comunitário “Morais”, da rede Natura 2000. Os seus predicados ambientais integram-na também na Reserva da Biosfera Transfronteiriça da Meseta Ibérica, assim classificada pela UNESCO, a maior reserva da Europa. O nome Azibo é sinónimo de qualidade ambiental, beleza paisagística e de praias fluviais. Neste imenso lago, confluem espécies protegidas e há uma rede de percursos sinalizados, que encantam os adeptos de caminhadas e BTT. Existem ainda duas praias sucessivamente galardoadas com a Bandeira Azul: a Praia da Fraga da Pegada, a área balnear fluvial com mais Bandeiras Azuis em toda a Europa e a Praia da Ribeira, uma das 7 Maravilhas das Praias de Portugal.





Geopark Terras de Cavaleiros
Macedo de Cavaleiros

Espreite a formação da Terra, descobrindo uma cadeia de montanhas geradas há cerca de 380-280 milhões de anos e que oferece testemunhos sobre a origem de dois continentes e um oceano — bastando para isto visitar o Geopark Terras de Cavaleiros.

Estendendo-se por uma área de cerca de 700 km², este geoparque inclui a majestosa Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo, situada entre as serras de Nogueira e de Bornes, o Maciço de Morais, e ainda os exuberantes vales dos rios Sabor e Maças.

Entre uma copiosa variedade de paisagens naturais, encontrará 200 km de trilhos assinalados, distribuídos por 24 caminhos pedestres, e ainda 42 geossítios inventariados.

O geoparque é ainda lar de uma multiplicidade de espécies animais e vegetais, muitas das quais estritamente autóctones. Entre muitos outros seres vivos, as suas florestas de carvalho e pinheiro fornecem abrigo e sustento a veados, javalis, lobos e águias.

Os visitantes podem explorar a área recreativamente, através de um leque de atividades ao ar livre que incluem escalada, caminhadas pelas rotas ancestrais, observação de aves, ou canoa-gem ao longo dos rios “escultores”, num convite ao contato direto com a história física da região.

166

Estação Náutica e Cais do Azibo
Macedo de Cavaleiros

Fazendo jus à beleza dos espelhos de água circundantes, a Estação Náutica e o Cais do Azibo foram pensados para potenciar a oferta náutica desta envolvente, facilitando a prática dos desportos aquáticos e promovendo as atividades recreativas nesta envolvente. Estes espaços funcionam também em articulação com outras atividades ao ar livre, nomeadamente as rotas, trilhos, percursos pedestres, cicloturismo e BTT, permitindo uma expansão destas práticas através de novos elos sobre água.



Aldeia de Banzeres
Vale da Porca

Partindo do Santuário de Santo Ambrósio, percorrendo um caminho de terra batida, começa inesperadamente a vislumbrar-se um vale onde, entre lameiros e montes, se compreendem as ruínas daquilo que aparenta ser uma população fantasma, completa com casas rurais e moinhos. Estamos perante a abandonada Aldeia de Banzeres — ou “Ban-

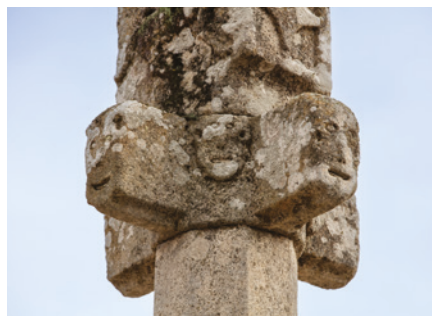
rez”, como se pronuncia localmente — que foi outrora sede de freguesia e que hoje se encontra completamente deserta. Os habitantes das redondezas explicam o fenómeno: há cerca de 150 anos, deu-se uma epidemia que dizimou quase toda a sua população. Tal espectro de infortúnio paira ainda hoje sobre a aldeia, desencorajando qualquer esforço de recuperação e alimentando o mito e as histórias que passam de boca em boca.



161

Santuário de Santo Ambrósio
Vale da Porca

Situando-se no planalto de Redondel — e, mais especificamente, no Alto de Redondelo —, a cerca de 3 km da aldeia de Vale de Porca, o Santuário de Santo Ambrósio é acolhido por uma envolvente muitíssimo arborizada e que convida à contemplação. A Festa que lhe é associada, em honra do padroeiro Santo Ambrósio, celebra-se há mais de um século no terceiro domingo do mês de agosto e arrasta verdadeiras romarias — chegando os fiéis aos milhares —até à localidade.



162

Pelourinho de Vale de Prados
Vale de Prados

Localizado na freguesia de Vale de Prados, este é um pelourinho de construção seiscentista, de tipo bloco prismático, com soco octogonal de três degraus, fuste octogonal, encimado por quatro braços pétreos, rematando em paralelepípedo com as faces ostentando elementos heráldicos. Um paralelepípedo assenta no capitel e as suas faces mostram uma figura lupina, um escudo, uma cruz e as armas nacionais.



165

Igreja de Nossa Senhora da Purificação
Podence

Tendo-se também como igreja paroquial ou igreja matriz de Podence, este templo invoca Nossa Senhora da Purificação e foi construído no final do século XVII.

Embora pertença cronologicamente ao período barroco, a sua fachada segue um modelo comparativamente mais depurado, ao estilo tardo-maneirista.

Sendo precedida por escadaria e adro, esta igreja apresenta frontispício rasgado ao centro por portal de moldura reta, com pilastras laterais estriadas e rematado por um frontão triangular com nicho — conjunto este que termina numa empena rematada em sineira dupla. O interior, composto por nave única, com teto de madeira pintado com motivos de brutesco, possui coro-alto e púlpito, ambos de madeira. Nas paredes laterais, encontram-se dois retábulos rocaille — um dedicado ao Coração de Jesus e outro a Nossa Senhora — e ainda outros dois, de estilo barroco nacional com integração de elementos joaninos, em talha dourada, aludindo à vida de Cristo e a Santo António.

A capela-mor, coberta por teto de madeira pintado com a figura de Nossa Senhora com o Menino, tem ao centro um retábulo de talha tardo-maneirista, de estrutura tripartida, com a representação do Calvário ao centro. Nos painéis laterais, representa-se a Anunciação. Nos registos superior e inferior, as tábuas descrevem visualmente passagens da vida de Jesus.



164

Casa do Careto
Podence

Aqui encontra-se o registo da tradição carnavalesca da aldeia de Podence, associada aos Caretos, representada nas telas das pintoras Graça Morais e Balbina Mendes e nas fotografias de António Pinto e Francisco Salgueiro.

Estão expostos os fatos, os chocalhos, as máscaras e toda a indumentária destas figuras sedutoras e enigmáticas, assim como os únicos seres que os Caretos respeitam nas suas tropelias, gritarias e chocalhadas no domingo e terça-feira de Carnaval, as marafonas.



Carnaval de Podence – Entrudo Chocalheiro
Podence

O Carnaval da Aldeia de Podence constitui um dos mais emblemáticos ícones culturais e folclóricos do nosso país, sendo já uma referência no mundo inteiro. Este Entrudo Chocalheiro está desde 2019 classificado pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade, devendo-se a distinção maioritariamente ao simbolismo associado aos famosos caretos. Estas figuras — que se podem descrever como uma espécie de diabos saltimbancos — saem à rua envergando máscaras e trajes de farrapos de cores garridas, cobertos de chocalhos, para “atazanar as raparigas”. Nestas manifestações, entrelaçam-se ecos de rituais de fertilidade ancestrais com outros conceitos, como a purga dos rigores do inverno ou as cerimónias de passagem à idade adulta ou de acesso à comunidade.

Terras de Ledra

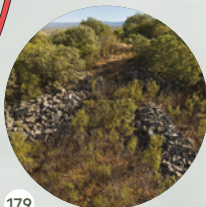
No século XII, Ledra regia-se enquanto importante divisão administrava acabada de integrar nas Terras de Portugal – e muitos marcos desse tempo longínquo resistem até aos dias de hoje. Ao longo deste traçado, descobrirá não só documentos arquitetónicos mas também particularidades das tradições ancestrais, que incluem o papel da oliveira e do azeite para o desenvolvimento das comunidades e a função da sátira nas celebrações festivas.

Rio Tuela



Torre de Dona Chama
Mirandela

Vila Nova da Rainha



179

Castro de São Juzende
Arcas

O Castro de São Juzenda, situa-se num local elevado junto à aldeia de Vale de Prados perto do rio Tuela. Este castro foi edificado na Idade do Ferro, sendo constituído por duas linhas de muralha de xisto. Foi novamente povoado durante o período romano.



175

Pelourinho de Torre Dona Chama
Torre Dona Chama

Torre de Dona Chama



174



Ponte sobre o rio Tuela
Torre de Dona Chama

Vilares

Inicialmente de construção romana a ponte sofreu posteriores alterações que, no entanto, não lhe retiraram nem o seu carácter, nem a sua qualidade arquitetónica.



177



177

Igreja de São Mamede
Guide

179

Argana



Argana
Macedo de Cavaleiros

Lamalonga



173

Vilarinho de Agrochão



172



172

Igreja de Santo Antão
Vilarinho de Agrochão

Denominada Igreja Santo Antão de Vilarinho de Agrochão, em honra do Santo padroeiro da aldeia, este templo foi edificado no primeiro quartel do século XVIII.



173

Igreja de Nossa Senhora dos Reis
Lamalonga

Foi construída em 1767, data inscrita na fachada, por cima do portal, num nicho onde se vê a imagem de Santo



171

Igreja e Pelourinho de Nozelos
Nozelos

Os fragmentos deste pelourinho permitiram a reconstrução de um fuste oitavado, com capitel e um pequeno remate, talhado no mesmo bloco.



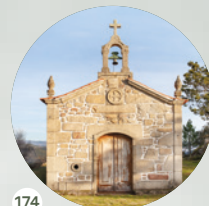
178

Praia Fluvial de Guide e Ribeirinha
Torre Dona Chama

Nozelos



171



174

Castro Luso Romano do Monte de São Brás
Torre de Dona Chama



170

Solar das Arcas
Arcas

Este importante Solar é amplamente considerado um dos melhores exemplos da casa nobre setecentista transmontana.



Arcas

Agrochão



Argana
Macedo de Cavaleiros

No extremo noroeste do concelho de Macedo de Cavaleiros, integrando-se na freguesia de Lamalonga, há a descobrir a serena e cativante aldeia de Argana — onde, incrivelmente, podemos ainda calcorrear as mesmas ruas marcadas a granito que ali foram traçadas nos longínquos tempos da ocupação romana. Por aqui se estende, por exemplo, o Caminho do Bugio, um troço da Via XVII, a mais antiga das vias romanas do noroeste peninsular, construída entre os anos 5 e 2 a.C. Recentemente, foram feitas novas investigações no sentido de identificar outros troços ancestrais que por aqui passavam, dadas as informações dadas pelos populares sobre “estradas antigas” que aqui existiriam. Desse esforço, entre outras descobertas, resultou a identificação de um miliário — um dos marcos que eram colocados de milha em milha ao longo das vias romanas — até aqui por catalogar. Na memória popular está ainda hoje presente a noção de que Argana seria, em tempos muito antigos, o “centro do mundo”. Para lá da interpretação mais mitológica desta noção enquanto *axis mundi* — o centro nevrálgico da civilização, favorecido na sua ligação entre a realidade terrena e outros planos —, este conceito pode referir igualmente um ponto de origem ou de interseção de várias rotas, o que parece ser plausível no caso de Argana.



170

Solar das Arcas
Arcas

O Solar das Arcas, situado no concelho de Macedo de Cavaleiros e classificado como Monumento de Interesse Público, afirma-se como um dos mais importantes exemplares da casa nobre transmontana do século XVIII. Tal como é norma vigente no que toca às residências citadinas senhoriais barrocas, desenvolve-se em comprimento, incluindo uma capela privada numa das extremidades da fachada.



173

Igreja de Nossa Senhora dos Reis
Lamalonga

Constituindo um dos exemplares mais singulares do barroco transmontano, a Igreja Matriz de Lamalonga — popularmente conhecida como Igreja de Nossa Senhora dos Reis — foi inaugurada em 1767. Diferencia este templo o facto de todos os seus elementos arquitetónicos e artísticos pertencerem exclusivamente ao período barroco, tendo quase todos estes sido executados ao longo da segunda metade do século XVIII.



177

Igreja de São Mamede
Guide

A fachada principal da Igreja de Guide é dominada pela portada de verga reta, encimada por um frontão triangular interrompido, sobre o qual se insere um pequeno nicho. A empena tem ao centro uma janela-óculo e é cortada por um campanário em granito com dois sinos, que termina com duas pequenas urnas e uma pequena cruz. Os cunhais são sobrepujados por urnas idênticas às do campanário.

No interior o pavimento tem demarcadas as sepulturas onde outrora se procedia à inumação dos paroquianos. A cobertura é de madeira em abóbada de berço e está pintada com as armas de Portugal, rodeadas por um pequeno filete fitomórfico. Os dois altares colaterais de talha policroma ligam-se aos dois altares colocados em chanfra, formando com o arco triunfal um conjunto único. Na capela-mor tem um retábulo de talha dourada com colunas salomónicas a suportar o arco polilobado e o trono central. O teto curvo de madeira pintada tem um grande medalhão central.



172

Igreja de Santo Antão
Vilarinho de Agrochão

Distinguindo-se imediatamente pela sua fachada robusta em granito – um dos apanágios arquitetónicos da região – este templo de estilo barroco foi construído no primeiro quartel do século XVIII, sendo dedicado a Santo Antão, padroeiro da aldeia de Vilarinho de Agrochão. Também na fachada, há a salientar a presença de várias imagens em nichos.



176

Ponte Sobre o Rio Tuela
Torre de Dona Chama

Situa-se sobre o rio Tuela, a cerca de três quilómetros da sede de freguesia da Torre de D. Chama, e tem ainda utilização rodoviária, servindo como travessia à EN 206, entre a primeira localidade e Valpaços. Terá sido inicialmente uma construção romana que sofreu posteriores alterações que, no entanto, não lhe retiraram nem o seu carácter, nem a sua qualidade arquitetónica.



175

Pelourinho de Torre de Dona Chama
Torre de Dona Chama

O pelourinho ergue-se sobre plataforma constituída por três degraus quadrangulares de aresta, de pedra de granito aparelhada, estando o térreo enterrado no solo. A coluna possui base quadrangular, afeiçãoada no topo, de forma a aproximar-se da secção do fuste. Encima-o um colarinho e ábaco saliente, ao modo de tabuleiro, no qual assentam quatro braços em cruz, ao modo de cachorros, com cabeças de animais salientes nos ângulos.



174

Castro Luso Romano do Monte de São Brás
Torre de Dona Chama

O Castro de São Brás localiza-se na freguesia Torre de Dona Chama no lugar conhecido por São Brás. A sua ocupação remonta, provavelmente, ao Bronze Final, atendendo aos machados de dupla face do tipo monteagudo aqui descobertos. A documentação, cruzada com os vestígios de superfície, sugerem uma ocupação de forma contínua desde o Bronze Final, com uma nítida presença no período romano, até à Idade Moderna.



Festa de Santo Estêvão
Torre de Dona Chama

A Festa dos Caretos, dos Rapazes e de Santo Estêvão, que decorre nos dias 25 e 26 de dezembro e constitui Património Cultural Imaterial, é um bastião identitário para os filhos da freguesia de Torre de Dona Chama — que ritualmente retornam à origem para participar destes dias. Mesmo inserindo-se num território altamente marcado por festividades próprias, esta Festa dos Caretos reúne algumas das mais peculiares manifestações culturais de todo o mundo transmontano. A premissa que dá pano de fundo a todos os acontecimentos é a recreação de uma batalha semi-lendária entre “mouros” (aqui representados pelos caretos) e “cristãos” (representados pelos mordomos) que terá culminado na reconquista do castelo (ou “torre”) associado à povoação local. No entanto, esta teatralização parece ter origens ainda mais longínquas, advindo de tempos ancestrais onde a luta exibida oporia forças alegóricas do “bem” e do “mal”. Com o tempo, esta batalha tomaria a temática que é hoje recriada. Mas este é apenas um dos constituintes das celebrações.

Na noite de 25, dá-se o acender do madeiro, uma gigantesca fogueira tradicional, e inicia-se o fulguroso ritual de sátira social “Manda el Rei meu Senhor que Saíam os Jogos à Praça”. No decorrer desta noite, os rapazes sequestram, semi-encenadamente, diversos burros pertencentes a membros da povoação. Isto acontece para replicar a ideia de que, na véspera da referida batalha, os “cristãos” teriam roubado as montarias aos “mouros”, de modo a enfraquecê-los. A mascarar a operação, aparece o *Pastor* e o *Seu Rebanho* (um adulto que acompanha as crianças da aldeia) que teatralmente distraem as vítimas (cooperantes) para que estas não se apercebam do furto dos animais.

Na madrugada seguinte, rebenta a pândega: dá-se a cavalcada dos burros e a saída da “ciganada” e das “madamas” (rapazes vestidos de raparigas e raparigas vestidas de rapazes).

À tarde, celebra-se a missa a Santo Estêvão, onde se inclui a bênção do pão e, de seguida, acontece a “batalha” propriamente dita, com lutas corpo a corpo simuladas e o assalto final ao castelo que simboliza a estocada final e derrota dos “mouros”.

Três Rios

Ao longo dos séculos, a Bacia do Tua foi habitada por diferentes povos, que aqui deixaram riquíssimos testemunhos da sua passagem — desde abrigos rupestres a antigas aldeias, passando por igrejas e castelos medievais. Certamente, terá sido a mesma resplandescência da natureza, que até hoje continua a impressionar os visitantes, que terá motivado a sua fixação neste local.



184

**Praia Fluvial
da Maravilha
Mirandela**

Este local condensa três atrativos principais: a Praia Fluvial da Maravilha, a Piscina da Maravilha e o Parque de Campismo e Caravanismo de Mirandela. É aqui que se conjugam os “Três Rios”, denominação dada ao encontro dos caudais do Rabaçal e do Tuela, que assim dão origem a um “terceiro rio”, o Tua.



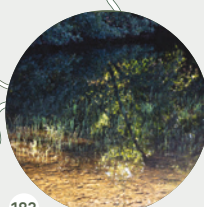
182

**Praia Fluvial
de Miradeses**
Miradeses



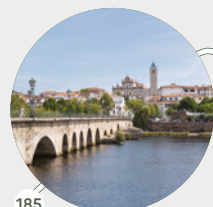
192

Pelourinho de Lamas de Orelhão
Lamas de Orelhão



183

Praia Fluvial de Vale Juncal
Vale Juncal



185

Ponte Sobre o Tua Mirandela

A Ponte sobre o Rio Tua ou Ponte Velha, fica situada na freguesia e lugar de Mirandela, faz a ligação entre a Rua D. Manuel I, onde se implanta a zona antiga da cidade, e a Avenida Nossa Senhora do Amparo, situada na margem direita.



191

**Buraco
da Pala
Passos**

O Buraco da Pala e os "Abrigos rupestres do Regato das Bouças" estão situados na Serra de Santa Comba — num dos cumes e na costa Leste da Serra, respetivamente.



189

Solar dos Condes de Vinhais
Mirandela

O eixo formado pela porta e pela janela de sacada, é acentuado pelo brasão de armas dos Condes de Vinhais e culmina com a imagem em pedra representando o apóstolo São Tiago a cavalo, e empunhando uma lança, vestido de combatente.



187

Igreja da Misericórdia
Mirandela



188

Paço dos Távora
Mirandela

Na fachada principal do Paço, confluem os valores da arquitetura civil setecentista com outros tradicionalismos anteriores.



180

Igreja de São Tomé
Abambres



181

Açude de Abambres
Abambres



184

Porta de Santo António
Mirandela

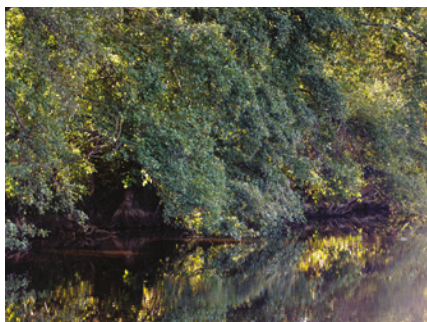
Três Rios



180

Igreja de São Tomé
Abambres

A Igreja de São Tomé é uma edificação do século XIII, onde se destaca sobretudo o considerável acervo de pintura mural que decora o seu espaço interior. Este mesmo interior, com cobertura em falsa abóbada de berço abatido com tirantes de metal, exibe um coro-alto, pia batismal sob o coro, retábulo no lado da Epístola, púlpito com bacia quadrangular no lado do Evangelho com escada de pedra e guardas de madeira com balaústres policromos. O paramento da nave no lado do Evangelho possui pinturas murais em trompe l'oeil de composição retabular com arquiteturas fingidas. A Capela-mor está coberta de madeira curva pintada com balaustrada e motivos vegetalistas, medalhões vários e as armas de Portugal. Os alçados laterais estão decorados com pinturas murais onde figura "A Última Ceia", no lado do Evangelho, e "a Natividade", no lado da Epístola. O Altar-mor apresenta talha com sacrário e trono central, ladeado por duas telas figurando São Pedro e São Paulo, entre colunas salomónicas.



183

Praia Fluvial de Vale Juncal
Vale Juncal

Enquanto umas das maravilhas veraneantes menos conhecidas da região, a praia fluvial de Vale de Juncal e o seu magnífico açude continuam a servir a povoação da aldeia que lhe dá nome e a fazer as delícias dos ainda raros visitantes. O rio não tem correntes nem remoinhos, o que o torna apropriado para toda a família, existindo ainda uma zona de apoio com bar e parque de merendas.



184

Praia Fluvial da Maravilha
Mirandela

Justamente onde os rios Rabaçal e Tuela se encontram, originando o Rio Tua, fica localizada a Praia Fluvial da Maravilha. Trata-se de uma zona verdejante e calma, onde é possível ir a banhos em plena harmonia com a natureza, desfrutar de um relaxante passeio de canoa ou até pescar recreativamente. A água é tipicamente calma e apresenta geralmente uma temperatura agradável, rondando os 24 °C.



Rio Tua

Ladeando-se de paisagens impressionantes e quadros naturais incomparáveis, o rio Tua comporta cerca de 40 quilómetros e resulta do con-

vergir dos rios Rabaçal e Tuela, rios estes com nascente em Espanha. Na sua extensão passa pelos concelhos de Mirandela, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães, Murça e Alijó e constitui um importante afluente da margem direita do rio Douro.



Antiga Linha do Tua

A antiga Linha da Tua constitui uma das mais afamadas — e não menos romantizadas — ligações ferroviárias do país. A sua famosa via estreita acompanhou 134 quilómetros das mais deslumbrantes paisagens mundiais, ligando Foz Tua até a cidade de Bragança. Até aos dias de hoje, a parte do percurso que seguia a sinuosidade do vale do rio Tua (desde a sua foz no rio Douro) até Mirandela, continua a ser dos troços ferroviários mais fabulosos e apreciados da história. A partir daí, as locomotivas atravessavam o planalto transmontano numa subida permanente até Rossas, a estação a maior altitude do país, antes da descida até Bragança. Sendo inicialmente denominada Linha de Mirandella, esta ligação emblemática foi construída em duas fases e, quando concluída, incluía 10 túneis, 4 viadutos e 17 pontes.

Desativada desde a década de 90 do século anterior, esta linha está agora a ser aproveitada para ecopista que liga Bragança a Mirandela.

Festa dos Reis de Vale de Salgueiro Vale de Salgueiro

A Festa dos Reis de Vale de Salgueiro incorpora tradições profundas e que refletem os códigos comuns ali se foram desenvolvendo ao longo de milénios, sendo passados de geração em geração.

O início das festas acontece à chegada dos gaiteiros à aldeia, no dia 5 de janeiro.

Estes acompanham depois o Rei – o popular selecionado no ano anterior, responsável pela organização das festas no ano vigente e que enverga uma coroa de ouro emprestada e detida por todos os habitantes – na distribuição de vinho e tremoços por todas as casas da aldeia. À noite, dá-se a primeira reunião e convívio dos populares no largo. Na madrugada do dia seguinte, Dia de Reis, o Rei faz uma nova ronda pelas casas com objetivo de reunir fundos que permitam cobrir o custo das celebrações. Após a missa da hora do almoço, um novo Rei é consagrado.

Depois de cumprida a Dança da Murinheira, dá-se, ao final da tarde, a despedida dos gaiteiros. Nessa mesma noite, os populares mais incansáveis voltam a reunir-se – pelo menos até que acabe o fogo de artifício ou se esgotem o vinho e os tremoços.



Alheira de Mirandela (IGP)

A Alheira de Mirandela IGP (Indicação Geográfica Protegida) ocupa o imaginário nacional como um dos mais reconhecíveis e procurados produtos gastronómicos provenientes do Nordeste Transmontano. Apresenta-se enquanto enchido fumado, aproximadamente cilíndrico e em forma de ferradura. Entre os ingredientes que a compõem encontram-se a carne de porco, a carne de galinha ou peru, o pão de trigo tradicional, o azeite local e a banha – virtuosamente condimentados com sal, alho e colorau e/ou picante. Outras versões igualmente típicas da receita incluem também carne de animais de caça, carne de vaca, salpicão e presunto envelhecido.



190

Museu da Oliveira e do Azeite Mirandela

Estabelecendo-se nas antigas instalações da Moagem Mirandense – em si uma peça de arqueologia industrial – e resultando de um projeto auspicioso do arquiteto Manuel Graça Dias, o Museu da Oliveira e do Azeite constitui um espaço muito rico e surpreendente em termos espaciais e históricos. Ao longo da visita, compreendemos a transformação – e não dissipação – do edifício original em termos verdadeiramente narrativos, fazendo uso de compartimentos e acrescentos, materializados em madeira, ferro e betão e girando em torno de um pavilhão central quadrado, em pedra. Também a luz e a sua imensidão são captadas ou omitidas ao longo do trajeto arquitetónico, resultando numa experiência que metaforiza os ciclos associados à olivicultura e à produção do azeite.

Queijo de Cabra Transmontano DOP e Cabrito Transmontano DOP

Constituindo o único queijo de cabra DOP (Denominação de Origem Protegida) português, este produto é altamente apreciado pelo seu sabor puro e de ligeiríssimo travo picante, pasta semi-dura, textura agradável e aroma intenso. Na sua produção, conservam-se ainda os métodos tradicionais, sendo o leite que lhe dá origem exclusivamente proveniente de cabras autóctones de raça Serrana. É também a partir desta antiquíssima raça caprina rústica que se obtém o famoso Cabrito Transmontano DOP, uma carne apreciada pela sua elevada palatibilidade, ternura e suculência e que constitui um dos maiores ícones da gastronomia transmontana.

Mirandela

Sendo popularmente conhecida como *Princesa do Tua* e assumindo-se como “cidade-jardim”, Mirandela — cidade que é também sede do município de mesmo nome — situa-se em pleno Vale do Ria Tua, numa zona aplanada de altitude relativamente baixa, complementada por solos férteis e generosos. Em contraste, rodeiam-na montes elevados, pelo que aqui se desenvolve um microclima muito propício ao cultivo de fruta e oliveira — sendo o azeite um dos mais aclamados produtos gastronómicos daqui provenientes, a par da famosa alheira.



185

Ponte Sobre o Tua
Mirandela

Encontrando-se classificada como Monumento Nacional desde 1910, esta ponte emblemática faz a ligação entre a zona antiga da cidade, na margem esquerda, e a parte mais recente, na margem direita. Ao longo dos tempos, sofreu várias intervenções e reconstruções, mas integra ainda hoje indícios daquela que terá sido a

sua primeira encarnação. No séc. XV, terá conhecido uma primeira reconstrução mas foi no século a seguir, durante o reinado de D. Manuel I, que se iniciou a edificação mais próxima do imóvel que hoje conhecemos. Em 1909, devido a grandes cheias, deu-se a derrocada de quatro dos seus arcos. Em 1910, estes foram substituídos por dois outros de maiores dimensões, resultando nos 17 arcos hoje visíveis.



186

Porta de Santo António
Mirandela

Originalmente, o Castelo de Mirandela possuía uma muralha e quatro portas — a porta de Santo António, a porta de Santiago, a porta da Portela e ainda o postigo de São José. Em frente à porta de Santo António, por onde apenas se entrava para o interior da muralha a pé — uma vez que a rua era muito íngreme — existiu a uns 15 metros de distância uma barbacã (muro construído diante das muralhas e mais baixo do que elas), destinada a defender este ponto de acesso. E é justamente a porta de Santo António, formada por um arco de 2,60 por 1,80 m, a única que resta da ancestral muralha do castelo de Mirandela. A rua de Santo António, onde se situa o arco, era outrora a mais movimentada e mercantil da vila. Do lado de dentro do arco ainda se notam as ranhuras que recebiam os gonzos do antigo portão ferrado.



187

Igreja da Misericórdia
Mirandela

Afigurando um dos mais vultuosos marcos religiosos da zona antiga de Mirandela, a Igreja da Misericórdia remonta a finais do século XVII e compõe um exemplo do estilo maneirista. A sua construção é originalmente encomendada em 1671 pela Irmandade da Misericórdia de Mirandela.



188

Paço dos Távora
Mirandela

É na fachada principal do Paço que se concentra todo o dinamismo dos valores da arquitetura civil de setecentos, com a tendência horizontalizante da casa comprida, seccionada por pilastras. No corpo mais elevado, o remate central é constituído por aletas e por uma cartela onde figurava o brasão, que foi picado após a desgraça que se abateu sobre os Távora, acusados de tentativa de regicídio, em 1758. Foi o brasão já picado, substituído em 1863, pelo dos Condes de São Vicente, que ficaram à posse do Paço deixando o edifício ao abandono e à ruína. Este brasão é o que ainda hoje se mantém no edifício convertido nos Paços do Concelho (Câmara Municipal).



191

Buraco da Pala Passos

Num dos cumes da Serra dos Passos – formação montanhosa cuja importância é já reconhecida pela Federação Internacional de Arte Rupestre – localiza-se o Buraco da Pala, um abrigo rochoso de um único compartimento que terá conhecido três momentos distintos de ocupação humana. O primeiro terá acontecido ainda no período Neolítico, entre 2800-2500 a.C. e outros ter-se-ão estendido até à Idade do Cobre. A sua função terá também variado entre espaço sazonal de habitação e local de armazenamento de produtos agrícolas. Alguma pintura mural esquemática aqui realizada resiste até aos dias de hoje.



Cabra Serrana

A Cabra Serrana é facilmente reconhecível pela sua pelagem comprida — é, aliás, a única raça caprina autóctone que apresenta esta característica —, coloração cinza e cornos dirigidos para trás em forma de sabre. Embora estes atributos indiciam a sua proximidade genética com a cabra selvagem, este animal é especialmente querido no imaginário popular local pelo seu temperamento gentil, inteligência e sensibilidade. A sua carne apresenta níveis de tenrura e suculência inconfundíveis, o que faz dela a base para muitas das mais apreciadas e famosas receitas transmontanas.



192

Pelourinho de Lamas de Orelhão Lamas de Orelhão

Erguendo-se num largo da localidade de Lamas de Orelhão — freguesia que foi villa e sede de um extenso concelho entre 1259 e 1853 —, este pelourinho medieval está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1931. Embora vários pelourinhos do mesmo tipo possam ser vistos no distrito de Bragança, este exemplar possui a particularidade de não ter as representações zoomórficas no topo dos braços em cruz, mas sim na peça de remate.

Vale do Tua



Frechas
Mirandela

A pitoresca aldeia de Frechas, bem como a freguesia de mesmo nome que capitaneia, situa-se num outeiro nas encantadoras margens do Rio Tua. O povoamento desta área remonta à pré-história, como demonstram inequivocamente os vestígios arqueológicos aqui existentes e para o qual terão contribuído os solos ricos e as condições climáticas extraordinárias que ainda hoje aqui se verificam.

Vilarinho das Azenhas
Vila Flor

A aldeia de Vilarinho das Azenhas irrompe após a margem do Rio Tua, antecedendo-a as ruínas de duas antigas azenhas — os únicos vestígios arquitetónicos sobreviventes da outrora frutífera atividade que lhe terá dado nome. No entanto, outros vestígios ali presentes falam-nos na ancestralidade do seu povoamento, como os resquícios de uma acrópole que ainda podem ser visitados ao centro da aldeia. Também o fervor religioso marca esta localidade, como se pode verificar pela edificação da Igreja de Santa Justa — um exemplar do estilo barroco do século XVIII — e, sobretudo, pela proximidade do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios. Este último situa-se no cabeço do monte vizinho, sendo sobranceiro tanto à aldeia como ao rio, parecendo prestar-lhes proteção. É igualmente aqui que se situa o estonteante Miradouro das Azenhas do Tua, que proporciona vistas emocionantes sobre a extensão do Vale.



Vilas Boas
Vila Flor

A povoação de Vilas Boas tem um passado riquíssimo, e bem conhecido dos historiadores, mas que não seria facilmente adivinhado pelos visitantes, não fosse a resistência do seu Pelourinho. Na verdade, Vilas Boas foi vila e sede de concelho desde o século XIV até 1836. Em 1512, aquando da emissão dos “Forais Novos” durante o reinado de D. Manuel — renovando presumível foral dado por D. Afonso IV — a reafirmação da municipalidade da localidade terá implicado a construção



Rota da Terra Quente Transmontana



Vinhas

Entre os vários aliciantes oferecidos pelo concelho de Vila Flor — como o azeite, a amêndoa, o cabrito e cordeiro, a doçaria, o pão de forno a lenha, o queijo e o mel —, o vinho tem um impacto significativo na economia e cultura locais. Enquadrando-se uma parte do seu território na Região Demarcada do Douro, a vinha marca naturalmente a paisagem, a par do amendoal e olival. Mas, se hoje tomamos como certa a qualidade e capacidade produtiva do Douro, há a relembrar que não fora a incansável resiliência do homem ao longo de séculos e não desfrutaríamos hoje dos néctares durienses.

Engenhosamente, os nossos antepassados foram capazes de domar os difíceis terrenos íngremes e solos de xisto, transformando-os em socalcos e patamares que permitiram ampliar largamente as áreas de trabalho e cultivo.



193

Santuário da Nossa Senhora da Assunção
Vilas Boas

O Santuário da Nossa Senhora da Assunção é o maior e um dos mais importantes santuários Marianos de Trás-os-Montes. Erguido no século XIX no alto de um monte que domina toda a paisagem envolvente, representa um dos pontos mais altos do concelho, com cerca de 760 metros de altitude. A sua história é milenar visto ter existido um povoado fortificado da idade do Ferro neste magnífico monte. Possui uma igreja de nave única e capela-mor retangulares, várias capelinhas espalhadas pelo recinto e um monumental escadório, tudo envolto em imensos tufos de floresta.



Festa da Senhora da Assunção
Vilas Boas

A romaria da Senhora da Assunção ou popularmente conhecida como a “Romaria do Cabeço”, constitui uma secular manifestação de religiosidade popular. Desde o século XVII que ao “cabeço”, onde se erigiu o atual Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Assunção, se tem dirigido muitos milhares de romeiros, provenientes das mais diversas geografias. A este local, vindos do Além-Tua, Além-Sabor e Além-Douro, por diferentes caminhos de peregrinação, criados e sistematizados ao longo de séculos, num raio de mais de 100 Km, em redor do Santuário, ocorrem muitos milhares de devotos da Senhora da Assunção, particularmente no dia 15 de agosto, dia da Assunção de Maria.

Até 1843, o Santuário reduzia-se a pouco mais do que uma pequena ermida situada no topo do “cabeço” sagrado e para onde afluíam, com muita dificuldade de acesso, muitas centenas de peregrinos, principalmente na festividade de Nossa Senhora.

A dinamização do Santuário e da sua romaria muito se deve ao momento chave que foi a aparição, por diferentes vezes, de Nossa Senhora da Assunção à jovem menina Maria, natural de Vilas Boas, no ano de 1673. Daqui em diante, os romeiros aumentaram em grande número e os milagres sucederam – se, tal como relatava, em 1712, Frei Agostinho de Santa Maria, em Santuário Mariano.

Vila Flor

Consta a lenda que Vila Flor, outrora denominada Póvoa d'Além-Sabor, foi assim rebatizada por D. Dinis. Quando o rei se encontrava a caminho de Miranda para se encontrar com a sua noiva Isabel de Aragão, terá aqui passado e, achando o lugar tão belo e florido, assim o renomeou poeticamente. Foi o mesmo quem lhe concedeu foral em 1286 e o mandou rodear de muralhas — embora desta fortificação apenas resista a Porta Sul. Hoje, esta vila é também sede de concelho e, para lá do seu vasto património edificado, é reconhecida pela produção de azeite de altíssima qualidade.



Centro Histórico de Vila Flor

O pitoresco Centro Histórico de Vila Flor compreende uma aglomeração surpreendente de monumentos históricos e locais de interesse recreativo e cultural. Geralmente, considera-se a Fonte das Bestas, uma fonte de mergulho do séc. XIV ou XV envolta em lendas, como ponto de entrada. A partir daí, deparamos com a Igreja da Misericórdia, originária do séc. XVII, em pleno Largo do Rossio. Ali perto, numa outra praça principal da localidade, encontra-se a Igreja Matriz de Vila Flor também conhecida como Igreja de São Bartolomeu, e

que se afirma pelas suas duas imponentes torres sineiras. Nas suas imediações, destacam-se a antiga Judaria, o medieval Arco de D. Dinis — parte remanescente de um castelo desaparecido — e ainda a Fonte Romana. Já na praticamente contígua Praça da República, que abre também portas para dois jardins e um anfiteatro, há a descobrir o Museu Municipal Dra. Berta Cabral, cujo rico espólio inclui uma moeda de ouro do tempo dos Visigodos e o documento original que testemunha o Foral Manuelino atribuído à vila. Entre outros atrativos, este centro é ainda enquadrado por casas senhoriais e casas agrícolas associadas à produção de vinho e de azeite.



195

Arco de D. Dinis
Vila Flor

Outrora, terá existido um castelo em Vila Flor, apontando a documentação existente para uma construção de 1286 ordenada por D. Dinis. Embora sejam poucos os vestígios que sobrevivem até hoje, este arco — também conhecido como “porta da vila” — atesta a existência passada de uma cerca de muralhas em redor da vila. Esta seria uma das únicas cinco portas, todas de arco quebrado, edificadas ao longo da fortificação.



196

Fonte de Vila Flor
Vila Flor

Embora atraída pelo nome de antiguidade “Fonte Romana”, esta é na verdade uma fonte quinhentista, datada do século XVI. É formada por quatro pilares e seis colunas jónicas que suportam uma cúpula de tijolo.

Crê-se que este recinto, em forma de templete greco-galaico, tenha sido utilizado para a realização de reuniões municipais dos homens bons da paróquia.



197

Igreja Matriz de São Bartolomeu
Vila Flor

Distinguindo-se especialmente pela sua escala majestosa, este templo foi construído no século XVIII para substituir a igreja ali existente anteriormente e que desabara a 31 de janeiro de 1700 — tendo a maior parte das pedras ornamentadas do edifício mais antigo sido reintegradas no novo. É um exemplar paradigmático da arquitetura barroca, com planta longitudinal composta por uma nave e capela-mor, com capela lateral e sacristia adossadas. Tem uma altura exterior de mais de 15 metros, 14 m de largura e 42 m de comprimento. Possui ainda torres que se elevam até aos 24,6 m. No interior, apresenta um total de seis altares, três dos quais incluem retábulos de talha dourada. Os seus dois altares colaterais merecem especial destaque pela sua complexidade artística e antiguidade, sendo datados do século anterior à construção da própria igreja. Por sua vez, o altar-mor, mais moderno (1787), apresenta um venerável painel do pintor Vila-florense Manuel de Moura.

Forca de Freixiel Freixiel

Elevando-se nas imediações de Freixiel, persiste um desconcertante monumento da Idade Média que nos recorda da implacabilidade dos conceitos de justiça dessa era – a Antiga Forca. Resistindo à pressão do tempo, mantêm-se de pé até hoje os dois pilares em granito que sustentaram a já desaparecida trave horizontal onde o laço era pendurado. As marcas na base destes pilares relevam também a existência passada de um estrado de madeira.



No entanto, a distância a que os orifícios que suportavam a trave ficam quer do solo quer do estrado impossibilitaria o estrangulamento por suspensão. Tratar-se-ia então de uma forca de garrote – sendo o condenado tipicamente deixado depois em exposição no local, pendurado pelo pescoço. Segundo as crenças da época, os sentenciados não podiam ser sepultados em locais consagrados e, por esta razão, eram enterrados num campo próximo, conhecido como “Fiéis de Deus”.

De acordo com o conhecimento atual, este são os únicos vestígios sobreviventes deste tipo de estrutura em toda a Península Ibérica.



Freixiel
Vila Flor

Entre duas colinas, ao fundo do magnífico Vale de Freixiel – que se faz envolver pelas serras dos Folgares, Cabreira, Mós, Pessegueiro e Vieiro – situa-se a aldeia que se faz reconhecer pelo mesmo nome. Embora a população se concentre hoje em dia neste núcleo, a área geral do Vale terá sido habitada desde tempos pré-históricos. A indiciá-lo, há a descobrir aqui testemunhos como um castro antigo, a Necrópole do Sagueiral, uma fonte e um lagar romanos e ainda as ruínas de uma ponte medieval. Mas há também edificações de séculos comparativamente menos longínquos, como o importante Pelourinho manuelino, alguns solares brasonados e ainda a desconcertante Forca – monumento deste tipo único em Portugal e que relembra a implacabilidade dos conceitos de justiça de outras eras. Para lá da oliveira, a vinha marca a paisagem, ou não estivéssemos em plena Região Demarcada do Douro.



199

Pelourinho de Freixiel
Freixiel

Estima-se que o primeiro foral de Freixiel data de 1112, sendo este novamente atribuído em 1515 por D. Manuel – tendo este pelourinho sido erguido no à época largo principal da povoação para assim assinalar concretamente a autoridade municipal. Este exemplar apresenta grande parte das características manuelinas tradicionais, sendo o seu bloco prismático, com soco quadrangular de quatro degraus – encontrando-se o térreo parcialmente embebido no terreno, com desnível acentuado – e o seu fuste octogonal encimado por capital simples e paralelepípedo com elementos heráldicos.



Abreiro
Mirandela

Integrando-se no concelho de Mirandela, a aldeia de Abreiro localiza-se num vale abraçado pelo Rio Tua e é guardiã de um valiosíssimo património arqueológico. Desde logo, destacam-se a calçada que ligava a localidade à antiga ponte de Abreiro – edificação medieval que não resistiu às cheias de 1909 –, as ruínas da própria ponte e o dólmen megalítico da Arcã. Em plena aldeia, saltam à vista imponentes casas senhoriais que se revezam com as humildes casas de granito típicas da região e que aqui se notabilizam por serem rematadas com varandas de madeira.

Localização



Localização e Acessibilidades

As Terras de Trás-os-Montes situam-se no nordeste de Portugal, afirmando-se enquanto sub-região do Norte do país, compreendendo nove concelhos: Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Vila Flor, Vimioso e Vinhais. O seu território, vulgo Nordeste Transmontano, abrange uma área aproximada de 5538 km² – perfazendo 26% da região Norte –, e alberga uma população de cerca de 107.300 habitantes (INE, 2021).

A norte e a leste, enquadram-nas as províncias espanholas da Galiza e Castela e Leão, respetivamente. A sul, limitam-nas a sub-região do Douro e, a oeste, a sub-região do Alto do Tâmega e Barroso. Mais amplamente, o Nordeste Transmontano perspectiva-se sobre o eixo central da Europa e salienta-se também pela sua centralidade ibérica e proximidade com Espanha.

As Terras de Trás-os-Montes estão dotadas de boa acessibilidade rodoviária, apresentando o território uma cobertura de rede viária alargada e diversificada, composta por estradas municipais, nacionais, de itinerário principal (IP2), itinerário complementar (IC5) e autoestrada (A4). Esta rede garante ligações escurtidas aos grandes centros urbanos nacionais e acessos rodoviários transfronteiriços diretos.

Em maior detalhe, os pontos de entrada para conexões nacionais e transnacionais estão presentes nos concelhos de Bragança, Macedo de Cavaleiros e Mirandela, enquanto que Vilar Flor, Mogadouro e Alfândega da Fé são os mais bem servidos aos nível das tipologias itinerário principal e complementar. Em termos de ligações entre aglomerados urbanos sedes de concelho, Vimioso, Mirandela e Macedo de Cavaleiros concentram o maior número de vias.

Em termos de transporte público, a maior parte das deslocações dentro do território são asseguradas por serviços de transporte coletivo rodoviário – habitualmente designados “carreiras” –, destacando-se em termos sociais pela

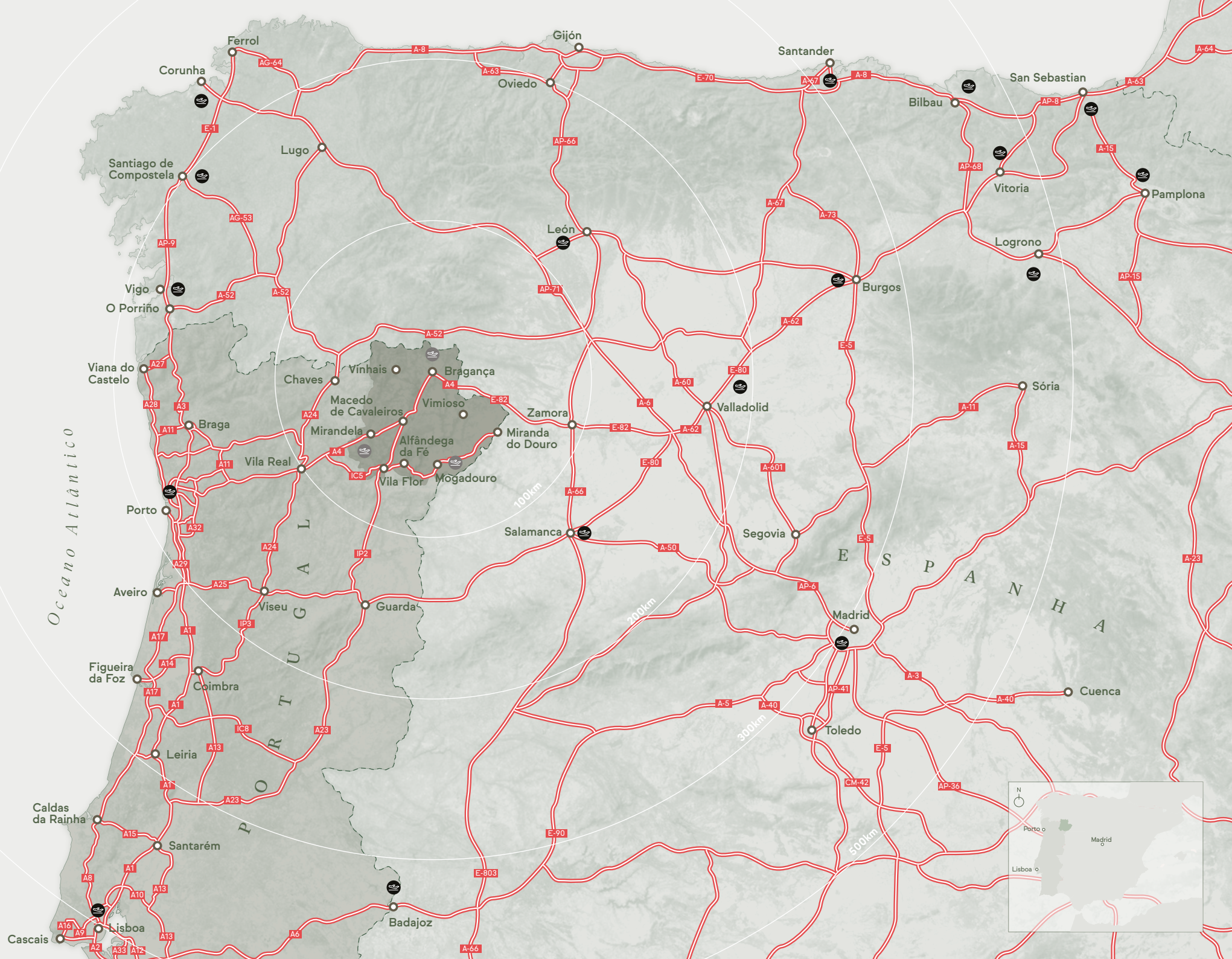
subscrição estrita ao regime de preços máximos anualmente tabelados por Portaria. Assim, a sub-região é servida por 8 operadores distintos, que oferecem 91 linhas de serviço base, 12 parcelares e 1 variante. A par destas carreiras tipicamente municipais, existem ainda serviços expressos, utilizados maioritariamente em deslocações de médio/longo curso e que ligam as Terras de Trás-os-Montes aos principais polos urbanos nacionais.

Outrora, a sub-região era servida pelas linhas de caminho de ferro do Sabor e do Tua. Neste contexto, é importante referir a proximidade do território às estações espanholas de comboios de alta velocidade AVE, particularmente à de Sanábria, a 50 km de Bragança.

No que respeita ao transporte aéreo, o maior fluxo de atividade concentra-se no Aeródromo de Bragança, localizado na freguesia de Baçal, contando com duas pistas de aproximadamente 1700 x 30 m, hangar e outras estruturas associadas, como uma aerogare com bar e sala de embarque. É daqui, por exemplo, que parte a concorrida ligação aérea Bragança-Lisboa-Portimão. Neste âmbito, funcionam ainda no território o Aeródromo Municipal de Mogadouro, o Aeródromo Municipal de Mirandela e o Heliporto Municipal de Macedo de Cavaleiros.



O percurso da Rota das Terras de Trás-os-Montes, permite descobrir aldeias, vilas, cidades e concelhos ricos em sabores, paisagens e cultura.





Outras Rotas

Via Romana XVII

Caminho de Santiago

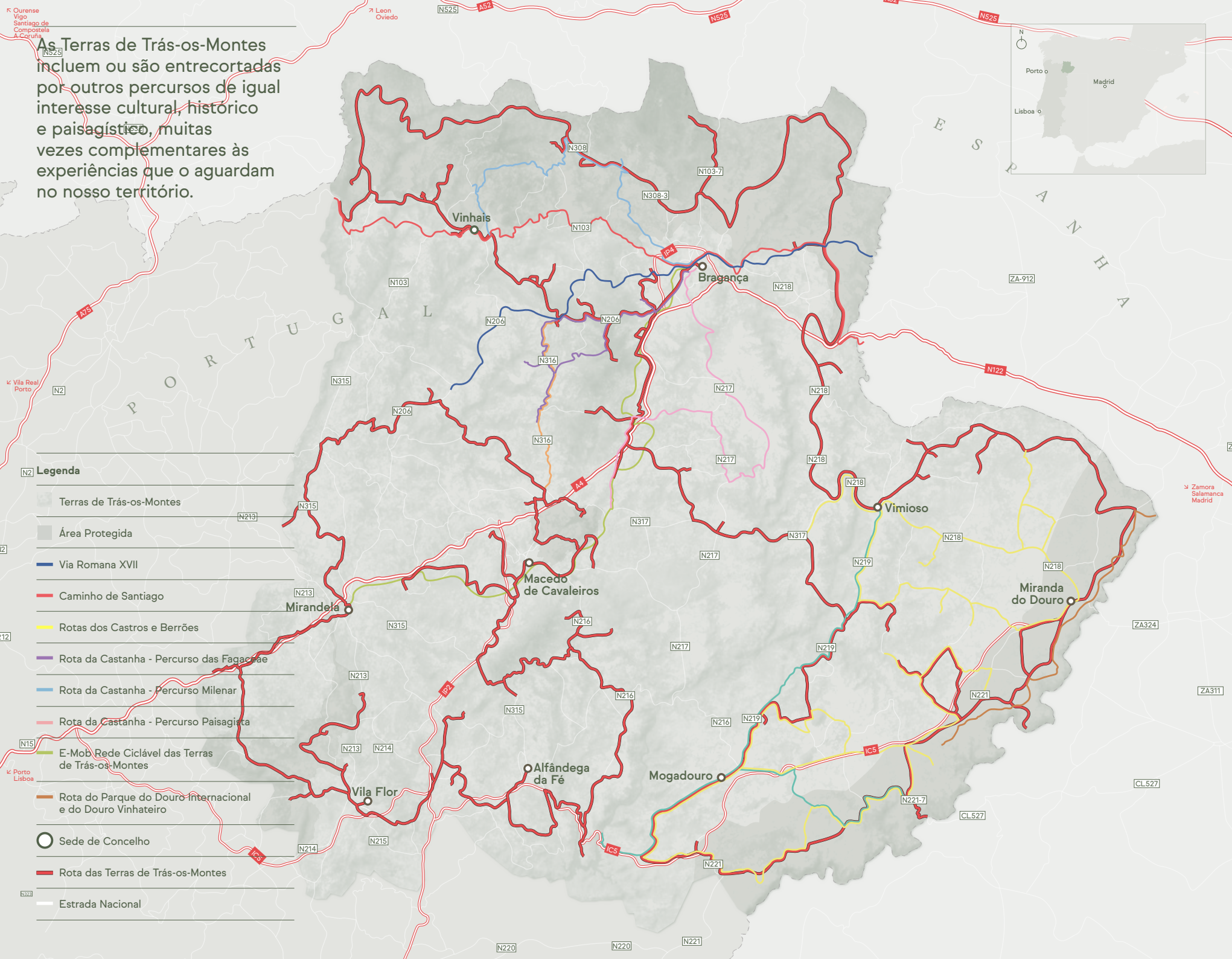
Rota dos Castros e Berrões

Rota da Castanha

Rota do Parque do Douro Internacional
e do Douro Vinhateiro

E-Mob Rede Ciclável das Terras de Trás-os-Montes

As Terras de Trás-os-Montes incluem ou são entrecortadas por outros percursos de igual interesse cultural, histórico e paisagístico, muitas vezes complementares às experiências que o aguardam no nosso território.



Rituais de Inverno



Festa da Cabra e do Canhoto	Cidões, Vinhais	31 de outubro
Festa de Santa Luzia / Festa do Velho e da Galdrapa	São Pedro da Silva, Miranda do Douro	13 de dezembro (ou domingo mais próximo)
Festa dos Rapazes	Varge, Bragança	25 e 26 dezembro (ritos preparatórios em 24 de dezembro)
Festa dos Rapazes	Aveleda, Bragança	25 e 26 dezembro
Festa de Santo Estêvão	Arcas, Macedo de Cavaleiros	25 e 26 de dezembro
Festa de Santo Estêvão	Parada de Infanções, Bragança	25 e 26 dezembro (ritos vão até 30 de dezembro)
Festa de Santo Estêvão / Festa das Varas	Rebordelo, Vinhais	25 e 26 de dezembro
Festa de Santo Estêvão	Ousilhão, Vinhais	25 e 26 de dezembro
Festa de Santo Estêvão / Festa dos Caretos	Torre de D. Chama, Mirandela	25 e 26 de dezembro
Festa dos Velhos	Bruçó, Mogadouro	25 de dezembro
O Careto e a Velha	Valverde, Mogadouro	25 de dezembro
Festa do Velho Chocalheiro	Vale de Porco, Mogadouro	25 de dezembro e 1 de janeiro
Festa de Santo Estêvão	Rebordãos, Bragança	26 de dezembro
Chocalheiro	Bemposta, Mogadouro	26 de dezembro e 1 de janeiro
Festa de Santo Estêvão	Grijó de Parada, Bragança	26 e 27 de dezembro

Festa de Santo Estêvão	Travanca, Vinhais	27 de dezembro
Festa das Morcelas ou da Mocidade	Constantim, Miranda do Douro	28 e 29 dezembro (os ritos preparatórios iniciam em 27 dezembro)
A Encamisada	Vale das Fontes, Vinhais	Noite de 31 dezembro
Festa do Menino e do Farandulo	Tó, Mogadouro	1 de janeiro
Festa do Menino / Festa da Belha / Festa do Ano Novo	Vila Chã da Braciosa, Miranda do Douro	1 de janeiro
Festa dos Reis	Rio de Onor, Bragança	Fim-de-semana anterior a 6 janeiro
Festa dos Reis	Baçal, Bragança	Fim-de-semana mais próximo de 5 e 6 janeiro
Festa dos Reis	Salsas, Bragança	1 a 6 de janeiro
Festa dos Reis	Rebordainhos, Bragança	6 de janeiro
Festa dos Reis e dos Roscos	São Pedro da Silva, Miranda do Douro	5 de janeiro
Carnaval	Vila Boa de Ousilhão, Vinhais	Sábado e Domingo Gordo
Entrudo Chocalheiro	Podence, Macedo de Cavaleiros	Sábado a Terça-feira de Carnaval
Carnaval	Santulhão, Vimioso	Terça-feira Carnaval
Morte e Diabo	Vinhais	Quarta-feira de Cinzas
Morte, Diabo e Censura	Bragança	Quarta-feira de Cinzas

Contactos úteis

SOS - 112

Alfândega da Fé

Guarda Nacional Republicana
T. 279 462 103

Bombeiros Voluntários
T. 279 462 429

Centro de Saúde
T. 279 462 686

Posto de Turismo
T. 279 462 739

Bragança

Guarda Nacional Republicana
T. 273 300 530

Polícia de Segurança Pública
T. 273 409 129

Bombeiros Voluntários
T. 273 300 210

Hospital
T. 273 310 800

Posto de Turismo
T. 273 240 020

Macedo de Cavaleiros

Guarda Nacional Republicana
T. 278 420 030

Bombeiros Voluntários
T. 278 428 530

Hospital
T. 278 428 200

Posto de Turismo
T. 278 099 166

Miranda do Douro

Guarda Nacional Republicana
T. 273 430 010

Bombeiros Voluntários
T. 273 432 122

Centro de Saúde
T. 273 430 040

Posto de Turismo
T. 273 430 025

Mirandela

Guarda Nacional Republicana
T. 278 201 000

Bombeiros Voluntários
T. 278 201 080

Hospital
T. 278 260 500

Posto de Turismo
T. 278 203 143

Mogadouro

Guarda Nacional Republicana
T. 279 340 210

Bombeiros Voluntários
T. 279 340 020

Centro de Saúde
T. 279 340 300

Posto de Turismo
Casa das Artes e Ofícios
T. 279 340 501

Vila Flor

Guarda Nacional Republicana
T. 278 518 130

Bombeiros Voluntários
T. 278 518 150

Centro de Saúde
T. 278 510 000

Posto de Turismo
T. 278 510 104

Vimioso

Guarda Nacional Republicana
T. 273 512 216

Bombeiros Voluntários
T. 273 512 115

Centro de Saúde
T. 273 510 030

Posto de Turismo
T. 273 518 120

Vinhais

Guarda Nacional Republicana
T. 273 770 090

Bombeiros Voluntários de Vinhais
T. 273 771 012

Centro de Saúde
T. 273 770 150

Posto de Turismo
T. 273 770 309

Ficha Técnica

Edição
CIM-Terras
de Trás-os-Montes

Equipa Coordenadora
Rui Caseiro
Pedro Morais
Sónia Lavrador
Luís Meirinho
Isabel Andrade

Fotografia
Raio Verde
João Pedro Marnoto
(p.142-143, 148-149)

Texto
Pedro Tavares

Tradução
Cláudia Tavares

Estudo e
Caracterização
SPI

Design
united by

Produção
Orgal Impressores

ISBN
978-989-33-5572-5

Depósito Legal
xxxx

Tiragem
5000 exemplares
©2023 CIM-TTM
Todos os direitos
reservados.

financiamento



promotor

